Colecção Autores Gregos e Latinos
Série Textos

Gaio Valério Flaco

Cantos Argonáuticos

Tradução do latim, introdução e notas
Márcio Meirelles Gouvêa Júnior





Gaio Valério Flaco

Cantos Argonáuticos
Argonautica

Tradução do latim, introdução e notas de
Márcio Meirelles Gouvêa Júnior
Universidade de Coimbra e Universidade Federal de Minas Gerais

CECH
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
da Universidade de Coimbra

Todos os volumes desta série são sujeitos a arbitragem científica independente.

Autor: Gaio Valério Flaco

Título: Cantos Argonáuticos - Argonautica

Tradução do latim, introdução e notas: Márcio Meirelles Gouvêa Júnior

Editor: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

Edição: 1ª/2010

Obra realizada no âmbito das actividades da UI&D

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

Universidade de Coimbra

Faculdade de Letras

Tel.: 239 859 981 | Fax: 239 836 733

3000-447 Coimbra

ISBN: 978-989-8281-32-6

ISBN Digital: 978-989-8281-33-3

Depósito Legal: 311504/10

Obra Publicada com o Apoio de:

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia

Ministério da Ciência e da Tecnologia

POCI/2010

Índice

Apresentação geral 9
Sandra Maria Gualberto Bianchet

Introdução 15

Cantos Argonáuticos - Argonautica
Canto I 31
Canto II 65
Canto III 89
Canto IV 117
Canto V 145
Canto VI 171
Canto VII 199
Canto VIII 223

Bibliografia 241

Agradecimentos:
Aos meus orientadores nos mestrados,
Doutora Sandra Bianchet
Doutor Carlos Ascenso André

O avô de Gonçalo, Damião, doutor liberal dado às Musas, desembarca com D. Pedro no Mindelo, compõe as empoladas proclamações do Partido, funda um jornal, o Anti-Frade, e depois das Guerras Civis arrasta uma existência reumática em Santa Irenéia, embrulhado no seu capotão de briche, traduzindo para vernáculo, com um léxicon e um pacote de simonte, as obras de Valerius Flaccus.

A Ilustre Casa de Ramires – Eça de Queiroz

Apresentação

Em que reside o encantamento de se ler, hoje, no século XXI, a tradução de um texto épico escrito em latim há quase 20 séculos, que revisita e reescreve mitos e lendas de heróis gregos, quase tão distantes do século I quanto agora o é de nosso tempo o texto original da tradução que aqui se apresenta? Não seria essa apenas mais uma versão da notabilíssima história da viagem dos argonautas à Cólquida, em busca do velocino de ouro, e dos desdobramentos da tumultuada relação amorosa entre Jasão, o chefe da expedição, e a selvagem Medeia? Não seria essa obra apenas mais um produto do esforço emulatório de um escritor romano da "decadente" época flávia a partir da obra homônima escrita por Apolônio de Rodes? Não há dúvida de que a resposta a cada uma dessas perguntas – ou, melhor dizendo, provocações – é não. Apesar do inquestionável culto ao princípio da *imitatio*, que, de resto, era parte integrante do fazer poético na antiguidade, Valério Flaco, em seus *Argonautica* (*Cantos argonáuticos*), deixa a marca evidente de sua originalidade, mormente ao apresentar ao leitor um novo modelo de herói, anacronicamente revestido de diversas *uirtutes* caras aos romanos.

A obra de Valério Flaco certamente traz em si a memória de toda a produção literária – épica, em

particular, de Homero a Lucano – a que o autor flaviano teve acesso, e não é difícil identificar ao longo dos *Cantos argonáuticos* a retomada dos paradigmas estabelecidos por seus antecessores, principalmente por Virgílio. Mas traz também a marca do novo, das tendências estéticas literárias então florescentes, num claro movimento ora de aceitação, ora de rejeição, ora de inovação em relação ao cânone literário.

Sob essa perspectiva, o verso inicial da narrativa épica de Valério Flaco, de certa forma, pode ser interpretado como esclarecedor do alcance e da sublimidade da obra pretendidos:

Prima deum magnis canimus freta pervia natis.

O caráter sublime da épica se revela através da cuidadosa escolha lexical na composição do verso 1: os três primeiros vocábulos põem em destaque a primazia (*prima*), a superioridade (*deum*) e a grandiosidade (*magnis*) da narrativa que se inicia; o quarto vocábulo, por sua vez, reforça a firme vinculação com o ritmo e a musicalidade do canto bélico: o poeta não *diz*, não *narra*, não *informa*, apenas; o poeta *canta*.

Mas seremos, nós, leitores do século XXI, capazes de compreender a obra de Valério Flaco para além do enredo, dos episódios eróticos e das digressões de caráter mitológico? A presente tradução poética dos *Cantos argonáuticos*, a primeira em língua portuguesa de que se tem notícia, se nos apresenta como uma via segura de acesso não só às informações do argumento, mas também ao som, ao ritmo, à cadência, enfim, à musicalidade do poema épico. Através da manutenção

da dimensão sonora, o ritmo do poema não se perde – cria-se um novo ritmo, dentro dos parâmetros prosódicos do novo código linguístico, do novo lugar do texto poético.

Esta tradução poética dos oito cantos dos *Cantos Argonáuticos*, feita a partir do texto estabelecido por Ehlers na edição da *Bibliotheca Teubneriana*, representa o resultado bem-sucedido de um trabalho acadêmico levado a cabo com esmero em relação ao texto latino e com sensibilidade poética. Tal como um intrépido marinheiro, o tradutor Márcio Meirelles Gouvêa Júnior, mestre em estudos clássicos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG e em Cultura Clássica pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, fez a opção, corajosa, pelo verso metrificado, e, com sua bravura, consegue preservar do "naufrágio" o caráter imponente e sublime do canto épico, reproduzindo em língua portuguesa o ritmo marcial e a musicalidade encontrados no original latino. A escolha do metro dodecassílabo, nas modalidades formais 4x4x4, ou 6x6, com cesura, permite manter a correspondência verso a verso, original e tradução – para cada hexâmetro, um dodecassílabo – sem dispensar a propalada *brevitas* flaquiana.

De fato, o tradutor é um leitor que se impõe a tarefa de externar sua leitura, com as impressões e, algumas vezes, imprecisões, decorrentes da própria situação de distanciamento temporal e cultural em que texto de partida e texto de chegada se encontram.

Assim, antes de tudo, o tradutor é um leitor, poder-se-ia dizer, diferenciado, que tem o privilégio (ou seria ousadia?) de concretizar uma experiência de leitura que é sua, que é interior. Aqui, através de suas escolhas sintáticas, lexicais e rítmicas, o tradutor processa o signo poético e, com engenho, abre a via para o inacessível, sem relevar as perdas e ganhos inerentes ao processo tradutório. Dessa maneira, estabelece ele, tradutor-já-agora-autor, a aproximação da tradução com o texto de Valério Flaco. Destaca-se o cuidado com a correspondência entre o metro e o gênero da poesia adotados; com a expressão adequada do imaginário da sociedade romana da época e de suas crises políticas, crenças e desejos; e, principalmente, com os elementos rítmicos: som e sentido se associam e se complementam.

Se toda tradução representa uma versão, uma dentre as várias possíveis opções de transposição de um texto para outra língua, o leitor da presente tradução dos *Cantos argonáuticos*, indubitavelmente, terá acesso a uma versão brilhante da obra e certamente não terá suas expectativas frustradas, se o desejo é o de se deleitar com o valor poético de que os *Cantos argonáuticos* se revestem.

Retomemos, por fim, a pergunta inicial: em que reside o encantamento de se ler, hoje, no século XXI, a tradução de um texto épico escrito em latim há quase 20 séculos, que revisita e reescreve mitos e lendas de heróis gregos, quase tão distantes do século I quanto agora o é de nosso tempo o texto original da tradução

que aqui se apresenta? No canto está o encantamento, a recompensa, o prêmio do leitor que se decide por singrar *prima freta*, que se tornam *pervia* pelas mãos seguras de um tradutor que ousou não permitir que o canto épico se perdesse na sintaxe e nas escolhas lexicais.

Doutora Sandra Maria Gualberto Bianchet
(Professora da Universidade Federal de Minas Gerais)

Introdução

Quando Gaio Valério Flaco, no último quartel do século I d.C., compôs seus *Cantos Argonáuticos*, a política imperial romana vivia tempos de restauração. Isso porque toda a estabilidade e a grandeza alcançadas no paradigmático principado de Otávio Augusto – o grande fundador do Império Romano –, haviam sido comprometidas pelos desastrosos atos praticados por uma seqüência de controversos e turbulentos Césares. Tal como aparece na corrente dominante da historiografia da época, às muitas qualidades do primeiro *Princeps*, sucederam a brutal tirania de Tibério, a loucura desvairada de Calígula, a burocrática tibieza de Cláudio, a vaidade histriônica de Nero e a sangrentas e malfadadas disputas entre os apoiadores de Galba, Otão e Vitélio. Por isso, em 69 d.C., quando o velho general Vespasiano, vencedor das guerras da Judeia, foi finalmente aclamado imperador de Roma pelos exércitos do Oriente, sua mais urgente tarefa foi a de buscar restaurar a solidez das instituições de poder e a estabilidade sócio-econômica conhecidas pelos romanos nos anos do começo do Império. Teve, então, início um vasto programa de reconstrução dos templos dedicados aos antigos imperadores divinizados; de edificação de monumentos comemorativos às vitórias dos novos soberanos; de produção de faustosos triunfos em honra

das conquistas bélicas dos generais e de suas tropas, sob o comando simbólico dos imperadores; de reemissão de moedas com a efígie dos príncipes anteriores, mas com inscrições atualizadas, a fim de ligar a imagem dos novos detentores da dignidade imperial à dos antigos descendentes dos Júlio-Cláudios. Afinal, como a nova dinastia – a de Vespasiano, Tito e Domiciano: os Imperadores Flávios – não provinha de antepassados ilustres, necessitava de afirmar, com insistente veemência, seus próprios méritos e suas pretensas virtudes.

Nesse esforço propagandístico de enaltecimento e legitimação da nova linhagem dinástica, também a literatura ocupou papel relevante. Mais uma vez, em recorrência ao período do Divino Augusto – quando os poetas dos círculos de Mecenas e de Polião levaram ao apogeu as letras latinas –, e com o deliberado intuito de se rechaçarem as inovações e tendências ao exagero e à dramaticidade patética valorizadas pela literatura produzida entre os governos de Tibério e de Nero, houve por parte dos literatos a tentativa de retorno às formas e aos modelos já consagrados como clássicos no cânone literário de então.

De fato, essa profunda alteração no estilo da produção artística e literária decorreu principalmente da política cultural dos novos *principes*. Graças aos incentivos de Vespasiano[1], foi retomada a colaboração entre os intelectuais e o Regime Imperial – tão significativa durante o principado de Augusto. Ademais, com o início do governo de Domiciano, regressaram os

[1] Suet. *Ves.* 18-19.

mecenatos imperiais e privados, com o conseqüente relançamento de abundante produção literária. No entanto, o rígido controle imperial dos Flávios não só da literatura, mas de toda a propaganda do período, cooptou e direcionou esses escritores, que passaram a produzir, sobretudo, panegíricos adulatórios ao Imperador. Lançaram-se, então, as poesias laudatórias e de circunstância, com conteúdo expresso encomiasta, sob a inspiração emulatória de Virgílio, que celebrara a grandiosidade de Roma e de Augusto no canto épico de sua *Eneida*.

Retomando, pois, a tradição da poesia épica latina, cujo teor ideológico patriótico remontava às manifestações arcaicas do gênero, Valério Flaco compôs os *Cantos Argonáuticos*. Escrito inicialmente para celebrar os feitos navais de Vespasiano, que durante o principado de Cláudio realizara a façanha marinheira de participar da expedição que contornara pela primeira vez o mar da Caledônia – atual Escócia –, o poema épico tinha por tema a mítica viagem inaugural da nau Argo, o primeiro navio a singrar o mar até então desconhecido.

Eis seu argumento: Jasão, o jovem e sempre garboso príncipe de Iolcos, compelido pelo tio Pélias que temia sua crescente fama, partiu para a maior aventura até então realizada pelo gênero humano – a abertura dos mares à navegação. Contudo, ele não o fez sozinho. Sob a proteção das deusas Juno e Minerva, acompanhavam-no os maiores e mais afamados heróis da Hélade, desde os divinos Hércules, Orfeu e os Dioscuros, até os pais dos combatentes de Tróia e os participantes da célebre

caçada ao javali da Caledônia. Embarcados na sagrada nau Argo, construída por inspiração direta de Minerva com as proféticas madeiras falantes do monte Dodona e do monte Pélio, os intrépidos jovens partiram em busca do Velocino de Ouro, o precioso pelame metálico do carneiro forjado por Vulcano para transportar ao Oriente, em fuga pelo mar, Hele e Frixo, os parentes de Jasão que foram perseguidos pela cruel madrasta Ino. No entanto, como a intenção do rei Pélias ao mandar Jasão ao mar não era a de aumentar a glória do sobrinho, mas de causar-lhe a morte, incontáveis foram os perigos a que se sujeitaram os audazes marinheiros antes de alcançarem a remota Cólquida – a distante terra no levante que acolhera Frixo – e de conseguirem, finalmente, o Tosão de Ouro. Assim, nas escalas da navegação, os argonautas enfrentaram perigos e desafios, fortalecendo suas têmperas e afirmando-se como valorosos heróis. Então, na ilha de Lemnos, eles fecundaram as viúvas assassinas dos maridos; em Tróia, Hércules libertou a virgem Hesíone e matou o cruento monstro que aterrorizava a cidade de altas muralhas; por sua vez, no reino de Cízico, os corajosos varões lutaram, posto que em infausta luta, com denodo e valentia, espalhando mortes e desgraças, como instrumento de vingança da divina Cibele; já na Bebrícia, o ágil Pólux venceu o gigante Âmico no pugilato, derrotando, assim, o terrível e feroz filho de Netuno; por seu turno, junto ao cego adivinho Fineu, os alados filhos do deus Bóreas caçaram as Harpias, afastando, por conseguinte, a terrível pena imposta por Júpiter ao vate por ter desvelado aos

homens seus desígnios; e, finalmente, na entrada do mar Euxino, os indômitos nautas passaram por entre os terríveis e, até então, intransponíveis rochedos moventes, abrindo, com tal ato, o mar às navegações. Só então os argonautas puderam atingir, na foz do rio Fase, a tão almejada Cólquida, governada por Eetes, o filho do Sol. Então, diante do rei, Jasão, sob a proteção das sagradas regras de hospitalidade, pediu-lhe que lhe entregasse o Velocino de Ouro, considerado pelo povo o talismã máximo daquele reino. Em razão daquele pedido, Eetes, irado e impedido de matar os jovens gregos pelos sacros deveres de anfitrião, viu-se constrangido a concordar com a solicitação do herói, impondo, contudo, a condição de que antes Jasão e os argonautas lutassem ao lado das tropas reais na guerra contra Perses, irmão de Eetes, confiado em que os nobres gregos não sobreviveriam aos aguerridos combates. Por isso, comandando mais uma vez o contingente dos argonautas, Jasão enfrentou bravamente o campo de batalha e proporcionou ao rei dos Colcos a vitória na guerra, merecendo, por isso, pela primeira vez, o prêmio prometido – o Tosão. No entanto, Eetes, atemorizado pelos vaticínios contrários à entrega do pelame, apesar de suas promessas, não lho concedeu; pelo contrário, impôs ao jovem herói novas e dificílimas provas – provas que apenas ele mesmo conseguira realizar nos dias de sua juventude: jungir os touros de pés de bronze que vomitavam fogo; arar com eles o campo de Marte; semear com os dentes da serpente de Cadmo as messes lavradas; e derrotar os guerreiros de pedra surgidos das lavras, que deveriam ser mortos

antes do final de um dia. Entretanto, o pérfido rei não contava com o auxílio que sua jovem filha, a feiticeira Medeia, proporcionaria ao herói marinheiro. Esta, sob os influxos da paixão despertada por Juno com os artifícios emprestados por Vênus, apegara-se violentamente ao capitão dos argonautas, de tal modo que seu pudor e seus deveres filiais foram suplantados pela infeliz paixão pelo formoso Jasão. Ela, então, sob o império do épico amor deletério, concedeu ao herói os sortilégios que o protegeriam do fogo soprado pelos touros mágicos, e um elmo divino – o Elmo da Discórdia – que, lançado entre os guerreiros de pedra, os faria lutar entre si até a morte. Em troca, mesmo sem qualquer pedido da princesa bárbara, Jasão prometeu-lhe o casamento e uma nova vida na Grécia. Por isso, protegido pelos feitiços da jovem maga, o herói venceu com galhardia todas as provas. Mas mais uma vez Eetes lhe entregou os justos prêmios. Jasão, por isso, com nova ajuda de Medeia, conseguiu, às ocultas, furtar o pelame, mas não sem antes ver a princesa colca fazer adormecer, para prejuízo de seu pai, de seu reino e de sua virtude, a imensa serpente guardiã do rico velocino. De posse, enfim, do prêmio tantas vezes prometido e negado, Jasão partiu de volta para Iolcos, levando consigo a donzela, com quem ele se casaria sob o beneplácito dos companheiros, e com quem consumaria as núpcias sobre o pelame dourado. Perseguiu-os, todavia, Absirto, meio-irmão de Medeia, mandado pelo rei seu pai para levar de volta à Cólquida o velocino e a feiticeira. Contudo, as deusas protetoras da expedição provocaram uma terrível tempestade, que

desbaratou praticamente toda a frota comandada pelo príncipe bárbaro. No entanto, Absirto, que sobrevivera à tormenta, sitiou os argonautas, que passaram, daí, a hostilizar Medeia e a desprezar o pacto celebrado entre ela e Jasão. Este, por seu turno, constrangido pelos sócios decidiu, a despeito de todas as suas juras, devolver a jovem princesa ao irmão, levando-a a queixar-se com ele de sua ingratidão, pouco antes do término abrupto do poema, a poucos versos de seu esperado desfecho.

Tratava-se, contudo, de uma temática bastante conhecida na Antigüidade, uma vez que menções ao mito dos argonautas podem ser achadas já nos cantos homéricos[2]. Além disso, as referências à primeira saga náutica são também encontradas em Hesíodo[3], Píndaro[4], Eurípides[5], Teócrito[6], Apolônio de Rodes[7], Ênio[8] e Ovídio[9], além de em uma miríade de outros escritores cujas obras encontram-se na atualidade demasiadamente fragmentadas ou perdidas. No entanto, apesar de tamanha fortuna poética do mito, Valério Flaco conseguiu conferir à narrativa uma certa dose de originalidade, ao adaptar a velha temática grega a feições e valores típicos latinos.

Quanto à vida de Gaio Valério Flaco, o único registro confiável acerca dele, proveniente ainda da

---

[2] Hom. *Il.* 8, 467-469; Hom. *Od.* 9. 253-259; Hom. *Od.*13. 55-82.

[3] Hes. *Th.* 956-962; 992-1002.

[4] Pind. *P.* 4.

[5] Eur. *Med*

[6] Theoc. 13; 22.

[7] Apollon. 3; 4.

[8] Enn. *Scen.*

[9] Ov. *Ep.* 6 e 12; Ov. *Met.* 7; Ov. *Medeia* (hoje perdida).

Antigüidade, foi transmitido por Quintiliano no breve lamento deixado em razão de sua morte – *multum in Valerio Flacco nuper amisimus*: "Há pouco, muito perdemos com Valério Flaco[10]". Trata-se, certamente, de uma singela nota, mas que foi capaz de fornecer à história da literatura a exclusiva indicação da data limite do presumível encerramento da composição do poema, definida pelo ano de 95 d.C., quando da publicação da obra de Quintiliano. As demais informações sobre a vida do poeta foram extraídas, com todos os riscos de imprecisão daí decorrentes, da obra do próprio escritor e de precárias anotações deixadas nos manuscritos medievais que transmitiram seu texto. Graças a um desses manuscritos – o Códice Vaticano 3277, do século IX –, pretendeu-se adicionar aos nomes do poeta referidos por Quintiliano os epítetos de *Setinus Balbus*, em pretensa e frágil indicação ao local de seu nascimento – a região da Sécia, na Campânia. Por outro lado, pela leitura do proêmio dos *Cantos Argonáuticos* (1, 5-6) e pelo consenso dos estudiosos, concluiu-se que Flaco fora um dos *quindecimviri sacris faciundis* – um dos quinze sacerdotes a serviço de Apolo, responsáveis pela guarda e pela consulta dos Livros Sibilinos[11], ou seja, um dos exclusivos intérpretes em momentos de crise ou de aparecimento de prodígios, demandados apenas pelo Senado, dos sagrados livros que conteriam os vaticínios e os rituais concernentes aos destinos de Roma.

---

[10] Quint. *Inst.* 10. 1. 90

[11] Liv. 7.27; 21. 62; 31.12.

Por seu turno, se para a data de conclusão, ou de interrupção, do poema o texto de Quintiliano forneceu seu *terminus ad quem*, foram mais uma vez os próprios versos de Valério Flaco que deram indicações da data de início, ou pelo menos do período de produção dos *Cantos Argonáuticos*: a invocação a Vespasiano (1, 7-12); a referência à destruição de Jerusalém, no ano 70 (1, 13); a homenagem às pretensões literárias de Domiciano (1, 12); a instituição do culto divino a Vespasiano (1, 15); a erupção do Vesúvio, em 24 de agosto de 79 (3, 207-208; 4, 507 e ss.), e as esparsas indicações acerca da campanha de Domiciano contra os Sármatas, no ano de 89 d.C.

Quanto ao *corpus* do poema propriamente dito, embora haja evidências de sua veiculação parcial em coletâneas e florilégios medievais, seu texto integral – ou aquele que alcançou a modernidade – apenas foi descoberto em 1416, no mosteiro de Sanctus Gallus, na Suíça, pelo humanista florentino Poggio Bracciolini, que o transcreveu e o pôs em circulação treze anos mais tarde. Tratava-se de um conjunto, hoje perdido, de 5.592 versos hexâmetros, dispostos em oito cantos, interrompidos bruscamente antes da conclusão da narrativa poética. Essa incompletude do texto, por sua vez, ocasionou acirrados debates que buscaram inferir a provável extensão original do poema – se composto por oito cantos, em estreita correlação com os quatro cantos dos *Argonautica* de Apolônio de Rodes, ou, por outra, se composto por doze cantos, aos moldes da *Eneida*, de Virgílio. Apesar das óbvias incertezas quanto ao tema, a

opinião majoritária atual faz crer que o poema flaquiano devesse contar apenas com os oito cantos atuais; e que a parte faltante, estimada em 300 versos, a julgar pela média dos demais cantos, em vez de ter se perdido, talvez mesmo nunca tenha sido escrita.

Quanto ao poema em si, em uma interpretação que privilegia a hipótese de sua extensão original em oito cantos – em paralelo estrutural com a divisão em duas metades da *Eneida*, segundo a qual a primeira parte do poema de Virgílio corresponderia à viagem formadora do herói; e a segunda, ao canto de seus feitos – também os *Cantos Argonáuticos* apresentam-se, no seu atual estado de conservação, cindidos em duas grandes seções: a viagem dos argonautas, nos seus primeiros quatro cantos, e os feitos de Jasão na Cólquida, nos quarto derradeiros. Na porção inicial, concorreram todos os marinheiros, em episódios de curtas aventuras, por meio das quais foram provadas e enaltecidas suas virtudes; na metade final, após um grande combate em que tanto os heróis quanto seu capitão exerceram suas qualidades já comprovadas, seguiu-se a gesta de Jasão, capaz de angariar os favores de Medeia e de cumprir os difíceis trabalhos lhe impostos pelo tirânico e pérfido Eetes.

Já quanto à estrutura poética da obra, Valério Flaco seguiu praticamente todos os paradigmas do canto épico. Estão presentes os elementos característicos do exórdio (proposição e invocação), os catálogos dos heróis, a cena da tempestade, o completo aparato divino, inclusive com as desavenças entre as divindades

(Juno, Minerva e Vênus, como deusas favoráveis; Sol e Marte, como deuses opositores), e mesmo uma cena de vaticínio que, embora não seja uma verdadeira descida aos infernos, prediz os eventos futuros, em nova recorrência ao encontro de Enéas e Anquises no Orco. No que concerne aos deuses, estes foram tratados, sobretudo, de modo decorativo, respondendo à feição racionalista da época; no entanto, mantiveram seu poder alegórico, notadamente Júpiter, para anunciar a grandeza de Roma e de seu Império.

Quanto ao herói das *Argonautica*, este se revelou herdeiro inequívoco de toda a tradição épica. Êmulo aguerrido de seus pares literários, ele conseguiu suplantá-los, a ressaltar as qualidades de cada um daqueles, e a rechaçar seus defeitos, aquilatados no tempo dos Flávios. Por isso, como os guerreiros da *Ilíada* e como o Enéas latino, o Jasão flaquiano mostrou-se indômito combatente, capaz de enfrentar as batalhas e de existir em uma sociedade predominantemente bélica e castrense, como a romana imperial; por outro lado, como o herói da *Odisseia*, o capitão dos Argonautas alcançaria sua glória e fama a partir da realização de ingentes trabalhos, em uma valorização inequívoca da *patientia*, ou melhor, da capacidade de padecimento ou de tolerância perante os sofrimentos tipicamente romana; contudo, outra vez como Enéas, Jasão ainda se revelou pio e reverente, como o deveria ser o cidadão ideal do Império formado por Augusto; finalmente, como o Jasão helenístico, o herói latino fez-se diplomático e sedutor, em uma adequação precisa e necessária aos tempos cosmopolitas do final do

século I d.C., quando Roma, à semelhança do império de Alexandre, atingia sua máxima abrangência.

Por seu turno, o canto de Valério Flaco apresenta ainda outra característica fundamental – desta vez, para sua leitura no original latino. Trata-se de sua característica declamatória, como, de resto, de boa parte da literatura pós-virgiliana. As *declamationes* tão típicas do período de Tibério, de Cláudio e de Nero – a julgar pelos relatos de Suetônio e de Quintiliano – haviam impregnado o gosto literário latino, de tal sorte que os efeitos grandiosos, os aparatos artificiais e as intensidades apaixonadas caracterizaram boa parte da produção poética da época. Assim, o texto flaquiano exige uma atenção especial no que se refere ao ritmo da declamação, de tal maneira que o sentido do verso apenas se desvela se forem respeitadas as rigorosas e intrincadas normas de prosódia latina. Sob a cadência do hexâmetro e com a atenção mantida nas cesuras do verso original, o sentido se patenteia sem qualquer entrave. Por esse motivo, justifica-se a presente opção tradutória, feita, a partir do texto estabelecido por Ehlers na edição alemã da *Bibliotheca Teubneriana*, executada em versos dodecassílabos pela primeira vez em língua portuguesa, os quais permitem, apesar da impossibilidade de restauração do ritmo latino, a repetição, no português, de um passo heróico e grandioso, como aquele intentado por Flaco nos mais de 5.500 versos de sua obra. Por outro lado, a opção preferencial pelo uso da forma variante rítmica ternária dos versos dodecassílabos (4x4x4) permitiu a adequação da brevidade do canto latino ao português, ao admitir três seções de ideias no

interior de um único verso, como, também de forma majoritária, foi a opção de Valério Flaco.

Por fim, agradeço muito pela generosidade dos meus orientadores, a Doutora Sandra Bianchet e o Doutor Carlos Ascenso André, responsáveis diretos pela conclusão dos meus mestrados pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, no Brasil, e pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em Portugal. Foi graças a eles que esta tradução realizou-se. Agradeço também ao Doutor Francisco de Oliveira pelas muitas sugestões, sempre acolhidas, para a melhoria, correção e clareza do texto final; e ao Doutor Delfim Leão, cujo ânimo incansável e o vigor intelectual tanto têm contribuído para a integração dos Estudos Clássicos desenvolvidos nos diversos países lusófonos. Finalmente, agradeço com máximo entusiasmo ao Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra que, por intermédio de sua entidade publicadora, fez concreta não apenas a divulgação desta proposta de tradução, mas sobretudo pela iniciativa e pela coragem de patrocinar a formação da coleção *Classica Digitalia*.

Cantos Argonáuticos

Argonautica

Canto I

Primo[1] mar canto aberto por divinos filhos
E a nau profética[2] que ousou buscar na Cítia[3]
O Fase[4] e, em meio às pedras móveis[5], romper curso,
E que assentou-se, enfim, no Olimpo constelado[6].
Febo, me inspira, se a Cumaia casta cuba[7],
Que tudo sabe, eu tenho em casa e verdes louros
Honram-me a fronte. E ó tu[8] de quem maior é a fama
Dês que oceano caledônio[9], antes hostil
Aos frígios Júlios[10], tuas velas transportou,

---

[1] Trata-se do Canto inaugural das navegações, pois os mares ainda não haviam sido desbravados pelo homem.

[2] Argo, a nau, tinha por mastro um tronco de carvalho do monte Dodona, razão pela qual podia proferir vaticínios.

[3] Região ao norte das terras conhecidas dos antigos, situada entre parte da Europa e da Ásia.

[4] Rio da Cólquida, localizado no extremo oriental do Ponto.

[5] As Rochas Moventes – última aventura dos Argonautas, antes da entrada no Bósforo.

[6] Informação sobre a transformação mítica da nau Argo em constelação.

[7] Trípode de Apolo, utilizada pela Sibila de Cuma. Provável alusão ao cargo de Valério Flaco, na função de *quindecimvir sacris faciundis.*

[8] Vespasiano, que teria participado da expedição à Escócia no principado de Cláudio, segundo testemunho de Suet. *Ves.* 4.

[9] Mar da Escócia.

[10] Referência aos imperadores Júlio-Cláudios. Júlio César não obtivera sucesso na expedição à Britânia (*De bello Gallico,* 4,29). Além disso, o adjetivo *frígio* se refere à mítica descendência da família Júlia, provinda do troiano Enéas.

Do povo eleva-me, ó Pai Santo, e da brumosa
Terra, e auxilia-me a cantar as venerandas
Façanhas dos heróis. A queda da Idumeia[11]
Teu filho mostra[12], pois que o pode, e o irmão feroz[13],
Negro de pó, tochas lançando às torres Sólimas[14].
Culto divino a ti, e um templo à tua gente[15],
Prestará ele quando, ó pai, no céu brilhares
E à tíria nau não for a Ursa melhor norte,
Nem pelo mestre grego a Barca[16] mais marcada.
Se assinalares, a Fenícia, a Grécia e o Nilo
Darão suas naus ao mar. Ó Sereno, a iniciar
Me ordena, e que esta voz encha as urbes latinas.
Pélias regia a Hemônia[17] desde os primos anos –
Temor dos povos, grave e longo. O Jônio[18] buscam
Todos os rios que eram seus. O Hémon e o Ótris
Fértil arava, e o pé do Olimpo[19], mas sem paz
Na alma assustada por divinas ameaças
E pelo filho do irmão: que este seria
O fim do rei os vates cantam. Maus presságios
No altar repetem-se; e do herói a fama aumenta –

[11] Jerusalém.

[12] Domiciano, que teria escrito um poema sobre a tomada da Judeia.

[13] Tito, participante da Guerra da Judeia.

[14] De Jerusalém.

[15] Referência ao *Templum Gentis Flaviae,* construído por Domiciano.

[16] Ursa e Barca: constelações usadas pelos marinheiros para navegação.

[17] Tessália.

[18] Mar da Jônia.

[19] Ótris, Hemon e Olimpo: montes da Tessália.

Ao rei, porém, essas virtudes não agradam.
Ele decide, então, findar o herói e o medo
E imagina a ocasião e o modo de o fazer.
Porém, não vê nas vilas gregas guerra ou monstros:
Já com a clenaia boca[20] o Alcides cobre as têmporas,
Da lérnea hidra, há muito, a Arcádia é protegida
E de ambos touros já quebrados são os chifres[21].
Tem por melhor a ira e os riscos do oceano.
Então, fitando-o com tranqüila face, manso,
O alcança; e dá aos fictos ditos peso e vulto:
"Anui por mim com esta empresa, que é mais bela
que as dos antigos. Sabes como o creteu Frixo[22] –
Sangue nosso – fugiu dos altares do pai.
O fero Eetes[23], que cultiva a Cítia e o Fase
Enregelado – ó horror p'r'o Sol! –, matou o hóspede
Entre os ritos da ceia, ante a atônita mesa,
Não lembrado de nós ou do deus. Não só a núncia
Fama o diz: lamentando a seva sorte, ao jovem
Eu mesmo vejo quando o tardo sono prende-me
O corpo exausto. A sombra dele, com ais constantes,
Ao deus do Mar e a Hele chama. Se me houvesse
A antiga força, então verias tu já a Cólquida
Penar e, aqui, do rei as armas e a cabeça.
O meu ardor perdeu-se há anos e o meu filho
Não inda é pronto para o mando, a guerra ou o mar.

[20] A cabeça do Leão de Nemeia.

[21] O touro de Creta, domado por Hércules, e o Minotauro, morto por Teseu.

[22] Filho de Atamante, que foi transportado, com a irmã Hele, ao Oriente sobre o Carneiro de Ouro.

[23] Rei da Cólquida.

Tu, em quem vigoram já inquietudes varonis,
Vai, Honra, e o velo[24] do carneiro de Nefele
Ao altar grego traz – sê digno dos perigos!"
Assim o exorta, ou mais, lhe ordena; este, valente,
Calou-se. As Ciâneas no mar cítio se chocarem
Não sabe, e ser guardado o velo pela serpe
Que as línguas vibra, a quem com cantos e oferendas
Chamava templo afora a filha régia e dava-lhe,
Com os venenos estrangeiros, verde mel.
Logo mostrou-se o dolo mudo e não cuidar
Do velo o rei, mas de o[25] lançar por ódio ao mar.
Segue buscando por qual arte aos colcos chegue:
Queria de Perseu as sandálias aladas
Ou o carro e as cobras que guiava, qual se crê,
Quem[26] com o arado encheu as terras não sabidas
De Ceres e, co'o trigo, o carvalho danou.
Que faz? Ou chame o débil povo hostil ao velho
Tirano e os nobres que de Éson se apiedaram,
Ou, fiado em Juno e na armissonante Palas,
Não mais espere e enfrente o mar, se alguma fama
Pode surgir, domado o ponto, de tais feitos.
Só tu inflamas, Glória, os ânimos e a mente;
Verdes te vêem e imune ao tempo, firme às margens
Do Fase, aos jovens a chamar. Enfim, o culto
O incerto n'alma e o coração confuso firma.
Erguendo aos céus as pias mãos: "Ó onipotente

[24] O Velo, ou o Tosão, ou o Velocino de Ouro: o pelame do Carneiro de Ouro, forjado por Vulcano.

[25] A Jasão.

[26] Triptólemo, inventor da agricultura.

Rainha", diz, " - que, quando, túrbido, no escuro
Céu, Jove sacudira a negra tempestade,
Eu carreguei pelo Enipeu[27], da chuva inchado,
Segura aos campos, e não pude crer-te deusa
Até que, co'o trovão e o raio, reclamou-te
O esposo, e vi-te presa por súbito medo -,
A Cítia e o Fase dá-me! E tu, inuba Palas,
Salva-me! O velo ao vosso templo ofertarei;
Dará meu pai ao fogo vítimas com áureos
Chifres, e cingirão o altar as níveas reses".
Pelo ar as deusas o escutaram e, num arrojo
Tomaram rumos diferentes: a Tritônia
Ao muro téspio, ao caro Argo, desce rápida.
Construir a nau lhe ordena e, a ferros, deitar árvores;
Às pélias[28] sombras o acompanha. Espalha Juno
Por macedônicas e argólicas cidades
Que Jasão desafia inexplorados ventos,
Que a nau é pronta e que, soberba pelos remos,
Busca a quem leve e exalte os feitos pelos séculos.
Anseiam todos: capitães, co'a fama em guerras
Já comprovada, e os que na flor da juventude
Não têm ainda obras muitas que os recordem.
Os que nos campos e no inócuo arado esforçam-se
Os estimulam. Pelos bosques e caminhos,
À luz do dia é a nau levada; cantam faunos,
Deusas da selva e os ribeirões de altivos cornos.
Da ináquia Argos o Tiríntio[29] logo acorre

[27] Rio da Tessália.
[28] Do monte Pélio, situado na Tessália.
[29] Hércules.

Cujo arco e as flechas inflamadas por veneno
Arcádio o jovem Hilas leva aos ombros ledos –
Quisera a clava, mas a mão ainda não era
Capaz do peso. Irada Juno os segue e as queixas
Costumeiras repete: "Oxalá a juventude
Grega não se lançasse à honra pelos feitos,
Ou que estes por nosso Eristeu[30] fossem mandados.
Tormentas, trevas, cruel tridente e, há muito, o fogo –
Embora o esposo – eu já teria arremessado.
Quisera agora que não fosse sócio e esteio
Do nosso barco e eu não tivesse de confiar
No hercúleo auxílio, ou dever tanto a tal soberbo!"
Disse e os olhos volveu para as ondas da Hemônia.
Bulir-se tudo pelos homens logo viu,
Tombada a mata e soar a praia co'a bipene;
Já vê o Tespíade cortar co'a serra os pinhos,
Bordos se unirem, se amoldarem dúcteis travas
Em fogo lento; e Palas vergas procurando,
Co'os remos prontos, para o mastro porta-velas.
Quando tornou-se estanque ao mar a grande nave
E fina cera completou ocultas frestas,
Dispôs a deusa, na pintura, honores vários:
Aqui, esperando um deus, num peixe, Tétis vai
Ao leito de Peleu; o delfim corta as águas
E ela o monta; co'o véu caído sobre os olhos
Lamenta Aquiles não nascer maior que Jove.
A seguem Doto, a irmã Panope, e alegre n'água,
Co'os braços nus, buscando os antros, Galateia –

[30] Rei de Micenas, que ordenou a Hércules a execução dos trabalhos.

Da praia sícula o ciclope a chama em vão[31].
Defronte, é o fogo, o verde leito, o pasto e os vinhos
E o Eácida, co'a esposa, entre os deuses do mar;
Quíron[32], depois, a lira tange; noutra parte,
No Fóloe[33], Reco[34], pelo muito vinho insano,
E, pela virgem Hipodâmia, a luta enceta.
Voam altares e crateras, mesa e taças,
Lavor insigne dos antigos. Bom co'a lança,
Peleu lá está, e Éson, feroz, co'a espada é visto;
Mônico[35] traz Nestor no dorso, a contragosto;
Com brasas Clânis[36] a Átor segue; Nesso foge
Num corcel negro. Reclinado entre tapetes,
No ouro vazio, Hipasso esconde sua cabeça.
Embora o Esônide se espante co'os prodígios,
Consigo diz: "Pobres de pais e filhos nossos!
Enviados somos – almas mansas – neste barco
Contra as sombras? O mar acossa só o Esônide?
Não levarei o moço Acasto[37] aos mesmos riscos
E perigos? Que um mar seguro à odiosa nau
Escolha Pélias e, co'as mães, às ondas rogue".
Assim pensando, pela esquerda, a jóvea armígera
Vem no ar e traz um anho preso às fortes garras[38].

---

[31] Alusão aos amores de Polifemo e Galateia. Cf. Ov. *Met.* 13.750 e ss.

[32] Centauro, filho de Saturno, instrutor de Aquiles e de Jasão.

[33] Monte da Tessália.

[34] Um dos Centauros, envolvidos na luta por Hipodamia.

[35] Centauro.

[36] Centauro, que matou Peleu.

[37] Filho de Pélias e primo de Jasão.

[38] Sinal de bom presságio.

Dos redis seguem-na os pastores com clamor;
Ladrar de cães! A agitação ocupa os ares,
Foge a raptora sobre o mar do Egeu profundo.
O Esônio o augúrio colhe e busca, alegre, a casa
Do altivo Pélias. Para ele acorre então,
Do rei o filho, unindo os peitos fraternais.
“Qual crês, não venho, Acasto”, diz o capitão,
“Co’indignas súplicas. Juntar-te à expedição
Intento, pois nem Telamon, Idas ou Canto,
Ou Cástor julgo ser mais digno do tosão!
Ah, quanta terra, quanto céu ver poderemos!
A quantos usos abriremos o oceano!
Talvez pesada a empresa creias, porém leve
Ao meu retorno, quando a nau me traga a Iolcos.
Mas que vergonha a tua ouvindo nossos feitos!
E a teus suspiros contarei de tantas gentes!”
Acasto mais não deixa: “Basta, que estou pronto
P’ra ir aonde chames. Fraco não me julgues,
Ou que confio, mais que em ti, no pátrio império:
Ao teu comando, as primas honras buscarei –
Se me deres crescer co’a fama tua. Assim,
Para que o zelo de meu pai, por medo imenso,
Não me impeça, eu o enganarei e chegarei
Súbito quando pronta nau deixar a praia”.
Disse, e aquele, alegre, tais promessas na alma
Acolhe e volve ao litoral os passos ávidos.
Do chefe às ordens e ao aviso, os Mínias juntos
O barco aos ombros sobem; joelho tenso adiante,
Andam e entram no mar. Não faltaram os brados

Aos ofegantes nautas, nem Orfeu co'a lira.
Então, alegres, aras erguem. Rei das águas,
Grande honra a ti! Na praia, Anceu a Glauco, aos Zéfiros
E a ti um boi, de azul fitado, e uma novilha
A Tétis imolou. Ninguém melhor que ele
Para cortar, co'a acha letal, as gordas nucas.
Libando três vezes a gávea ao pai das águas,
O Esônio: "Tu, que co'um aceno o espúmeo reino
Abalas; que co'o mar envolves todas terras,
Perdoa! Sei que único sou de toda a gente
A tentar rotas e a borrascas merecer:
Não por vontade vou, nem busco juntar montes
Ou provocar do Olimpo o raio. Que não te movam
Votos de Pélias – que com más ordens espera
Mandar-me aos colcos e dos meus causar a dor.
Então, que aceites em tuas ondas não iradas
Tal capitão e a tripulada nau por reis".
Falando assim, co'a libação engrossa a chama.
Quando, a lutar na densa entranha, alteou o fogo
As línguas e saltou nas palpitantes vísceras,
Na praia, o sacro Mopso, pelo deus tomado,
Brande, terrível, no ar as fitas, a arrepiada
Coma e o laurel. A voz horrenda, finalmente,
Aos homens dá-se. Faz-se, ao vate, então, silêncio:
"Que vejo? Pela nossa audácia atraído, há pouco,
Netuno chama os áqueos deuses a um concílio.
Todos exortam-no a fremir e a defender
A Lei. Assim, num abraço, ó Juno, enlaça o irmão,
E tu, Palas, a nau não abandones: ora

Do tio[39] afasta as ameaças. Quieta o mar
E ao barco aceita! A quantos riscos sou levado!
Por que com um véu súbito cobrem-se os cabelos
Do belo Hilas? De onde vem a urna aos ombros
E a escura veste aos níveos membros? E estas chagas,
Pólux? Ah, quanto fogo sai das táureas ventas.
Dos sulcos todos brotam lanças e escudos
E braços mais. Que guerra eu vejo junto ao velo?
Plena de morte, quem co'as serpes corta os ares?
Co'a espada os fere? Pobre Esônide, aos pequenos
Salva! Diviso arder o leito conjugal!"
E muito o vate aterra os Mínias co'os enigmas,
Ídmon, porém, o fêbeo, enfim sem medo aos homens,
Nada espantoso, sem a coma desgrenhada,
Possuído pelo Fado e a quietude de Febo –
A quem o pai deu antever todos oráculos
Caso, de perto, visse a chama, as pingues vísceras
Ou o céu, de vôos certos cheio. Assim cantou
A Mopso e aos nautas: "Quanto Apolo e a prima flama
Ensinam, vejo u'a rota plena de labores,
Porém a nau que, suportando, tudo vence.
Perseverai, heróis, volvei ao doce abraço
De vossos pais!" Caíram lágrimas do vate
Que viu p'ra si, nas chamas, Argos proibida.
Tão logo o dito, o capitão assim ajunta:
"Já que dos deuses os desígnios vedes, homens,
E que esperança grande é dada a esta empresa,
Trazei convosco a força e os ânimos paternos.

[39] Palas é filha de Júpiter e sobrinha de Netuno.

Não culparei as impiedades do tirano
Ou seus ardis: ordena-o o deus com bons presságios.
O próprio Jove quis o comércio no mundo
E misturar tantos trabalhos dos humanos.
Parti comigo, heróis! Vencei nas incertezas
O que lembrar nos faça, e anime nossos netos.
Passai na praia, alegres sócios, em folguedos
E doces falas esta noite, que já chega!”
É feito. Os jovens na macia alga se deitam
E o Tiríntio, no leito. As vísceras tiradas
Do espeto e Ceres os escravos distribuíram.
Chegava Quíron, a correr desde o alto cume;
Mostrava Aquiles, que chamava o pai ao longe.
Quando o menino viu Peleu com um grande passo
À conhecida voz os braços estendendo,
Saltou e, longamente, abraçou-lhe a cerviz.
Não lhe atrai nem a taça espumante de forte
Baco, nem marcas admiráveis no metal
Antigo: encanta-se entre os homens, ouve-os muito
Jactantes; do leão hercúleo a pele arrasta.
Então, feliz, o filho ao colo Peleu beija
E diz, olhando o céu: “Se em brando mar quiserdes
Que Peleu singre e escolha os ventos favoráveis,
Deuses, cuidai deste menino! E Quíron, tu,
Dá-me mais. Pasma-o, guerra e trompas lhe contando;
Que ao teu ensino, leve armas pueris
Qual caçador e, às nossas lanças, se apressure!”
O ardor da rota a todos se une; e em grande anseio
Querem zarpar. Se lhes promete o velo frixio

E que Argo voltará, por ouro recoberta.
O sol se põe e junto ao ledos Mínias[40], ondas
O dia levam. Pela praia curva, espalham-se
Chamas que ainda não apontam terra aos nautas.
O Trácio[41], então, co'a doce lira, alonga a noite
Cantando como ergueu-se Frixo, ornada a fronte
Por fitas, e fugiu do altar injusto, oculto
Em nuvens, a deixar, com Learco, Atamante[42];
Como o áureo condutor levou-o às tristes vagas
E como se assentou nos presos chifres Hele.
Sete vezes a Aurora e a lua o céu correram;
Não vista ao longe a separar-se pelo mar
De Abido, Sesto[43] começara a se apartar.
Ali a irmã[44], p'ra sempre célebre, do Eólide
Caiu, e em vão foi libertada da madrasta!
Co'as mãos cansadas ela ainda busca o úmido
Tosão, mas onda arrasta as vestes encharcadas
Com o peso urgente, e as mãos resvalam no ouro liso.
Frixo, que dor!, pelo esto rápido abalado,
Vendo da virgem triste as faces suplicantes,
O fim das mãos e, sobre as águas, os cabelos!
Já findos vinho e brinco, em quietos leitos postos,
Silenciaram-se. Só, entre os adormecidos,
Insone fica o capitão. Vígil Alcímede

---

[40] Os argonautas também são chamados de Mínias, porque eles descendiam das filhas de Mínias, rei de Orcómenos.

[41] Orfeu.

[42] Atamante matou o filho Learco, nascido de sua união com Ino, no lugar e Frixo, a quem a madrasta pretendia assassinar.

[43] Cidades da Propôntide.

[44] Hele.

E o velho Éson[45], vêem-no juntos – têm os olhos
Rasos d'água. Jasão lhes fala com palavras
Mansas, e o dito acalma os corações aflitos.
Quando, vencidos pelo sono, os olhos fecham-se,
Fulgente é vista a tutelar deusa da nau
Instando o capitão: "O carvalho dodono,[46]
Servo de Jove, vês. Contigo ao mar adentro.
Da profética mata arrancar-me a Satúrnia
Não conseguiu sem a promessa antes do céu.
O tempo chega: eia te apressa e enquanto as águas
Singras, incerto se trará nuvens o céu,
Já o medo afasta, em mim confiando e nos divinos".
Falou. E ele, a tremer, embora o bom presságio,
Saltou do leito. Logo aos Mínias se mostrou
Crispando o mar num novo dia a alma Tritônia[47].
Aos remos correm. Uns, do mastro, vergas soltam;
Outros, os remos na marmórea água ensaiam.
Argos, na proa, colhe a amarra. Os ais das mães
Crescem e os fortes corações dos pais fraquejam;
Chorando estreitam-se em abraços demorados.
Porém, de Alcímede suplanta a voz aos choros:
Transtornada, ela tolhe os fêmeos gritos tanto
Quanto a trompa de guerra encobre a flauta idáia.
E diz: "Ó filho, que hás de expor-te a cruéis labores,

---

[45] Pais de Jasão.

[46] Existia em Dodona o mais antigo oráculo da Grécia. A nau Argo foi construída com um tronco provindo desse santuário, razão pela qual a embarcação tinha o dom de pronunciar profecias *nau profética*, v. 2.

[47] A Aurora.

Nos separamos, sem à sorte antes o espírito
Se armar. Porém, por ti temia guerra e terras.
Que se cultuem outros deuses! Se o destino
Traz-te a mim, se por mães o mar se aplaca, sim,
Suportar posso a luz do dia e o longo medo.
Mas se a Fortuna mais prepara, ó Boa Morte,
Dos pais te apieda, enquanto há o medo e não a dor.
Como haveria eu de temer o velo e os Colcos?
Que dias vejo, que vigílias de aflição!
Ah, quantas vezes, ao bater rouco das ondas
Desmaiarei, temendo o mar e o céu da Cítia,
E não crerei em nosso estio ingrato a ti.
Dá-me um abraço, peço, e deixa-me aos ouvidos
Perene fala; co'a mão doce os olhos fecha-me!"
Assim Alcímede lamenta; mas diz Éson
Mais forte os animando: " Ah se meu sangue fosse
Como era quando, co'áureo vaso, parei Fóloe
Que me atacava com cratera não mais leve,
Primeiro as armas eu poria na ênea popa
E de levar a remo a nau me alegraria.
Porém, valeram minhas preces, pelos deuses
Ouvidas: vejo reis por todo nosso mar
E que és o capitão – guiá-los e os seguir
Eu costumava. Chegue o dia, peço a Jove,
Em que eu te acolha, vitorioso sobre o rei
E o mar da cítia, com o tosão roubado às costas;
Em que os meus feitos aos da tua juventude
Dêem lugar!" Assim diz. Jasão manteve a mãe
Junto a seu peito e recebeu no abraço o pai.
Chegava a hora. Em triste toque, a terça tuba

Rompera os laços que prendiam nau e Zéfiros.
Ao banco e ao remo, cada herói seu nome empresta.
Daqui, tem Telamon o mar à esquerda; acima
Ocupa o Alcides o outro bordo; os demais jovens
Partem-se. Esforça o lesto Astérion que, ao nascer,
Comete, o pai perésio, o banhou na confluência
Onde o Enipeu as forças sente do Apidano[48].
Aqui Talau forceja e Leódoco empurra
Do irmão as costas com seu remo: os mandou Argos.
Depois, Ídmon se mostra, embora os maus agouros –
Mas ao varão temer futuro é vergonhoso.
Nas curvas ondas se ergue Ífito, o Naubólide.
Paternas águas fende aqui o netúnio Eufemo
Que a ondissonante Psamatunte[49] e o sempre aberto
Tênaro[50] rege. Vêm da suave costa pélea,
Hábil co'os dardos, Deucalião e, co'a espada, perto,
O nobre Anfião – ao mesmo tempo os pariu Hipso
Que distinguir não pôde ou quis os iguais rostos.
Tangido o peito pelo forte remo, Clímeno
E o irmão Íficlo a nau movem. Cara brava
É o que a tuas rochas, Cefaréu, guiará os Dânaos:
Náuplio! E Oileu que a Jove o raio não lançado
Lamentará, batido o filho pelo Eubeu;
Cefeu, que a Hércules, suado sob o peso
Do monstro de Erimanto[51], ajudou na tegéa
Porta, e Anfidamas (posto o irmão mais velho antes
Quis com Anceu buscar o velo). Segue Eurítion,

---

[48] Rio afluente do rio Enipeu.
[49] Cidade da Lacônia;
[50] Promontório da Lacônia, uma das entradas do Inferno.
[51] Terceiro trabalho de Hércules.

Coberto à nuca pela coma conservada
Que à volta o pai no altar aônio cortará.
Também te lança de Argo a fama ao mar, Nestor
Que um dia, por velas micênicas, branqueadas
Águas contemplará e os bravos mil pilotos.
Aqui é o vate Mopso – a fiança do pai Febo –
De quem, caído em torno aos púnicos coturnos,
O branco manto toca as solas, com fitado
Gorro à testa e o laurel peneio no alto do elmo.
Tideu também na hercúlea fila se levanta,
E Periclímeno, o Nelida – a quem Metona,
A Élis do corcel e o Aulão exposto às ondas
Viram quebrar adversas faces com seus cestos.
Também, Poiante[52], tu, com o remo, os colcos buscas:
Duas vezes Lemnos hás de ver, ora afamado
Pelo dardo do pai, um dia hercúleas flechas
Portarás. Próximo, da Ática, vem Butes
Que cria inúmeras abelhas e, soberbo,
Co'o enxame ofusca o dia quando abre as colmeias
Plenas de mel e os reis conduz ao doce Himeto.
Falero, o segues; com tua sina ornadas armas
Levas: da árvore descida u'a cobra enrosca,
Co'o dorso ardente, quatro vezes um menino
E, ao longe, o pai aflito o tíbio arco entesa.
Tem Eribote armas gravadas co'outros medos.
Peleu, nos sogros e na esposa é confiado:
Esplende, ó Eácida, na proa a tua lança
Que é tanto mais alta entre as outras hastes quanto

[52] Filoctetes.

Sobrepujara na montanha os olmos pélios.
No antro de Quíron, deixa seu filho o Actóride[53]
P'ra que, de Aquiles companheiro, junto estude
A lira e, moço ainda, lance leves dardos
E aprenda a cavalgar do manso mestre o dorso.
Flias, de quem é vera a fama de ser filho
De Lieu, deixou crescer do crânio as pátrias comas.
Não teme a mãe enviar ao ponto Anceu que, grávida
Gerou do rei do mar. Seguro n'água é Érgino –
Também netúnia prole é dito – que as insídias
Do mar conheceria, as estrelas da noite
E o vento que Éolo libertasse dos covis –
Não tema Tífis lhe passar da nau o mando
E a vigia dos céus, de olhar p'ra Arcto exausto.
Veloz Lacônio calça o duro táureo couro
Com chumbo feridor para que ao vento lance
O punho e a nau pagásia veja o oibálio aluno
A celebrar no litoral seguro jogo;
E com bridão tessálio o grande quebra-bocas,
Cástor, que, enquanto ao condutor de Hele buscasse,
Da amíclea[54] erva consentiu nutrir-se Cílaron[55]:
Neles igual reluz a púrpura tenária,
Obra espetacular que a mãe, em gêmeos panos,
Teceu: duas vezes o Taígeto e as selvas
Bordara, e o Eurota duas vezes, co'ouro fino.
Cada um leva seu cavalo de alvo fio

[53] Menécio, pai de Pátroclo.
[54] Âmiclas: cidade da Lacônia.
[55] Cavalo de Cástor.

E no peito dos dois revoa o pátrio cisne[56].
Soltou-se a fíbula de tuas vestes presas
E revelou os fortes ombros e o tamanho
Do peitoral, ó Meleagro, igual ao de Hércules!
Cilênia prole é numerosa tropa: Etálide,
Certo ao lançar co'arco invibrátil[57] flechas rápidas;
Eurito, bom ao ir co'o gládio em meio às hostes;
E Équion, famoso aos Mínias pelo ofício pátrio,
Do capitão aos povos leva os núncios ditos.
Argo, que não há de voltar pelos teus braços,
Ífis tuas cinzas deixará na cítia areia
E chorará o quieto remo em teu assento.
Por tal pastor felizes, dão-te os campos féreos,
Admeto, pois em tua seara esteve preso
O Délio, que matara Estérope co'o o arco –
Ah, quanto a irmã chorou no bosque achando o fâmulo[58]
Que do carvalho do Ossa a sombra aproveitava
E mergulhava as tristes comas no Bebeio!
No banco se ergue e, a remo, o mar revolve Canto
A quem, no Eêio pó, tombará lança bárbara;
No entanto o acompanha o honor do nobre escudo
Que o pai levara: o Euripo[59] corta o áureo couro
Com a onda, a fugir das areias da Cólquida;

[56] Júpiter se apresentou a Leda, mão de Cástor e Pólux, sob a forma de um cisne.

[57] Porque seu arco não vibrava, mas retornava ao lugar onde a mão colocava a nova flecha.

[58] Apolo, por haver matado o ciclope que forjava os raios de Júpiter, foi condenado a converter-se em pastor e a guardar os rebanhos de Admeto, na Tessália.

[59] Estreito na Eubeia.

E, agitando os bridões dos lobos monstruosos,
Surges, Netuno, no ostrífero Geresto.
Na volta de Argo, Polifemo, a ti reserva-se
Achar do pai os restos que ante a vila ardam
E os servos que, em justa piedade, muito esperem
Até que chegues. Co'o mais curto remo, o último,
Idas golpeia a água e ocupa, ao longe, o banco.
O irmão Linceu p'ra grandes feitos é guardado:
Do Arene vindo, p'ra que possa romper terras
E desvendar segredo estígio co'a visão;
Mostrará terras entre as ondas ao piloto
E astros à nave: ainda que Jove o céu toldasse
Com nuvens, só Linceu as atravessaria.
Os filhos da cecrópia Orítia[60] ficam livres –
Zetes e o irmão – para ajustarem cordas trêmulas.
E o odrísio Orfeu não é aos bancos dedicado
Ou vence a remo o mar, porém co'o canto ensina
Irem as pás no ritmo e n'água não lutarem.
Do obrar dos moços e do mar Jasão libera
Íficlo: a Fílaca[61] apieda-se da idade
E não o envia à faina, mas que dê conselhos,
E inflame os homens co'as ações dos ancestrais.
Argo, cuida da nau! As muralhas da Téspia
Mandam-te, experto – dom de Palas. Cabe a ti
Que, em parte alguma, o barco traga oculta água
E unir com cera ou pez a greta aberta às ondas.
Ao astro[62] arcádio olhava o vigilante Tífis,

[60] Filha de Erecteu, mãe dos Boréadas.
[61] Cidade da Tessália.
[62] Ursa Maior.

Filho de Hágnio, que o uso de astros lhe ensinou,
E a seguir cursos pelo mar co'o céu por guia.
E eis que, ligeiro, por atalhos da montanha
O capitão, feliz co'a astúcia, vê Acasto
Temível com sua lança, e brilhante co'o escudo.
Quando ele ao barco, entre os broquéis e heróis chegou,
Partiu o Esônide co'a espada ardente as cordas.
Qual quando o ágil caçador foge da mata
Saqueada e apressa seu cavalo temeroso
Pelo amo, que no peito aperta os tenros tigres
Que, em dolo pávido, roubara enquanto a mãe,
Deixada a cria, no Amano[63] oposto caça –
Assim avança o barco. As mães na praia ficam –
Seguem co'os olhos brancas velas e os escudos
Batidos pelo sol, até que o mar, mais alto
Que o mastro, e o céu imenso a nau à vista ocultam.
Então, o pai, vendo do empíreo a grega empresa
E começarem feitos tantos, regozija-se
Pois não aprova do paterno[64] reino o ócio.
Se alegram deuses: para si as Parcas vêem,
Vindouro ao mundo, o tempo e as rotas dilatarem-se.
No entanto, o Sol, o pai dos Cítios, pela afronta
Ao filho irado, falas tais deitou do peito:
"Sumo Criador, p'ra quem meu dia, anos a fio,
Tantas vezes refaz-se e finda, é tua a vontade?
A grega nau vai por teu nuto e condução?
Posso irromper em justas queixas? Tal temendo,
Ou que a meu filho alguma tropa odiosa houvesse,

[63] Monte da Síria.
[64] Saturno.

Não elegi as terras médias nem os campos
De rica plaga (os tenham Tróia fertilíssima,
Vossos Pelópidas e os Líbios): ocupamos
Campos e rios que com sevo gelo oprimes.
E ele os daria, e além iria sem honor!
Porém, acima, há a enevoada e opaca zona
Que reverbera minhas luzes! Por que a cruel
Região? Por que o bárbaro Fase, aos outros rios,
Ou minha prole às outras gentes incomodam?
Por que queixar-se os Mínias podem? Ganhou Eetes
À força o velo? Antes, deixou unir-se às tropas
O fugitivo; e o não levou às aras de Ino.
Porém, retendo-o co'o império e a mão da filha,
Agora os netos vê, da linhagem dos gregos
Aos quais de genros chama, e às terras de sua gente.
Muda o rumo da nau, Pai. Com nossas feridas
O mar não abras. Sabem bem da dor os bosques
Do Pó e, ao pai vendo, as irmãs[65] que lamentavam".
Brame e sacode a testa o deus belipotente
Que vê o tosão, seu dom, ameaçado. Contra
As queixas deles gemem Palas e a Satúrnia.
E o Pai: "Desígnios meus antigos, todos seguem
Em ordem; desde o início do curso das coisas,
Fixos mantêm-se; não havia inda na terra
Meu sangue, quando eu dei o Fado. Com justiça,
Assim, reis vários eu dispus por tantos séculos.
Porém, repetirei as leis de meus decretos.
Faz tempo que a região que do Euro imenso desce

[65] As filhas do Sol, que choram pela morte de Faetonte.

Ao mar de Hele e até ao Tanai é rica em potros
E varões, contra a qual nenhuma tropa ousa
Desafiar ou buscar nome pela guerra.
Os Fados e eu favorecíamos tais plagas,
Mas chega o sumo dia e deixamos a Ásia
Que cai – os gregos já reclama-me seu tempo.
A trípode, o carvalho e as almas de ancestrais
Ao mar lançaram esta tropa. É aberta a ti,
Belona[66], a via pelas ondas e tormentas.
Nem tanto o velo indigna, ou mais aquela dor
Pela raptada virgem, mas (sentença alguma
Me é mais firme) virá um pastor do Ida frígio
Que levará aos gregos ódio e iguais presentes[67],
Em mútuo dom. Que guerras entre os pretendentes!
Quantos aqueus chorando vês no inverno teucro,
Dos deuses quantos filhos nobres! Quantas tropas
Movendo, e a Ásia a ceder aos grandes Fados...
Daqui se assenta o fim dos dânaos; a outros povos
Depois protegerei. Abram-se montes, selvas,
Lagos e atóis. Medo e esperança haja p'ra todos.
Movendo postos e fronteiras, como árbitro,
Escolherei mais largos reinos para os povos
E, quando certo, deixarei as dadas rédeas".
Os olhos volta ao mar Egeu e, vendo a hercúlea
Maça e os filhos de Leda[68], assim diz: "Aspirai,
Heróis, aos astros. Coube a mim o primo reino

[66] Deusa da guerra, irmã de Marte.

[67] Referência irônica quanto ao rapto de Medeia, que seria compensado no futuro pelo rapto de Helena.

[68] Cástor e Pólux.

Após as lutas contra Jápeto e os trabalhos
Flegreus[69]. Tracei p'ra vós um rude e árduo caminho
Ao céu. Assim, corrido o mundo, foi que o Líber
E o experto Apolo regressaram". Disse e um raio
Lançou, a iluminar as nuvens com um grande
Sulco pelo ar, que se fendeu próximo à nave
E aos dois tindáridas chegou; em meio às frontes
De ambos irmãos pousou tranquilo e, ao mesmo tempo
Espalhou-se uma luz purpúrea inofensiva
Que os pobres nautas suplicar um dia iriam.
No entanto, vendo aceita a vela em meio ao mar,
Bóreas, feroz, do alto Pangeu, incontinenti,
Se lança à Eólia e às cavernas da Tirrênia.
Sob as asas do deus a mata toda geme,
Os grãos se espalham; sob o vôo, o céu negreja.
Na água trinácria, onde o Peloro foge ao longe,
Se ergue um rochedo, horrendo ao ponto: o quanto eleva-se
No céu, o mesmo tanto, afunda-se nas ondas.
Junto há outra terra – rochas e antros não menores;
Habita aquela o nu Pirácmon e Acamante[70];
Ventos e nuvens esta, e tromba quebra-barcos;
Dali, ao mar profundo e às terras é a passagem;
Ali, outrora, o céu e o pélago encrespado
Se misturavam (Éolo ainda os não regia
Quando arrancava o Calpe à Líbia o estrangeiro

[69] Flegra: cidade da Macedônia onde teve lugar a luta entre os Gigantes e os deuses.

[70] Ciclopes ferreiros de Vulcano.

Oceano; quando a Enótria, a chorar, à Sicília
Perdera e as ondas adentraram nos rochedos),
'Té que, do céu, o Onipotente trovejou
E aos ventos pávidos deu um rei, a quem temesse
A seva coorte. Logo o ferro e um duplo muro,
No monte, o Euro prendem. Quando já não pode
Tolher os sopros, chega o rei; os claustros parte
E, por querer, cessa o murmúrio abrindo a porta.
O núncio Bóreas do alto trono o faz descer:
"Éolo, que horror vi do Pangeu" diz. "Jovens gregos,
Que nova máquina fizeram co'o machado,
E alegres domam, co'um veleiro imenso, as águas.
A liberdade de agitar o mar no abismo
Não tive, preso, como estava, por correntes.
Daí, a fiança dos varões no barco feito
E sua audácia, pois vêem Bóreas sob um jugo.
Dá-me afundar gregos e nau – filhos não movem-me[71].
Detém a ameaça enquanto é junto à orla tessália
E as outras terras ainda não viram tais velas".
Rugiram todos ventos dentro; o mar pediam.
Com retorcido furacão, a forte porta
O Hipodate[72] empurrou. Saem do cárcere Zéfiros
E os corcéis trácios; Noto de asas cor da noite
Co'as filhas nuvens; por tormentas desgrenhado,
O Euro de testa amarelada pela areia.
Trouxeram tempestade! À praia, com ribombos,
Juntos as vagas levam; não somente agitam
O reino do Tridente – o ígneo céu desaba

[71] Zetes e Calais.
[72] Éolo.

Co'um trovão. Noite, em negro céu, a tudo oprime.
Arrancam-se das mãos os remos, guina a proa;
Ressoantes baques, de través, sente o costado;
A volitante vela sobre o mastro trêmulo
O vento arranca. Horror aos Mínias, que fremiam
Quando na escuridão coriscos refulgiram
E caíram diante à nau. Adernando a bombordo,
Co'a verga o mastro agüenta a onda que se racha.
Ignaros pensam que a tormenta e os ventos sejam
Só erguidos pelo mar; então murmuram tristes:
"Era o que nossos pais temiam: profanarmos
Proibidas ondas co'os calabres. Ao soltarmos
Da praia a nau, com que estridor alteou-se o Egeu!
Nesta água as Ciâneas[73] não se chocam?
Vem-nos, pobres,]
Mar mais triste? Deixai no pélago a esperança,
Ó da terra, e de novo afastai-vos das ondas."
Repetem-no, chorando em morte vil tombarem.
O Anfitrioníade[74] vê inúteis maça e flechas.
Apavorados, uns adeus se dizem, outros
Juntam as mãos e as bocas todas se fatigam
Em mísera visão quando, a seguir, u'a prancha
Solta-se e a nave, pela brecha, sorve o mar.
Aqui e ali já o Euro açoita; se atirando,
Já ao Noto e aos Zéfiros arrasta co'estridor.
Toda água ferve quando, súbito, Netuno
Tirou do fundo a azul cabeça: "Minha irmã

---

[73] As Simplégades, rochedos moventes localizados à entrada do Bósforo.

[74] Hércules.

E Palas", diz, "com choro o peito me acalmando,
Vos salvam. Mas que as fárias naus e as tírias venham!
Lícito o creiam; verei logo pelos ventos
Velas roubadas e ondas cheias de clamores.
Nem Órion ou o feroz Touro serão, co'as Plêiades,
Causa de nova morte. Argo, da pobre gente
A sorte aprestas; por teu mérito já, Tífis,
Não quererão as mães o Elísio e as almas pias."
O deus sossega o ponto e a praia perturbada;
Expulsa o Noto que, a seguir, co'o horror escuro,
Co'a onda de úmidas entranhas e a borrasca,
Juntos ao mar da porta Eólia se encaminham.
Brilhou o aberto dia; o arco limpou os céus;
Nuvens voltaram para os picos das montanhas...
Já em águas calmas se alça a nave que, do abismo,
Nereu – o sogro – e Tétis erguem com seus braços.
Logo Jasão co'o sacro manto os ombros cobre;
Segura a pátera esônia que, por dom
De abrigo, alegre, Salmoneu dera, e ganhara
O áureo carcás – inda não louco (quando a arma
Fendida em quatro do alto Jove ideara ter –
Rival de quem atroa o Ródope, o Ato e o bosque
Da triste Pisa – ele queimara os campos Élidas).
Liba com vinho o mar e assim começa: "Ó deuses,
De quem é o mando das sonoras tempestades
E das ondas, que têm por casa todo o céu;
E tu, do Mar por sorte o Pai, e dos biformes,
Se foi um acaso a noite, ou se, volvido o céu
Como ordenasse a obra divina e, em alternância,
Ergueu-se o mar; ou se a visão nova do barco

E de armas e varões surgir as iras fez,
Que expiado a culpa eu tenha, e teu nume, senhor,
Que já melhor me seja. Dá voltar às terras
Aos homens e abraçar o umbral da pátria porta.
Por toda parte, honores muitos nutrirão
Tuas justas aras; quanto em carros e cavalos
Estás terrível – e Tritão segura os freios –
Tanto é o fundar do culto teu por nossas urbes".
Clamor se ouviu e as mãos seguiram as palavras
Do capitão: qual quando às messes e aos estábulos
Sírio[75], devastador dos campos da Calábria,
E a Ira dos deuses se arremessam, e os pastores
Na mata unem-se e lhes dita os votos pios
O sacerdote. Então, vêem Zéfiro descer
Em suave queda; voa a nau a rédeas soltas,
As ondas fende e espalha espuma na ênea proa.
Tífis conduz e os homens, quietos, à ordem sentam-se,
Qual, junto ao jóveo trono, as coisas são dispostas,
Prontas p'r'o deus: as tempestades, ventos, neves,
Os raios, o trovão e os rios nas nascentes.
Mas, súbito, a apreensão, o medo a tudo aspérrimo
E agouros maus Jasão abalam: atacando
A régia prole, pelo embuste cruel do rapto
De Acasto, os seus deixara à morte: em meio
a um crime,]
O fraco pai abandonara desarmado;
Enquanto, ao longe, ele ia seguro, o furor todo
Cairia neles – e ao futuro em vão não teme!
Pélias irou-se. Viu, do monte, a imiga vela,

[75] Estrela da constelação de Cão.

Furioso, contra a qual não pôde se atirar.
Não lhe serviram força ou reino. A coorte freme
Pelo mar presa; a água reluz co'armas e tochas;
Qual quando, do Ida aerissonante, o alado Dédalo
Saltou com Ícaro de asas mais pequenas,
Deixando as terras com u'a nuvem nova[76], em vão,
A tropa grita e os cavaleiros, pelo olhar
Exaustos, com os carcases cheios à Gortina
Voltam. No umbral, o rei, e no leito de Acasto,
No chão tombado, beija os passos do rapaz –
Inanes marcas. Co'as cãs soltas, a segui-los:
"Talvez do triste pai a imagem e os suspiros
De minha dor também te alcancem, filho", diz,
"Já vês o dolo e, em volta, as mil faces da morte.
Seguir-te-ei, infeliz, por onde? Por quais praias?
Esse feroz não ruma à Cítia, nem às portas
Do mar; porém, cativo por falsos louvores,
Duro ele fere-te, em tormento à minha idade.
Se acaso fosse o mar por altas naus singrável
Eu não teria, antes, mandado frota e jovens?
Ai dos Penates sem a prole por arrimo"!
Logo, ao minaz, terrível diz, com ira e fúrias:
"Aqui, ladrão, as tuas fraquezas inda estão:
Pranto e os queridos pais!" Assim, no alto palácio,
Vai e vem bramindo, e a mais cruel das coisas pensa –
Como o Tioneu[77], contra os culpados trácios, chifres
Sevos lançou; e o triste Hemón com raivas mil,
E o alto Ródope lamentam; tal qual fogem

[76] A sombra provocada pelo vôo de Dédalo e Ícaro.
[77] Baco.

Mulher e filhos de Licurgo pelos pórticos.
Prestava, então, culto ao tartáreo Jove e aos manes
Do Estige Alcímede, ansiosa pelo filho,
Para, nas sombras invocadas, mais prever.
A esposa leva facilmente o próprio Éson –
Par na aflição, co'o coração preso por medos.
Na cova, o sangue e a oferenda ao Fleguetonte[78]
Oculto empoçam; com feroz tumulto, a velha
Tessália chama os avós mortos e da grande
Pleione[79] o neto. Os tênues vultos aos encantos
Já invocara, e Creteu, olhando o filho e a nora
Tristes, libando o sangue, coisas tais mostrou:
"Não temais! Voa ele no mar. Quanto se adianta,
A Éa mais se espanta ante os prodígios vários
Dos deuses: movem, aos cruéis colcos, oráculos.
Avança com que sorte! Horror alcança os povos.
Voltará logo, com espólio cítio e noiva,
Soberbo – então, eu quererei romper as terras.
Mas, contra ti, fraterna luta e triste crime
Furioso o rei prepara e o fogo da ira acende.
Por que não roubas a alma e foges lesto ao corpo?
Vai, que és meu. Já no bosque esperam-te os silentes
E Éolo, meu pai, que nos secretos campos voa.
Tremeu, no ínterim, a infeliz casa, ao supremo
Gritar dos servos. Pelos muros rumor corre
Que o rei prepara tropas mil e já as comanda.
O ardente altar, a veste e o bosque, presto Alcímede
Logo abandona e Éson, temendo, em volta espreita

[78] Rio do Inferno.
[79] Mercúrio.

O que se turba. Qual leão que hesita em meio
À multidão e, em ricto, franze olhos e fauces,
Éson assim se inquieta: ou toma a imbele arma,
Velho demais, e os apetrechos juvenis,
Ou o inconstante vulgo move e os pais do reino?
Mas, estendendo as mãos, a esposa o estreita ao peito
E diz: "Ter-me-ás por companheira no infortúnio,
Qualquer que o seja; não verei destino ou o filho
Sem ti; já muito padecendo, quando a vela
Ao mar lançou-se, quanta dor já suportei"!
Falou, em lágrimas. Em torno Éson procura
Que fim previna as ameaças, qual destino
Digno receba; o filho, a terra, a raça eólia
E as lutas ganhas exigiram grandes mortes.
Tem diante os olhos outro filho, em tenra idade,
Que o forte ânimo ingente e os feitos ele queira
Saber um dia e celebrar do pai a morte.
Ao sacrifício torna. À sombra de um cipreste
Antigo estava um touro, sujo de ferrugem;
Cerúleas fitas pelos chifres e, de teixos[80],
Cingida a fronte; inquieto, arfante e impaciente,
Mesmo a ele aterra a vista escura do lugar.
P'ra si a Tessália, por costume da nefanda
Raça, o guardara para o tardo uso de Dite.
Então, aplaca à tripla deusa[81] e, com o supremo
Fogo, suplica à plaga estígia, já sem volta
Erguendo um canto: o atro barqueiro antes não leva
As tênues sombras, nem franqueia as portas do Orco.

---

[80] Árvore consagrada aos deuses do Inferno.
[81] Hécate.

Quando Éson viu chegar o touro no momento
Do sacrifício, o deu à morte e, assim, por último
Falou, co'a mão tocando os chifres do animal:
"Vós, que o poder de Jove tendes, e um operoso
Curso de vida, nos conselhos e nas guerras
Sabidos nomes pela fama dos grãos netos;
E tu, meu pai, vindo das sombras p'ra que visses
Meu fim e as dores esquecidas padecesses,
Da paz dai-me o caminho e que a enviada vítima
Leve-me ao vosso reino. Tu, virgem[82], que a Jove
Os crimes contas, que vigias, c'olhos justos
A terra, e ó deusas vingadoras, Mães das Fúrias,
Pena e Lei, adentrai a merecida casa
Régia e levai as sevas tochas. Temor pio
Agarre o peito mau: não creia que serão
Só as armas de meu filho e a nau; bandeiras pônticas,
Frotas e reis irados pelo mar violado
O inquietem – sempre, pelo medo, às ondas corra,
Tropas levando: a tarda morte impeça a fuga
E que escapar não possa às minhas maldições.
Mas que os heróis veja chegando, de ouro, a trilha
A refulgir. Exultarei e, diante, as mãos
E os gritos hei de erguer. E se à trama não tentada,
Ao crime e à forma de morrer desconhecida
Sobreviveis, dai ao falaz o vergonhoso
Fim da velhice e a morte indigna. Marte ou armas
Ou de meu filho a espada nunca o matem, peço,
Posto o mereça: que as confiáveis mãos das filhas

[82] Astreia, deusa da Justiça.

O velho cortem, dilacerem e, a seus membros
Não sepultem[83]. Do rei se vingue nosso filho
E toda gente que lançou ao oceano"! 822
Levantou-se a maior das Fúrias e tomou 815
Co'a mão a taça fumegante de atro sangue
Que, derramado, eles na pátera sorveram.
Fragor: irrompem com estrondo os que levavam,
Por mando régio, a espada em punho e a ordem feroz.
Já em meio à morte vêem os velhos co'olhos fixos, 820
Sangue abundante sobre as vestes vomitando;
E a ti, menino, no primeiro umbral da vida, 823
Co'a face pálida ante a morte dos parentes,
Matam e mandam-te co'os teus. Éson tremeu; 825
Levou, partindo, a rancorosa sombra às nuvens.
Sob o eixo nosso e separada dos supernos
Fica a mansão do pai tartáreo. É inacessível
Ao que cair do céu. Se volve a victa massa...
<lacuna>
Co'a boca imensa, jaz o Caos, que consumir 830
O mundo em queda pode, e a matéria cansada
De pesar. Aqui estão do inferno as portas duas –
Por dura lei, aberta sempre, uma recebe
Povos e reis; a outra, tentar forçar é crime:
Rara e espontânea se abre apenas quando chega 835
Um capitão, com chaga ao peito, cuja casa
Por roda e elmo seja ornada, que aflições
Mortais afaste, a fé cultue, destemido

---

[83] Alusão ao crime das filhas de Pélias que, instigadas por um dolo de Medeia, mataram e cozinharam o pai na esperança de remoçá-lo.

E indesejoso; ou um sacerdote, em castas vestes.
A todos guia o neto de Atlas, pés alados.
Brandindo u'a tocha, o rumo aclara-se ante o fogo
Do deus, até que chega à selva e aos amenos
Campos dos pios, onde o sol dura o ano todo,
O dia é claro, há danças, coros, cantos de homens
Que já não querem mais os povos. A esses sítios
No eterno muro, o pai conduz o filho e a nora.
Então, a esquerda porta mostra, que por Pélias
Com quanta pena espera, com monstros no umbral.
Tanto barulho e a multidão que cai espantam-nos,
E da virtuosa alma o lugar e as honras ínferas.

Canto II

Jasão, no entanto, sem saber de crime ou luto,
Corta o oceano: conhecer o azar dos pais
Juno não deixa, p’ra que, ardente, em meio às ondas,
Não guine, e o Fado temerário, ao rei contrário,
Não precipite e frustre aos deuses seus desígnios.
No mar, o Pélio, co’altos olmos, já se aplaina
E, ao lado, o templo da Tisaia Diana imerge;
Já n’água o Cíato baixou-se e as Sépias foram-se.
O campo da Magnésia ergueu corcéis e pastos:
Pensam ter visto as sepulturas dolopeias
E, ao mar entrando com sinuoso curso, o Amiro
Com cujo vento as arribantes velas seguem.
Alçam-se aos remos e a Eurímena saúdam;
O Austro, voltando, recupera a vela e o ponto
E, numa nuvem, o Ossa chega, quando os Mínias
Alcançam mar. Terror dos deuses! Pela guerra
Condenado, eis Palene – em torno ao
monstro horrendo]
Vêem os terrígenos gigantes, adversários
Antes do céu, que a aflita mãe, com pedras e árvores
Vestiu; e montes, em fileira, ergueu aos céus.
Cada um, na rocha, a luta, o medo e as ameaças
Aguarda até agora; o Pai sacode as nuvens
E do alto lança bastos raios; mas, nas penhas,
O horror maior não ‘stá: na Sícula é Tifeu!

Este, a fugir deitando do imo as lavas sacras –
Qual se conta – Netuno o ergueu pelos cabelos
E o mergulhou nas profundezas: ao surgir
A cruenta massa, revolvendo ondas co'as serpes,
Levou-o ao mar sicânio e, sob urbes pesadas,
Pô-lo no Etna. Atroz aquele, os fundamentos
Da roída rocha expele; então, toda a Trinácria
Arqueja quando tirar tenta a caída massa
Do exausto peito; mas, com inanes ais, desiste.
Já o Hiperônio[1] carro alcança o mar da Hibéria
E, ao fim do dia, as altas rédeas se lasseiam,
Quando Tetis[2], a velha[3], alçou o seio e as mãos
E, n'água aberta, retumbou o sacro titã.
A hora aumenta o medo: quando já voltado
Viram o Olimpo e, logo, os montes e os lugares
Longe dos olhos – ao redor, só graves trevas.
O silêncio do mundo, a quietude das coisas,
O Éter e os astros cintilantes amedrontam-nos.
Qual quem se enleia em não sabidas regiões,
Um rumo incerto toma, e os olhos e os ouvidos
Não descansa – e o campo, a noite negra e as árvores
Co'a sombra os medos lhe agigantam – os heróis
Também tremeram. Mas, firmando o peito,
o Hagnida:]
"Não sem um nume este navio conduzimos:
A Tritônia não só marcou-me o curso; amiúde,
Por sua mão é a nau honrada. Acaso o não

[1] Hipérion: pai do Sol.
[2] Tétis, mulher do Oceano, que acolhe o Sol no regaço.
[3] A velha, em oposição a Tétis, mãe de Aquiles.

Provamos quando, à luz fugindo, o dia súbito
Tremeu co'a chuva? A quantos ventos resistimos!
Por Jove! Quantas vezes, por artes de Palas,
Desfez-se em vão da onda décima[4] o inchaço!
Eia, pois, nautas! Imutável, o céu reluz!
Ergueu-se pura a Cíntia, co'o arco inda não cheio –
Nenhum rubor na face. Disso o Titã certo,
Se pôs incólume nas ondas, todo em ouro.
E, pois que à noite os ventos dão-se ao mar e às velas,
Nas mudas horas mais veloz segue o navio.
Não é, contudo, intento meu seguir a estrela
Que, descida do céu, no mar refaz-se. Órion
Já desce; já Perseu ressoa na água irada.
Porém meu guia, nunca oculto em onda ilícita,
Brilha no pólo – a Serpe! – e liga os sete-estrelos."
Lembra que o céu é fixo, a posição das Híades
E da Plêione, em qual constelação cintila
A Espada e com que luz o Boieiro rebrilha.
Tendo assim dito, então os corpos recuperam
Suas forças com os dons de Ceres e os de Baco.
Cederam logo ao sono e os astros conduziram-nos.
Já sob a tíbia luz da aurora, o campo aclara-se;
Ursos ferozes, os redis deixando, buscam
Tocas e abrigo; a praia envia ao mar as aves
Quando, primeiro, co'os corcéis arfantes, Febo
Despertou o Atos e espargiu nas ondas luz.
Remos no mar porfiam; treme a proa ao curso;
À flor das águas a Vulcânia Lemnos surge

[4] A décima onda era considerada, pelos poetas, como a mais perigosa. Vide Ov. *Met.* 9. 529.

Por ti chorada, ó Ignipotente, pelos vários
Afãs. A terra não te afasta com seu crime –
O ódio das mães – e se envergonha de suas culpas.
Ao pressentir surgirem frêmitos ocultos
Dos deuses contra o novo reino enfurecidos
E os silêncios da paz etérea não durarem,
No Olimpo alado Jove ergueu, primeiro, Juno
Mostrando o caos horrendo e os castigos do Báratro.
Por intentar à apavorada mãe livrar
Das correntes, do céu inda atirou Vulcano.
Por noite e dia este rolou do firmamento
Em turbilhão e, enfim, reboou na lêmnia praia.
Quando o súbito grito atingiu a cidade,
Numa rocha apoiado o acharam e o ajudaram
A caminhar, ferido o joelho, os passos trôpegos.
Então, ao que deixou-lhe o pai ao céu tornar,
Lemnos ao deus foi cara, e menor do Etna é a fama,
E as lipareias casas. Ledo, aos templos e aras
Desce, forjado o escudo e pronto o raio horrível.
Pelo contrário, o altar de Vênus sempre é frio,
Dês que a deusa tremeu por justa ira do esposo
E subjugaram Marte as ocultas correntes[5].
Ela, por isso, engendra um crime e, contra Lemnos,
Fim cruel prepara – alma nem sempre tanto é vista:
Por áurea fita a cabeleira tem atada,
Sidéreo seio à mostra; e ao mesmo tempo, é imensa,
Traz a face manchada, archote crepitante
E o negro manto, como as virgens do Estige.

[5] Episódio do adultério de Vênus.

Chegava o dia. O capitão lêmnio que à Trácia
Levara as armas e que ousara em tênue junco
Urdir navios e de couro os recobrir,
Traz pelo mar sinais alegres; naus seguiam,
Cheias de reses e mulheres – vestes bárbaras,
Jóias vernáculas. Nas águas soam brados:
"Ó Pátria, ó esposa ora ansiosa de atenções,
Trazemos servas para ti – prêmios de guerra!"
Quando, pelo ar, em nuvem negra, a turva deusa
Arroja-se e procura, em incerta sombra, a Fama –
Que o digno e o indigno canta, os medos espalhando,
E a quem do calmo empíreo o Pai potente afasta.
Ela, fremente, habita as nuvens; não é deusa
Do céu ou do Érebo, e assola as terras ganhas;
Presto, os que a escutam a rechaçam, posto o crendo:
E a todos toma e treme a vila em línguas rápidas.
Tal mensageira dos enganos busca a deusa.
Tão logo a vê, para seu lado, ávida, voa,
Prepara as falas e os ouvidos lhe desperta.
Com tais palavras, a incita e a persuade:
"Eia, vai, Virgem, debelar a equórea Lemnos,
Verte-me as casas e antecede, como sóis,
As guerras quando crias nos campos mil trombetas,
Tropas armadas e o resfolgo dos cavalos.
Dize que os homens chegarão, presos por luxo
E cupidez, para levar ao leito as trácias.
Principia, e que a dor instigue as mães raivosas.
Logo estarei presente e, as guiarei, já prontas".
Ela parte e, contente, em meio à vila chega
E encontra Eurínome, ao portal vizinho a Codro,

Roída de aflições. Guardando casto o leito,
Pelo marido espera, e nas lãs cansa as servas
Que, ao pé da cama, contam o tempo dos combates,
E, no longo trabalho, as insônias suavizam.
Co'as vestes de Nereida, em choro diz-lhe a deusa:
"Quem dera, irmã, não fosse eu tal mensageira
Ou que antes uma onda as dores nos ruísse,
Porquanto neste instante o homem por quem clamas
Com promessas e pranto, assim tão meritória,
Se enlouquece e ao amor vulgar de escrava serve.
Já chegarão; e de teu leito se aproxima
U'a trácia que em beleza, em virtude ou pudor
Não se compara a ti; não é prole doricla,
Mas, bárbara, seduz co'o queixo e mão marcados.
Serás, porém, talvez, noutro leito aliviada
E, com mais sorte, escolherás novos Penates.
Sem mãe, teus filhos me consternam, perseguidos
Pela mulher que de soslaio os contemplando
Já imagino; e as refeições envenenadas.
Sabes que somos como fogo; aduz que é pátrio
Os daas detestar. Virá curtida em gelo
E no leite ferino, e alijada serei
Por meu marido, é Fama, e a noiva adornada,
Carregada do barco, ocupará meu leito".
As queixas cessa e a deixa em pranto, apavorada.
Vai ter co' Ifinoé, e de iras enche a casa
De Olênio e Amitaon. Grita por toda a vila
Que serão todas desterradas e que os homens
Co'as trácias reinarão. Dor e ódio se levantam;
A cada uma que outra encontra, o mesmo conta,

Em boa fé. Com grito e queixa aos deuses bramam!
Beijos nas camas, nos portais elas repetem.
Por entre lágrimas detêm-se e olham de novo.
Com pressa saem e não voltam mais às casas.
Sob astros nus se conglomeram, e assim juntas
O pranto incitam e praguejam contra as bodas
E contra as tochas infernais da união maldita.
Em meio àquelas chora Vênus, sob a forma
Da triste Dríope e as excita em cruéis lamentos:
"Quem dera a Sorte me deixara ter morado
Em lar sarmácio e ter vivido os tristes frios,
Ou levada num carro, o templo pátrio visto
Tomado em fogo e o fim dos deuses. Já sofremos
Outros combates! Como um louco, a que tarefas
Ele me envia? Deixarei, fugindo, os filhos?
Não armaremos com espada e tocha as mãos?
E enquanto dormem com as noivas, algo horrível
O Amor não instará"? Girando olhos ardentes,
Lançou do seio, de cabeça, ao chão os filhos!
Os ais de Vênus, exaltada, os corações
Das mães, e mentes, arrebatam. Todas juntas
Olham p'ro mar, simulam coros; com guirlandas
Os templos ornam e se alegram co'os que chegam.
Eles procuram casa e mesa. Sob os pórticos
Deitam-se. Cada um ao lado tem sua esposa
Irada e hostil, qual sob a noite do inferno,
Com Flégia temeroso[6] e Teseu, Tisífone

---

[6] Flégia, em um ato de impiedade, destruiu o templo de Apolo em Delfos, porque o deus havia seduzido uma de suas filhas, sendo, por isso, lançado ao Tártaro.

Prova dos copos e das sevas iguarias;
Num tipo de tormento, abraçam-nos serpentes.
A própria Vênus, sacudindo a undosa tocha,
Pronta p'ra luta, ajunta as trevas e se arroja
Sobre Lemnos, que treme. Em nuvens e relâmpagos
O Céu a segue e co'o trovão o Pai a alteia.
Então, furiosa, novos gritos pelos ventos
Redobra e o Atos e o Oceano e da Trácia
O mar imenso, e mesmo as mães, nos leitos, tremem;
E no regaço estreito os filhos se enregelam.
A Discórdia e o Pavor dos estábulos guéticos
E a Raiva negra, em faces pálidas, se apressam,
E o Dolo, as Iras e, da Morte a grã figura
Mostrando as mãos cruéis ao primeiro chamado,
Quando a mavórcia amante ouviu-se e deu sinal.
A preparar infâmia ainda mais tremenda
Vênus imita os ais e os gritos dos que morrem;
Invade as casas: u'a cabeça estertorante
Leva na mão, de cruor recente os seios sujos
E a coma desgrenhada: "Eis-me a voltar vingada
Do leito. A hora chega"! E, vencidas co'o golpe,
À cama as lança e põe a espada em mãos que tremem.
Como direi do crime as faces ou o destino
Dos moribundos? A que horror conduz-se o vate!
Que fieira se desponta! Ah, quem me ajudará
Cantando o vero e livrar-me-á da vista as noites?
Atacam os portais e os corpos antes caros:
Umas, àqueles pelo vinho adormecidos;
Outras, co'as mãos para o combate preparadas
Com grandes tochas, aos insones, que vêem tudo –

Porém o medo lhes coíbe intentar fuga
Ou pegar armas, pois que a deusa fê-las grandes
Para os maridos, e maior a voz soar-lhes.
Com medo, só os olhos tampam, qual se vissem
As Fúrias, ou Belona a espada coruscasse.
P'ra tanto, a irmã, a mãe cruel, a filha próxima,
A esposa e o gênero das fêmeas os massacram
Aos leitos presos – nem os Bessas derrotá-los,
Nem pôde a força gueta, ou as iras do mar.
Na cama, o sangue; e as feridas no arquejante
Peito fumegam; rolam corpos pelos tálamos
Em agonia. Diras tochas nos telhados
Algumas lançam; cercam casas. Uns das chamas,
Às pressas, fogem, mas à porta a dura esposa
Os impede, e à visão da espada retrocedem.
Outras às trácias despedaçam – causa e culpa
Dos furores. Clamor bárbaro e os gemidos
De suplicantes; enchem Céu as vozes soltas.
Mas que cantos trar-te-ei, de tua audácia dignos,
De uma pátria que rui, ó Hipsípila, honra e glória?
Nada te furtará a fama de meus versos
Enquanto os Fastos, pelos séculos, durarem,
E os palácios do reino e de Ílio os deuses Lares.
Filhas e noras, açuladas atacaram,
E toda a ilha ardeu, com espalhado horror.
Co'as pias mãos armadas diz: "De mim te afasta
E da cidade, ó pai! Nem trácio ou inimigo
Os muros toma; é nosso o crime, o autor não saibas!
Foge, recebe o dom dest'alma que vacila,
E, antes, toma a espada, eu peço". Então o abraça,

Vela-lhe a fronte e, assim, condu-lo silencioso
De Baco ao templo e, na soleira, as mãos erguendo:
“Os crimes purga, ó Pai, e tem mercê dos justos
Outra vez”. Leva, então, p’ra oculta sede o pávido,
À destra, aos pés do deus. Sob a veste sagrada,
O esconde a salvo. Os coros cantam, trietéricas
Trombetas soam, nos portais os tigres rugem.
Quando a rainha viu, em rósea biga, a Aurora
Surgir, e as casas pelo esforço fatigadas
Silenciarem-se, enfim, porquanto os grandes feitos
Dão vigor e é maior a audácia na piedade,
Co’as roupas de Lieu e a cabeleira jovem
Veste o pai, e no carro o põe, entre pandeiros,
Trompas e cestos com mistérios reverentes.
Seios e braços ela cinge co’hera humilde
E brande tirsos de videira pelos ventos
Cuidando o pai tenha, escondido, as verdes fitas,
Que chifres sobressaiam pela nívea mitra,
Que a sacra taça ostente Baco. Co’estridor,
Então, empurra as grandes portas. Vai p’ra vila
Cantando assim: “Banhada em morte, minha casa,
Baco, deixa! Que o mar te lave da matança
E, ao templo, as serpes ilibadas voltarei”!
Liberta ao medo, veneranda a faz o deus
E, em o sabendo, arfante o peito, ela se ufana.
Longe da vila, em bosque oculto, o velho a salvo
Escondera; porém, noite e dia, o Pavor,
Ciente do crime, e a defraudada a Erínia acossam-na.
Não ousa os coros (só uma vez se ilude a orgia)
Conduzir, nem chegar à mata com tais fúrias,

Buscando p'r'o infeliz, por qualquer sorte a fuga.
Pelas bravias ondas roído, um barco é visto,
Que a Tétis dera um dia Glauco, exposto aos sóis
E que a lua crestava em cândidas geadas.
Ali o pai, pelo silêncio da alta noite,
Tirado ao bosque leva, e triste assim lhe diz:
"Que pátria deixas! Quantas casas sem seus moços,
Pai! Ó peste maldita, ó fim de noite acerba!
Devo eu te confiar a tal embarcação,
Querido pai, ou te reter entre os perigos?
Remimos tarde com as Fúrias nossos crimes!
Atende, deusa que conduz do sono as bigas:
Nem povo, rico solo ou qualquer reino eu peço
Para meu pai: deixa-o a pátria abandonar!
Quando por ele, pela vila, satisfeita,
Serei guiada? Quando aqui verei as lágrimas"?
Ele, p'ra longe, sobre o tronco, aflito foge
E chega à táurea terra, e ao templo de Diana,
Ali, ó deusa, lhe confias triste altar
E espada – para ti, nas terras não há tempo:
Já os bosques da Egéria e Jove do alto Alba
Te reclamam, e a Arícia[7] imiga de um só rei!
A filha volta à praça onde a súcia de mães
Se reunira. Em rouco frêmito assumiram
Dos pais e filhos as funções; e nas muralhas
Instauram novas leis. Trono e cetro do pai
Restituem à justa, em prêmio à pia mente.
Eis que chegando, ao longe, a Lemnos, a remadas,

[7] Lugares de culto a Diana.

As armas vêem. A rainha, alvoroçada,
Chama o conselho. Adversas flechas, fogo hostil,
Não lhes faltara atroz furor para lançarem-lhes,
Se à ira de Vênus o Mulcíber não partisse.
Então, Polixo, por Apolo a amada vate,
Sem pátria ou raça certa, anunciava, Tétis,
Com o ambíguo Proteu[8], desde as grutas de Faros,
Terdes voltado pelo mar, em peixes-boi.
Mergulha n’água algumas vezes e depois
Surge contando a voz ouvida no oceano:
“O porto abramos! Crede a nau virá qual hóspede.
O deus a Lemnos benfazejo aqui os Mínias
Pela água trouxe. A própria Vênus à união
Dá tempo enquanto resta idade e força ao ventre”.
O dito agrada, e Ifinoé o leva aos gregos.
Nem a turba funesta ou vestígios do crime
Mostram-se, e Vênus o temor dali recolhe.
De pronto, o capitão, em nome dos heróis,
Imola um touro; a oferenda ao templo envia
E o altar de Vênus a primeira rês aquece.
Chegado à rocha em cujos cimos negras pedras
Suspensas fumam, o ar se queima entre vapores,
Detém-se o esônide, e a rainha ali o exorta
A orar, as causas lhe explicando: “Vês as grutas?
Eis a casa vulcânea – o vinho e prece oferta.
Quiçá na cova, já forjado, o raio esconda-se.

[8] Proteu, com suas metamorfoses, conseguia escapar daqueles que o surpreendiam e tentavam prendê-lo para conseguir a revelação de algum mistério, pois Netuno lhe havia concedido o dom de dominar os tempos passados e futuros.

Confirmá-lo-á a noite ao te espantares, hóspede,
Co'o soar da chama presa e do malhar dos ferros"!
Então, se jacta das muralhas, da pujança
E das riquezas do país. Banquete as fâmulas
Servem no paço e brilham leitos de ígnea púrpura.
Chorando os reis antepassados e os maridos
Estão as trácias, que se crê terem temido
As tochas nupciais e a alcova das senhoras.
No meio, o Esônide e a rainha se puseram,
Depois, os outros. Logo, a fome saciada
Co'as sacras carnes, segue Baco em todas taças;
Se cala a corte. Aberta a mesa, as horas fogem
E, nas conversas, se consomem pelas sombras.
Hipsípila, primeira, admirada co'os feitos,
Indaga ao capitão que sorte, ou poder régio,
Os leva, e a razão de tão grande navio.
Só a um se apega e, aos poucos, sente as doces chamas,
Não mais é avessa ao leito, ou que Vênus retorne –
E o deus concede tempo e espaço para o amor.
Na lei do céu movera Júpiter as Plêiades[9],
Astros chuvosos, a obra eterna revolvendo,
E, logo, em ondas, tudo rui, e sob um golpe
Do deus o Gárgara, o Pangeu[10] e, em medo, os bosques
Se quedaram. Mais cruel terror não toma as gentes
Noutra estação; é então que Astreia[11] urge e implora
A Jove as iras contra os povos e, com rogos,

---

[9] As Plêiades aparecem no céu setentrional entre os meses de maio e outono, durante o período de mau tempo.

[10] Montes da Trácia e da Mísia.

[11] Deusa da Justiça.

Satúrnia estrela invoca às terras relegadas.
Co'os colossais irmãos, o negro Euro ataca;
Reboa o Egeu e o mar se lança contra as praias.
Pluviosa lua quatro vezes vê o Tespíade[12]
Que de ondas e da empresa o medo enorme afasta
Até que surjam novos sóis da melhor deusa.
Na vila, alegres Mínias ficam; das viúvas
Ocupam leitos e, no luxo, querer fingem
O ir das nuvens e que Zéfiro os não chama
Até que, ileso à vila, o próprio herói Tiríntio,
Que à nau vigiava, não mais deixa os indolentes:
A abertura do mar ter tanto irado aos deuses,
Vazio lar, paternos votos violados
Em tempo de ócio: e por quê os tíbios segue?
"Míseros todos que acedemos a teus atos!
Dá-nos o Fase, os perigos do mar cítio
E Eetes, Jasão! Contigo, ao mar, tão só o amor
Aos feitos trouxe-me: a esperança de as Ciâneas
Deter e espoliar a serpe vigilante!
Mas se escolheres habitar egeus escolhos,
Comigo Telamon meus feitos cumprirá[13]"!
Pelo acre aviso aceso, o Esônide atormenta-se
Qual fogoso corcel que a fresca terra assiste
E que, na paz, dá curtas voltas preguiçosas,
Mas que ainda anseia os freios quando a seus ouvidos
Alcançam o rumor e as trombetas de Marte.
A Tífis e Argo chama e para o mar apresta-os.

---

[12] O piloto Tífis, natural de Téspia.

[13] Telamon, companheiro de Hércules na caçada ao javali da Caledônia.

Co' ingente brado, o timoneiro ao mesmo tempo
Varões e armas chama, e os remos espraiados.
Na vila se ergue nova dor por todas casas –
Prantos e a antiga sorte: eis outra vez os muros
Abandonados. Quando é o tempo das nascenças?
Quem cultuará a raça e empunhará o cetro?
Da noite infame, é a triste obra: o cruel silêncio
De um lar viúvo, pois que ousaram adentrar
Em leito e laços já deixados, e em angústias.
Hipsípila também, ao ver na praia o súbito
Concurso e os homens renunciando a toda Lemnos,
A Jasão repreende e geme com tais queixas:
"Já no primeiro estio, apraz-te abrir as velas,
Varão mais caro que meu pai, tão logo o mar
Furioso aquieta? A nau do porto fugiria
Assim, se em praia trácia as Plêiades prendessem-te.
Devemos, pois, ao céu a às ondas teu tardar"?
Chorando disse, e ao capitão oferta dons
Tocantes: clâmide e tecidos trabalhados.
Ali bordara a sacra cúmplice do pai
E o pio carro: a seva súcia abre passagem
Ao temeroso; ao seu redor, no verde pano,
A selva treme; e o pai se esconde em meio às sombras.
Numa parte, teceu do Idas frondoso o rapto[14]
E a ilustre fuga do menino, que no céu
Servia, alegre, à mesa; e ainda a própria armígera
Já do frígio escanção as copas aceitava.
Diz, estendendo a espada insigne de Toante:

[14] Rapto de Ganimedes.

"Aceita, p'ra que eu seja amiga em meio às guerras:
Do deus do Etna o dom que o pai cingiu, ardente,
Agora digno de juntar-se às tuas armas.
Parte, e da terra que primeiro te abraçou
Recorda, e volta, conquistada a praia colca,
Pelo nosso Jasão, que deixas neste ventre".
Disse, a lançar-se ao colo marido do hemônio,
E a de Orfeu, não menos triste, e a tua, eácida,
E a mulher do irmão de Cástor vos abraçam.
É içada a âncora da areia, entre as lágrimas,
Empuxam remos; já o barco impelem ventos
E a esteira espúmea do timão segue os que partem.
Lemnos, então, se esvai e chega a Electra[15] terra –
Dos trácios ritos guardiã. Há ali imenso
Temor divino e incautas línguas se castigam.
Nunca a tormenta, enviada por Jove, co'a vaga
Ousa atacá-la – o deus, per si, encrespa as ondas
Quando tocar suas praias veda aos ímpios nautas.
Mas, atalhando os Mínias, nas ocultas terras
Tiotes hospeda-os, segredos ensinando-lhes.
Só pelo vate dada à luz e ao povo, adeus
Samotrácia, temor guardemos dos mistérios!
Ao novo sol, plenos dos deuses, satisfeitos
Nos tostes sentam-se. Ocultavam-se já as urbes
Que antes o nauta vira; à proa, Imbros surgira
E o sol mediano se elevara à etérea arcada.
A nau tessália, prima, então, chegou às terras
Dardânias e aportou, por Fado, no Sigeu.

[15] Samotrácia.

Apeiam. Uns erguem co'as velas brancas tendas;
Outros, a pedra manejando, o trigo partem;
Presto, os demais cobrem de folhas a fagulha
Tirada à rocha, e co'o enxofre amigo a nutrem.
Indo, na praia, Telamon e o amigo Alcides,
Uma voz chega, numa curva, aos seus ouvidos,
Flébil, qual onda que murmura no refluxo.
Detêm o andar e, pasmos, seguem do chamado
A direção. Já bem se escuta: à morte u'a virgem
Largada, a qual varão ou deus não invocava?
De pronto, os homens correm, certos de salvá-la;
Qual quando um touro, com gemido os ermos enche
A suportar no dorso o leão que o dilacera
A mordeduras, os campônios, em tumulto,
Das casas ao redor saídos, se aproximam.
O Alcides pára e, tendo a rocha já escalado,
As cruéis algemas vê, a palidez da virgem
E, nos olhos surgindo, as lágrimas primeiras,
Tal qual u'exânime marfim, posto com arte
Talhado, sofre, ou o pário mármore inscrições
Recebe, ou contam grande feito as cores límpidas.
Indaga o herói: "Que nome e raça, jovem, tens?
Que sina é essa? Por que às mãos prendem-te os elos?"
Ela, a tremer, co'os olhos baixos por pudor,
Diz: "Não mereço esta desdita; últimos dons
Vês de meus pais: rochas cobertas de ouro e púrpura.
Sou de ília[16] raça, antes feliz até que a Sorte
Afugentou os laomedônteos Penates.

[16] Ilo, fundador de Tróia.

No início, foi a peste, e do sereno céu
Alijou-se a bonança, e os campos se queimaram;
Então, fragor, e se erguem ondas carregando
Idaias matas com seus antros. De repente,
Do ponto emerge um monstro imenso. A mar
ou montes]
Não o podes comparar. A seu furor donzelas
São entregues, ao choro e abraços dos parentes.
A tanto o mandam a Fortuna e Amon cornígero:
Ao Letes condenar os corpos sorteados
E virgem alma. A mim destina a urna à penha!
Porém...[17], se aos frígios os divinos já retornam,
E és o que vem pelas promessas dos augúrios,
P'ra quem meu pai alvos cavalos apascenta
Em campo santo – dom proposto a meu resgate –
Me ajuda, eu peço, e livra Pérgamo do monstro,
Pois que o podes. Não via assim tão largo peito
Dês que Netuno ergueu os muros às estrelas,
Nem tal aljava ou ombro igual trazia Apolo."
Corroboraram-na o rochedo, o triste aspecto
Do litoral cativo, e o céu que se deitava
Sobre a cidade, igual ao visto em Erimanto
Ou na Nemeia, ou junto à lérnea água podre.
Netuno, ao longe, dá um sinal nesse entretempo;
Faz retumbar o golfo e o mar se encapelar
Co'o monstro do Sigeu, cujos faiscantes verdes
Olhos tremem na bruma. O fulmíneo estridor

[17] Hesíone, filha de Laomedonte, foi entregue ao monstro porque seu pai não pagou a Apolo e a Netuno o preço estipulado pela construção das muralhas de Tróia.

Sacode a língua trissulcada. Sobre as águas
Ele ergue a cauda e guinda a nuca além das voltas;
Pelas mil curvas, a cair, o mar o segue,
Do flanco se deitando; e sua chuva arrasta
O que na praia encontra. Em ondas tais não vem
O Noto proceloso, ou no oceano o Áfrico
Tanto se agita, ou, tendo às mãos do pai as rédeas,
Órion encrespa o mar co'o sopro de hipocampos.
Espanta o Eácida o herói recrudescer
Na luta, em fúria, co'arma e músculos se erguendo,
Enquanto aos ombros lhe entrechocam flecha e aljava.
Aquele, tendo o pai, o Mar e armas chamado,
Saltou na rocha e se assustou co'a água erguida
Das profundezas. Do animal as grandes voltas,
Qual quando Bóreas sai dos vales do Hebro frio
E, pelos picos do Rifeu, as nuvens céleres
Precipita, no céu escuro a tudo tomam.
Logo ele estende o horrível dorso encarquilhado;
Com sombra enorme se alça e faz tremer o Ida,
Derruba as matas e ergue as torres decaídas.
Hércules o arco empunha e, em nuvem, lança setas,
Porém ao monstro não arreda mais que ao Érix[18],
Caso as borrascas desejassem arrastá-lo.
Já curto e inútil é para a alada flecha o espaço;
Há, então, tremor e o desatino da aventura,
Pudor silente e a virgem pálida outra vez.
Solta as armas da mão e examina os rochedos:
O quanto o tempo, pelos ventos ajudado,

[18] Monte da Sicília.

Cortou, e a força d'água, o mesmo, sacudindo,
Desarreiga do mar. Com toda força, o monstro
Chega e escancara a boca junto à triste presa.
Em meio às águas, fica o Alcides; vê, altivo,
A fera vir e com a rocha esmaga o dorso
Que se eleva. Co'a maça, os vigorosos golpes
Então redobra, e vai-se o bicho em meio às ondas,
Estirado no vau. No Ida, as coribantes,
A mãe e os rios, nas cimeiras, ulularam.
Presto, ressurgem, das montanhas, das planícies,
E a vila buscam, com clamor grande, os pastores.
Telamon chama os companheiros, que se assustam
Ao verem, súbito, o navio imerso em sangue.
Sobre o rochedo, sobre a penha ensangüentada,
O Alcides salta e rompe os elos que sujeitam
As mãos da virgem. Sobre os ombros prodigiosos
Armas ajusta. Ao rei buscando, triunfante,
Deixava a praia em segurança, qual no pasto,
Brioso, o touro anda, erguendo ora a cerviz
Ora a garupa, ao ver de novo o amplo redil,
Os bosques pátrios e os amores já vingados.
Da longa treva emissa, a turba frígia o atalha,
E Laomedonte, co'a mulher, trazendo o filho;
Este lamenta que reclamem seus cavalos,
E os dons devidos. Uns dos frígios a cumeeira
Dos muros cingem e maravilham-se co'o herói.
Lúbrico, o rei, co'acre malícia, olhando torto,
No amor de pai contente apenas, chega e diz:
"Maior dos gregos, não buscando a orla sigeia,
Ou por piedade da desgraça dos troianos,

Trouxe-te o Acaso; se é verdade seres prole
De Jove, raça do altíssimo Tonante,
Te ajunta a nós. O mesmo pai e igual orgulho
Da estirpe temos, posto praias nos separem.
Pós quanto choro meu e expiação dos pais,
Tardo vens – quão menor é a glória de teus feitos!
Mas, eia, traz teus companheiros para os muros,
P'ra que os corcéis - que ofereci por salva a filha -
Tos mostre a luz vindoura, aberta a estrebaria.
Disse, e maquina oculta fraude e infame crime
No coração: que ao leito preso, entregue ao sono,
Roubada a aljava, o mate e afaste a predição –
Por flecha hercúlea[19], ouvira, Pérgamo cairia
Duas vezes. Mas verter do priâmeo reino o fado,
Quem poderia? A noite dória[20], a gente Eneida,
E as glórias de uma Tróia inda melhor[21] persistem.
Diz o Tiríntio[22]: "A expedição nos leva ao mar
Da Cítia; logo, a vossas terras voltarei
E os prometidos dons[23] terei". Anuiu o rei
Com jura aos deuses - a perfídia do tirano
E as desgraças de Tróia os frígios lamentaram.
Na noite, então, a todo vento, as velas abrem-se;
Deixam a praia, a tumba de Ílio e o pai dardânio
Enquanto vêem tudo em festa, em brinco insone.

---

[19] Tróia foi destruída pela primeira vez sob o reinado de Laomedonte e, mais tarde, as flechas de Hércules foram fatais à cidade nas mãos de Filoctetes, ao matar Páris.

[20] Tomada de Tróia pelos gregos dóricos.

[21] Roma.

[22] Hércules.

[23] Dons obtidos quando do resgate de Hesíone.

A onda e o Ida, com os sagrados fogos brilham
E ecoa o Gárgara horríssono com a flauta.
Quando alcançaram já os silêncios do alto mar
E os soantes ventos ajudaram, adentraram
O mar de Frixo e a fauce estreita antes sem nome[24].
Mas eis que, à prima luz, quebrando, u'a onda fez
Tremer a nau e mostrou Hele com suas ínfulas,
Já irmã de Tétis[25] e Panope, já a empunhar
O cetro de ouro. Enquanto amaina as águas, ela
Vê o capitão e, com palavras doces, diz-lhe:
"Também te levam, desde a Hemônia, em
mar estranho,]
A reino hostil, a casa e o Fado iguais aos meus.
A Fortuna, de novo, espalha os filhos de Éolo;
E tu, raça infeliz, o cítio rio buscas.
Há a vasta terra, um longo mar (não largue a empresa!)
E, longe, o Fase – mas que a ti dará entrada.
Há ali um bosque oculto e altares gêmeos sobre
Os verdes montes: cumpre lá os primos ritos
A Frixo e às cinzas, peço, os meus ditos transmite:
'Pelo silêncio, irmão, do Estige, qual tu crês,
Não erro. Em vão, querido, buscas os caminhos
Do inane Averno. Nem, lançada a rocha ou vagas,
Me acossa o temporal. Ao cair, presto, Glauco
E Cimotoé me ergueram. Deu-me o próprio Pai
Das profundezas, por bondade, casa e reino;
E nosso golfo em nada inveja o mar ináquio[26]' ".

---

[24] A queda de Hele deu ao mar o nome de Helesponto.
[25] Mãe de Aquiles, já transformada em deusa marinha.
[26] Ino, madrasta de Hele e Frixo.

Disse e imergiu na água tranqüila o triste rosto
Com um gemido, ao recordar a dor dos pais.
O capitão, libando o mar com vinho, disse:
"Virgem creteia[27], honra das ondas e da raça,
Abre o caminho e leva os teus em bom percurso!"
Comanda a nau, que entre as cidades vai ligeira
Por onde o raso mar se encrespa. Foge a Europa –
Com escarpas mais feroz – da Ásia, que a persegue.
Essas terras também e os campos povoados,
Com o mar bravio, outrora, eu creio, o separaram
A lança de Netuno e o trabalho do tempo,
Como a Sicília e a Líbia; e ao fragor espantaram-se
Jano e Atlas, senhor dos montes do ocidentes.
Deixam Percote, o Pário infame pelo estrondo
E os baixios da Pítia; a nau passa por Lâmpsaco
Que não celebra as trietéricas de Baco
Nem o frígio furor nas cavernas recônditas;
Porém seu deus condu-la a Vênus[28]. Sobre a vila
Vêem-se os altares e as insígnias de seu templo.
Daí, mais rara é a terra e o céu de novo é imenso
A desfraldar nova visão no horizonte.
Entre o Ponto e Hele jaz, em meio ao golfo, u'a terra
Qual se do mar içada. Imenso campo emerge
Do cego abismo: por sob a água, em longa areia
A praia chega – tem, de um lado, nos confins,
A velha Frígia; de outro, os pinhos da montanha.
Surge, não longe, à beira mar, singela vila,

---

[27] Creteu, irmão de Atamante.
[28] Referência ao culto a Priapo.

Em montes plácidos talhada. O rei dos campos
É Cízico, que ao ver da nau Hemônia as flâmulas
Desconhecidas, adentrou as primas ondas.
Com os homens se admira. O peito e a destra unindo,
Diz: "Tropa emácia, só agora conhecida
Em nossas terras, tua aparência é mor que a fama!
Não mais difíceis ou distantes são tais plagas,
Já desbravadas pelas gentes do ocidente,
Desde que vejo capitães terem chegado!
Posto, ao-de-lá, o solo nutra sevos povos
E a boca irada do Proponte me circunde,
O vosso rito, a fé e os corações domados
Por culto à terra se assemelham inda aos meus.
Longe é a força bebrícia e a inclemência dos Citas!"
Assim relembra e os leva, alegres, ao que ordena
Abrir-se o paço e aos templos honras se ofertarem –
Leitos e mesas de ouro e gemas, real serviço,
Cem pares de escanções de corpos juvenis:
Nas mãos uns levam iguarias, outros áureas
Taças lavradas co'os recentes feitos bélicos.
Oferecendo a prima copa ao grego chefe:
"Meu inimigo", diz, "aqui o porto acossa;
Traz, sob a noite, estes combates. Estes dorsos,
Vês dos pelasgos – meu é o fogo que arde as barcas".
Responde o Esônide: "Oxalá as Iras movam
Ora os pelasgos, que atacar de furto tentem,
E toda gente em naus se embarque – hóspedes armas
Verás – e luta mais nenhuma após a noite".
A madrugada vai levada entre as conversas
De vários ditos; e o outro dia, ao mesmo modo.

Canto III

Terça Titônia[1] já solvera as sombras frias
E abrira o céu. O calmo mar convoca Tífis.
Do paço vão-se os Argonautas; os Enidas
Fora da vila logo assistem à partida.
Dão trigo, gado escol e Baco – não o bitínio
Ou o frígio nato, mas aquele que dá Lesbos
Em sua colina junto ao mar do estreito de Hele.
À praia Cízico conduz o andar do Esônide
Chorando a ida, e com soberbos dons cumula-o:
As primas vestes que a percósia[2] esposa Clito
Pintara a ouro e lhe ofertara, mais um elmo
E da paterna mão a arma insuperável.
Taças e os freios da Tessália ganha em troca
E, co'o aperto das mãos, uniram-se os Penates.
Mostra-me, Clio[3], agora as causas e os combates!
Foi dada a ti a faculdade pelos deuses
De conhecer as intenções e o vir das coisas.
Por que consente Jove à luta, ou contenderem
Amigas mãos? P'ra onde a Erínia leva a noite?
Quando inquietou, na orgia, o servo ensangüentado,
Cruzando as selvas encrespado pela monta,
Logrado pelo imenso amor à caça, Cízico

[1] A Aurora do terceiro dia.
[2] Natural de Percote, cidade de Tróia.
[3] Musa da História.

Matou co'a lança o leão que, sempre guiado a freios,
Às vilas frígias conduzia sua senhora[4].
Apôs, então, a juba e o crânio nos postigos –
Espólio desgraçado e vergonha da deusa
Que, se lembrando de tanta ira, vê do monte
A nau Hemônia co'os broquéis de reis munidas.
Ao homem volve morte inédita e outros males,
P'ra que, de noite, lance em luta amigas tropas
E enrede a vila com nefastos desatinos.
O mar, no breu, em fina esteira esbranquejava-se
E já as estrelas espalhavam leves sonos.
A brisa leva. Atam-se os remos e ultrapassam
O Proconeso[5] e, já no mar, o flavo Ríndaco[6],
E o espumoso Silaceu, que as ondas quebra.
Tífis o dia, longamente, e o arrebol
Consulta e a nau confia ao vento e às estrelas.
Porém, trazido pelos deuses, seda-o Sono
Nunca antes tão pesado. Inconsciente, a mão tomba
Do leme e os olhos cerra. Amainados os ventos,
A nau flete seu rumo e volta ao porto amigo.
Quando no vau, levada, chega, um longo toque
As trompas sopram; voz se lança em meio às trevas:
"O imigo chega ao porto! Os pelasgos voltaram!"
Rompida a paz, um deus à vila enlouquecera:

[4] Cibele, acostumada a ser transportada por seus leões pelos montes da Frígia, onde se celebravam seus cultos orgiásticos em comemoração à morte de Átis. Cízico, portanto, matou o leão sagrado, atrapalhando a celebração dos sagrados mistérios.

[5] Ilha da Propôntide.

[6] Rio da Mísia.

Da mãe migdônia[7] as cruéis ordens leva Pã –
Senhor dos bosques e da guerra, a quem da luz
Os antros guardam, e que de noite exibe o torso
Peludo, e a coma sibilante à fronte horrível.
Um brado seu, além das tubas, e os elmos caem,
As espadas, o auriga e os ferrolhos noturnos
Dos muros. Medo assim, nem o elmo mavórcio,
A cabeleira das Eumênides ou Górgona
Espalhariam, ou exércitos de sombras.
Do deus é o jogo: quando tira dos currais
Medroso gado e, em fuga, as reses sarça esmagam.
O clamor logo alcança o rei. Inquieto sono
Cízico deixa, abandonando espectros pálidos.
Eis que sobre os portais, com o flanco nu, Belona,
Movendo os bronzes no ruidoso caminhar,
Se posta, a balouçar, co'a a crista em tripla ponta,
Para acordá-lo. Insano, a segue pelos muros
E se encaminha, por destino, à luta extrema.
Como o ébrio Reco[8], vendo o Fóloe[9] geminado
E largos astros, contra o Alcides e Teseu
Se atira; ou como o pai[10] que, finda a caça, volta
Cantando à Trívia pela mata e traz no ombro
Learco, enquanto a pobre Tebas baixa os olhos.
Nem os portões ao rei seguram, nem a guarda
Que, ao primo ataque, segue atrás do enfurecido.
Outros surgem, então, pois toda casa próxima

[7] Migdônia, província frígia onde habitavam Cibele e Pã.
[8] Um dos Centauros.
[9] Monte habitado pelos Centauros.
[10] Atamante.

Estremeceu-se, e a confusão tomou os ermos.
Pavor incerto aos Mínias trava. O coração
Aflito hesita, e não distingue reino ou crime;
Ou por que fulge escudo ou elmo, ou se é inimiga
A tropa armada, se dão luta os bravos colcos.
Até que u'a lança, voando em giro, soou no toste
E a tomar armas compeliu os tripulantes
À mão-cega. Jasão ajusta a gálea; e aos brados:
"Aceita, pai, a prima luta de teu filho;
E vós, varões, crede que aqui os colcos cheguem".
Qual márcio carro entre os bistões dos astros lança-se,
Quando o clamor, ingentes ânimos, e as tubas
Sanguinárias ao deus convocam; não mais lento,
Furioso ocupa o campo: o segue a força aqueia.
Cerram fileiras e se posta a tropa horrenda
Encouraçada, a quem nem mesmo a fera virgem[11],
A mão de Jove, o Medo ou os corcéis de Marte
Romperiam. Assim, escudo a escudo enfrenta
Qual quando Jove, em monte azul, empilha as nuvens,
Peleja o Zéfiro e, debalde, o Noto empurra-as
De um lado e de outro e, em grande medo, os corações
Incertos ficam de em qual mar ou campo caiam.
A infeliz coorte, com fragor, jogava pedras,
Negras tochas, calhaus das retorcidas fundas.
Quieta, a falange o som suporta e iras retém
Enquanto passa o primo ataque. Mopso vê
Brilhantes cotas. De Corítio a sombra Eurito
Notou – deteve o passo e, à luz do ferro, rápido,

[11] Minerva.

Retrocedeu, como um pastor em frente ao rio
Que, caudaloso pelas chuvas, rui arbustos.
E diz Tideu: “A quem espero com ardor,
E que escolhi para de perto as mãos justar,
Onde estiveres, serás morto!” À ilharga atinge
A lança olênia[12]; aquele urrou, mordendo a areia
E, em convulsões, a ensanguentada haste arrancou.
Como ao recife, que se oculta em meio ao mar,
Por sobre o qual nunca o piloto impunemente
Desavisado atira o barco, assim a tropa,
Em cega malta armada arroja-se co’a espada.
Cai Bienor – melhor que Pirno – , Iro e Cótis.
Nesse entretempo, mais se agita a vila túrbida.
A mulher de Geniso as armas lhe escondera,
Mas, de súbito, o Lar, com viva brasa e ventos,
Reluz: te alegras com as armas reveladas.
A farta mesa larga Médon e incompletos
Os sacrifícios. De ostro, u’a clâmide enrolada
Circunda a mão, e espada em punho, aclara as vias.
Se lança às armas. Ceia e leitos não tirados,
Em que escanções agouros leram, permanecem.
Sem sorte ou modo iguais, em tropa incerta, as forças
Encontraram-se, e ao longe, os mortos se espalhavam.
Pesado archote, com betume untuoso e nós,
Brandindo, eis Flégias que, da vila precipita-se.
Crendo, ao costume, tropa e lanças dos pelasgos
Terem voltado pela noite, em gritos vãos,
Árduo e luzente, sob u’a nuvem de fumaça,

[12] De Tideu, natural de Óleno.

Sempre acossado procurava por Tamiro.
Qual Tifeu[13], rubro ao fogo e ventos, quando olhou
Do céu p'ra baixo, a quem no alto Jove prende,
Assim tremula, sob a luz sinistra, o barco.
O herói tiríntio, co'arco ao peito, então se eleva:
Salta, a atirar certeira flecha contra as flamas.
Acesa a seta, por escuras nuvens voa,
Cravando ao peito; aquele cai, com face e pêlos
Por sobre a tocha, e mais o fogo se levanta.
Peleu derruba Ambrósio; Anqueu, ao grande Equeclo;
Ele consente a Telecoonte se achegar
À destra erguida e, co'o machado, a testa rompe-lhe
Até a cerviz. O vencedor logo o despoja
Da tosca cinta, que brilhava ao lusco-fusco.
"Deixai, vos peço, os ricos corpos e este espólio",
Grita Nestor, "mais vale a mim co'o ferro a mão:
Co'o ferro faz-se a obra"! A Amastro descabeça
Enquanto exorta os companheiros a atacarem.
Rompida a tartaruga, os fugitivos seguem
Aonde levam campo e trevas. A Oco encontra
Pesado Flias; a Hebro, Pólux se arremessa.
O capitão, senhor da guerra, sobre os troncos
E ensangüentadas testas corre, qual tormenta
Sobre o mar. Deixa moribundos Zele, Bronto
E Ábare; segue Glauco e o alcança, derribando-o;
Rompida a jugular, u'a chaga se lhe corta;
Este, ao contrário, em vão, co'a mão segura a arma

[13] Gigante que combateu os deuses. Lutou contra Júpiter e, vencido pelo raio, foi arrojado ao fundo do Etna.

A murmurar enquanto vê descer a ponta.
Com dura espada, trespassando, então desanca
Prote, Hale e Dórcea, insigne pelo canto e a lira –
Que outrora ousara as doces cordas abraçar
Na lauta ceia em honra ao filho da Bistônia[14].
Com arco ou flecha o herói tiríntio não excele.
Porém, co'a clava amiga exércitos abate.
Qual quando jovens co'achas tombam densas matas,
Geme o carvalho pelas cunhas afincadas,
Já cai o abeto e o pinho; assim, sob as pancadas,
Os duros ossos de homens soam; co'os miolos,
Se alveja o solo. Íchmon, ligeiro, aos pés caíra-lhe:
A boca e a barba do homem prende e a clava atroa:
"Agora cais, por arma hercúlea, dom ingente!"
diz, "Admirável é teu Fado para sempre!"
Tremeu tombando; ao nome amigo ouviu primeiro
E às sombras disse o crime atroz, que o não sabiam.
Não te serviu, então, Ornite, aos reis tessálicos
Ter acolhido, ou de bom grado, os entretido,
Ou consagrado o dia aos Lares. Chega Ídmon
E, exposto, fere-te, elmo e crista (ah, teus dons)
Rubros portando. O pai atônito, Creneu,
Qual te verá? Pois frio sono aos olhos fúlgidos
Já te acerca; candor e os anos te abandonam,
A vida escapa, e toda a honra é subtraída.
Cruel, deixa agora o amor das ninfas e as florestas:
O jovem Hilas, co'arco ousando, então, primeiro
Bater o irado Sage (esperança nas guerras

[14] Orfeu.

É o belo Hilas, se o permitem Juno e os Fados!);
Prostrou o homem, co'a haste célere no peito.
Levados pelo breu enganoso, os tindáridas
Se atracam – nefas! Cástor ia ao golpe, incauto,
Mas luz estranha e do elmo a crista os separaram.
Cástor, então, trespassa a Ite, onde o talim
Azul rodeia, e as gêmeas serpes se abocanham.
O irmão acerta Tapso, Nealco – o brande-alfanje –
Hages e Cidro – exangue por feri-lo Canto.
Este, estribado em toda a força, a arma terçara
Co'o caçador Erimo. O Luar, porém, mostrou-a
Trazendo a morte e iluminou, do céu, por pena,
O companheiro: a crina abriu-se: o golpe aos ventos;
Tocado ao alto pela lança, o elmo soou!
A Neseu, Telamon, e a Ofelte, o falastrão,
Pelo escudo, que cede, e pela tripla trama
Que oculta o ventre, fere, e satisfeito, diz:
"Tomara os deuses, ou Fortuna, a mim confiassem
ser este um rei, ou caísse um grande, pelas vilas
panteado". Despachou Ares, o irmão Melanto
E Fócea o Olénide que, expulso dos Lelegos,
A amizade do rei e honrarias obteve
(Por arte qual não padecendo?). A madrugada
Os gemidos ecoa e aumenta a carnagem.
Mais do que o Inárime, ou o Vesúvio roncador,
Arqueja atroz quando desperta a vila atônita,
Assim se acerba a luta. E como não se põem
Do céu os astros, cônscia, a noite afasta as bigas.
Sus, Musa, vem seguir comigo a noite tártara!
Faetonte soprou a trêmula Tisífone

E, mais próxima a luz, mais grave a sombra aperta.
Nem as insígnias, nem cadáveres distinguem
E, em raiva, aquentam mais as faces. Mostrai, deusas,
Ao vate a malta das Eumênides noturnas,
E que o fragor das armas se abra, pelo expiro
O campo morno e os manes feitos pelos Mínias.
Cízico, então, com vãs carreiras enche a tropa
Tardando o Fado. Ovante, crê ter aos pelasgos
Já rechaçado, já dispersos pelos campos.
Tais novas e a euforia aos deuses enfurecem,
Qual quando Céo[15] grilhões de Jove, em fundo abismo,
Arrastando – partido o adamante dos elos –
Chama Saturno e Tício, e para o ar espera
voltar – insano; mas passada a noite e os rios,
Da Hidra a juba e o cão Eumênide o espantaram.
Fremente, se enfurece e increpa o tardo bando:
"Nunca entrarão ardor e forças nesta tropa,
Covarde sem seu rei? Porém, se a flauta bárbara,
O dindimo ulular e as sacras danças chamam,
Então, furor e espada agradam; mal estenda
O sacerdote a adaga, o punho abunda em sangue"!
Xingando assim, pelo poder da deusa, logo
Se esmorece; por frio, o sangue esmaia o curso;
Coração treme e escuta as iras dos leões;
Às presas vê as torres móveis entre as nuvens[16]!
Assim, pesada, pela sombra, co'estridor,
Vem do Esônide a lança e rompe largo curso

[15] Titã, filho de Urano e Gaia, lançado ao Tártaro por Júpiter.
[16] As coroas de Cibele, indicativa das cidades sob sua proteção.

No régio peito. Quanto, então, p'ra si deseja
A terra estranha e os anos gastos nas caçadas.
Em rival ímpeto, os heróis atiram dardos;
Suspeito ruído ouvem de pés em movimentos:
Aos companheiros prendem – pedem contra-senha.
Se a matança durasse até o amanhecer,
Seria extinta a raça e, ao muro, às mães apenas
Veria dia, e à gente morta pela praia.
Já morto o rei, então o Pai, crendo ser tempo
De alterar o destino e interromper as lutas,
Aviou suprema ajuda e, com sereno aceno,
Troou. As filhas da Noite[17] e o Armipotente
assustam-se.]
Enfim se fecha à feroz guerra a porta ínfera.
Contínuo medo, os fugitivos pelos campos –
Recurso único – dispersam-se. Segui-los
Não é o intento mínio – o ardor se arrefecera!
Eis, a juncar com leve luz, primeiro, o porto
Aberto o dia, e a branquejar amigas torres.
"Ah, deus dos mares", dentre o bando exclama Tífis,
"Com que sonho fatal danaste tu meu peito!
Ai, companheiros, com que horror a praia se enche".
Eles, porém, nem pranto ainda, ou faces erguem,
Cônscias dos erros. Rigidez toma seus membros.
Tal como a Tias apavoram face e a coma
De Penteu[18], quando o deus deixara já as bacantes

[17] As Moiras e a Morte.

[18] Penteu, filho de Agave, proibiu o culto a Dionisio na Beócia e expulsou as bacantes. Como castigo, recebeu a morte pelas mãos da mãe, possuída pelo furor dionisíaco.

Da mãe, e os chifres do imolado touro somem;
E, não menos, na praia os velhos dispersados
Amigas tropas vendo, as costas, por horror,
Voltaram. Estendendo a destra diz Jasão:
"De quem fugis? Quisera eu e os meus morrêssemos
Nessa chacina. Um deus cruel nos envolveu.
Os Mínias somos, somos tropas hospedadas.
Por que tardamos honra e piras reverentes?"
Então, se arrojam, com lamentos, sobre os lívidos
Montões de mortos. Na alta ruma, a mãe conhece
Os seus tecidos, e a mulher, os seus regalos.
O pranto segue pelo mar a todo o céu.
Uns seguram o choro, e as chagas borbulhantes;
Os olhos, outros, com a mão já tarde cerram.
Contudo, achado o rei exangue em meio às pilhas
Como se tudo, em triste pranto, se calasse,
Assim, é a dor das mães, dos servos e de todos,
A um só voltada. Em torno os Mínias permanecem.
Com mentes tristes, choram nefas e a hasta esônide;
E, ao capitão, a acerba sorte eles consolam.
Ao ver daquele, pelo sangue a coma dura,
As faces pálidas e, ao caro peito, o dardo –
Mas não do anfitrião o anterior semblante –
Lamentou-se e falou, abraçado ao amigo:
"A noite, ó mísero, te toma sem que saibas
De tanto horror, sem reclamares nossos pactos.
Porém, funesta, vem-me a Aurora! Ah, mas que digo!
A que refúgio conduzira-me a Fortuna!
(Faltou só isso ao Fado!) Esperei que pudesses
Por minha mão morrer? Assim deixei tua terra?

Se a guerra só durou por agradar aos deuses,
Mais justa não seria, amigo, a morte minha
E que teu erro antes agora me chorasse?
Do deus de Claro a cova e o carvalho de Jove
Eu não censurarei? Tal luta e tal triunfo
Por sorte davam-me? Tamanho horror os vates
Me esconderam, cantando o fim de velha pátria
E agrura tanta? Por sinistros deuses visto
Foi meu comando? Que retorno? A mim, qual terra
Irá acolher e não vedar-me a prima areia?
Cuidaram deuses que a esta praia eu não tornasse
Saqueada a cítica riqueza e as margens fásicas,
E então, não viesse, vingador, aos teus imigos.
Porem é lícito estreitar contigo as faces,
Juntar os peitos e abraçar-te os membros pálidos.
Eia, volvei os troncos fúnebres à praia.
A fogueira comum acendei. Oferendas
Prestai – as que daria à nossa pira Cízico!"
Alhures, Clite, sobre a face do marido
Deitando a coma, em pranto chama as tristes mães
E diz: "Esposo, à flor da idade arrebatado,
A tudo levas! Gáudio ou filho algum de ti
Não hei que, triste, a mim console agora, ó bom,
A mitigar tua sorte e dando alívio ao luto.
Migdônias[19] tropas me furtaram o pai e, há pouco,
Ao lar natal, as triste lutas; por ocultas
Flechas da Trívia, a mãe, tocada, pereceu.
Tu, meu marido, qual irmão e pai, sozinho,

[19] Mígdon, rei da Frígia.

Foras-me a única esperança à juventude.
Ai, me abandonas e à cidade um deus solapa.
Mas não te vi em meio à morte ao menos, Cízico,
Estendendo-me as mãos, nem conselhos colhi.
No leito, há pouco, me queixando de tardares,
Livre do medo, por que não te recebi?”
Co'o gêmeo Cástor, triste, Pólux a levanta,
Que, em se afastando, abraçado traz-lhe o colo.
Desnudos montes, no entretempo, elevam piras;
As ornam à porfia e, magoados, depõem
No topo os corpos. Cabisbaixo, o corcel marcha
E não demoram nem matilhas nem rebanhos
Ao sacrifício: a cada qual força, Fortuna
E os cuidados dos seus. No monte, o rei se eleva.
Ergue-o o Esônide, a cabeça sacudindo
Entre soluços; e o repõe em celsa púrpura;
Oferta ardente veste, em ouro e búzio ornada
Que, ao chamar do Austro, dos tesouros subtraiu
Hipsípila. Elmo e talabarte ao rei lançou.
Este, co'o rosto p'ra cidade sua voltado,
Empunha o cetro que os antigos reis traziam:
Porque sem filhos, e por isso, sem parentes,
Leva consigo a honra insigne dos avós.
Armados Mínias vezes três rodas formando,
Batida, a pira estremeceram. Soante, a tuba
O céu lutuoso atroa. Em supremo clangor,
Lançaram tochas. A obra toda, então, nos ventos
Se desfez, e reluz o mar co'as altas chamas.
Por certo, tudo ao povo e ao jovem se guardava
Dês que no Pélio monte a árvore tombara:

No mar os raios, vôos minazes e os presságios
Disseram-no, mas quem não refuta os primeiros
Sinais dos deuses e anos muitos não se augura?
Já todo honor é feito em cinza. Em passos tristes,
Ruídas mulheres vão co'a prole. O vau se aquieta
Ao pranto da vigília: igual se cala Mênfis
Na primavera, já migradas p'r'o Arcto as aves,
E a antiga foz do soalheiro rio Nilo.
Mas nem o dia, nem a noite que é mais dura
Nas aflições livrou-os da imagem da matança.
Duas vezes chama o vento, mas não há confiança
Nos tristes homens; de incerteza a mente toma-se
E nem o choro todo ou tudo dado aos mortos
Julgam bastantes. Longe é a pátria, e o amor aos feitos
Se esvai e ajuda a enlanguescer em luto apático.
Também Jasão, posto a tristeza deva ser
Num capitão contida e presa em face calma,
Às ternas lágrimas se entrega e dor demonstra.
Levando, então, à oculta praia o fêbeo Mopso,
"Que peste é essa", diz, "Que intentos têm os deuses?
Dado por sina vem o medo, ou os corações
Tardam por si? Por que da fama e lar imêmores
Nos angustiamos, ou qual fim trará a inação?"
E Mopso, a olhar o céu: "Direi e ensinarei
O mal e as causas. Se agüentamos mortais membros,
O breve acaso e a duração do curto Fado –
Nós antes fogo companheiro do alto Olimpo –
Juntar os mortos ou expulsar com ferro as almas –
Germe que ao céu há de tornar – não é direito.
Porquanto em vento e ossos finais não desfaçamo-nos,

Dor e ira se mantêm. Quando chegam, depois,
Ao Jove trono e o triste fim em queixas mostram,
Da morte a porta se lhes abre e regressar
De novo é permitido. U'a das irmãs[20] por sócia
Une-se, e juntas correm terras e o oceano.
Cada uma envolve o imigo peito e seu algoz
Em dor e afligem-nos com vários justos medos.
Mas os que em sangue involuntário as mãos molharam –
Se a cruel sorte, ou quase u'a culpa, fê-los míseros –
A consciência os persegue, e suas obras devoram-nos:
Não mais audazes, indolentes se desfazem
Em prantos, medo vil e molesta preguiça:
Eis o que vês. Mas nossa ajuda achará o rumo.
Da memória do vate há muito conhecida,
Junto à funda mudez da noite estígia, longe,
Se acha a pátria ciméria, ignorada dos deuses,
Trevosa em sítio escuro, aonde o sol jamais
Envia a flâmea biga, ou Jove, o curso de astros.
Calam-se as copas; a vernal imóvel mata
Treme no monte. Abaixo, há a gruta, o andar
de sombras,]
O fragor último do mar, os vastos campos
Em negro medo e, após silêncio, as vozes súbitas!
Co'espada e em negras vestes ali Celeno estando,
Ao erro expia o inocente e, redimido,
Recita o canto que serena irados manes.
Ele mostrou-me as oferendas que p'r'os mortos
Se deviam e abriu, propício, a noite e o Érebo.

---

[20] As Fúrias.

Quando acender, assim, o sol as ondas púrpuras,
Une-te aos nautas e duas reses sacrifica
Aos grandes deuses. Já me é ilícito seguir-vos
Enquanto cumpro, pela noite, os lustrais votos.
Eis que Latona move o frio carro: sus!
Te afasta e que se cale a praia à tua empresa".
O sono da alta noite à terra já ocultara
E pelo mundo silencioso voavam sonhos
Enquanto o Ampícida[21], observando vigilante
Do culto o tempo, busca o Esepo[22]
em bosques próximos]
E segue o rio até às ondas do oceano.
Ali, co'o mar purpúreo e a linfa viva e bela
Anima os membros e se aplica a horríveis atos.
Com vide e súplice oliveira cinge as têmporas
E, espada em punho, risca a praia; ergue ao redor
Humildes aras a ignoradas divindades
E com folhagens as sombreia. Quando fez
No sítio o pio medo e a sagrada quietude,
Invoca o sol brilhante sobre o ardente mar.
Os argonautas, com insignes armas várias,
Iam levando as reses de douradas testas.
O délio sacerdote, ao longe, em vestes alvas
Acorre e chama, e se detém no novo túmulo
Guiando, co'o laurel, a mansa tropa. Ao rito
Os leva e instrui a desatar primeiro as tiras
Dos pés; com folhas verdes manda ornar as comas,

[21] Mopso.
[22] Rio da Mísia.

Ordena erguer as mãos ao fêbeo sol nascente
E, ao mesmo tempo, se prostrar por todo o campo.
São imoladas negras reses: parte é pêlo,
Mas a outra parte, ao lado, Ídmon distribui.
Três vezes guiou os mudos passos; três, tocando
As vestes e armas dos heróis, lançou p'ra trás,
No mar, as lustrações; o resto as chamas ardem.
Os troncos de carvalho e as efígies dos homens
Dispõe, em culto, e liga os falsos armamentos.
P'ra ali invoca as ameaças do Estige
E a ira do sangue: que os remorsos acometam-nos.
Co'expiatório canto roga: "Parti, mortos
Cessai a raiva inesquecida. Haja-vos paz
E amor à plaga estígia; longe de nós sede,
Longe do mar, e retirai-vos das batalhas.
Que eu não vos queira aproximar das gregas urbes
Nem a ulular nas encruzadas, p'ra que a peste
Ou o tempo mau não venha às messes e aos rebanhos,
Que o povo ou filhos estes atos não expiem".
Depôs no altar ramado as sumas oferendas,
Libou e, presto, mansas cobras as colheram –
Servas das sombras, com as línguas dardejantes.
Ordena o Ampícida embarcar, sentar nos tostes
E não volver a vista à terra: que olvidassem
Da mão os feitos e o que ao Fado se devera.
Alegres, uns ajustam armas, outros cobrem
Com toldo o alto convés. Ouve-se o som dos remos
Estrepitosos e a união das ledas vozes.

Qual quando Jove, do Cerâneo[23] a urgente nuvem
Arreda e afasta da montanha e, de repente,
O mar e as rochas fulgem, volta o claro céu,
Assim os ânimos retornam. Já na popa
O piloto balança e por firmar se esforça.
Eurito, sem o manto, e Idas, não temendo
Dos ditos de Talao, a disputa iniciam;
Animam-se os demais e erguem, co'o peito as águas.
Há igual labor no urro e no empuxo, e revolvido
A remo, ao mar invade a nau. Gritou, contente
O Alcides: "Quem chama ao embate estas correntes?]
E, enorme, a alçar-se sobre as ondas encrespadas,
Golpeou o peito com o remo que partira-se.
Derrubou, ao cair, Eribote, Talao
E Anfião, que longe a salvo cria-se do imenso;
Teu banco, Ífito, a cabeça suportou.
Nas arcadas do céu, já Febo vicejara
Ardente, e o meio dia as sombras afastara.
Lento, sem força humana, Tífis guiava o barco
À praia, que conduz da mata mísia aos montes.
Por grandes olmos busca o Alcides, segue-o Hilas,
Que se atrasava pelos passos desiguais.
Quando, no sumo empíreo, Juno o vê da nau
Baixado, ao crer que é tempo de fazer-lhe mal,
Trama enganar a Palas – guia de seu curso
E amiga de aflições – e do irmão afastá-la
Para que não ocorra atraso em seus projetos.

[23] Montes do Epiro.

Então, assim lhe diz: "Por força iníqua expulso
Pelo bando do irmão, bem sabes com quais crimes,
Já Perses[24] armas move, e as insígnias hircânias.
Por seu turno, se alia Eetes aos reis da Cítia
Por pacto nupcial. Ligeiro, o genro Estiro
Conduz à porta albana[25] as tropas reunidas.
Grande guerra! O Gradivo atiça as montarias.
Tamanha nuvem vês se erguer por sobre Arcto?
E quanta água escura encontra-se suspensa?
Toma caminho. Quando houver Perses cruzado
Os limites do Fase e marchado à cidade,
Os projetos ultima; urde, um pouco, demoras
Por arte e planos teus. Garante virem reis,
Filhos de deuses, a quem unam povo e armas".
Embora a virgem aflições e ardis perceba
Na madrasta, que em rosto afável escondia-os,
Rapidamente acede e parte para a praia.
Juno geme e, afinal, interrompe o silêncio:
"Ó trabalheira, ó ser invicto aos ódios meus.
De ameaças cansada, em qual fera nemeia
Ou lérnea confiarei[26]? Eu vi o herói lutar
Co'o monstro frígio, abrindo ao mar vencido Pérgamo.
Agora, irmã de reis, que honor dos povos tenho?
As afrontas, há muito, e iniciais dissabores,

---

[24] Filho do Sol e irmão de Eetes.

[25] Albânia: região entre o mar Cáspio e a Cólquida, ao pé do Cáucaso.

[26] Dois dos monstros vencidos por Hércules: a Hidra de Lerna e o Leão de Neméia.

Pelo infante sofri co'as serpes esmagadas[27].
Buscar eu não devera ao jovem mais desgraças
Ou, talvez nem, vencida, a tais lutas lançar-me.
Pudor, porém, insiste em teus fitos, resiste
Co'astúcia; incitarei logo as Fúrias e Dite[28]".
À esquerda o olhar volveu, à serra de pinheiros,
Às ninfas que, em formoso grupo aproximavam-se,
Das ondas e da mata o orgulho: co'arco todas,
Verdes pulseiras, mirto preso em finos fios,
Saias acima do joelho, ondeadas comas
Espalhadas, caindo à cinta que ata os seios.
Ressoa a terra aos pés das irmãs agitadas
E faz crescer a relva em delicados brotos.
Dríope, alcançada pelo hercúleo estridor quando
Escapavam-lhe à seta as feras, se afastara
Para ver o alvoroço, e p'ras fontes voltava,
Trazendo seu semblante assustado por Hércules.
Do céu descida, reclinada em negra nuvem,
Segurando-lhe a mão, a chama Juno e diz:
"Ninfa, que desdenhaste os pretendentes todos
Que para ti escolhi, eis que aportou da nau
O ilustre Hilas, que em teu bosque e fontes erra.
Por estas plagas viste-o a Baco conduzir
Vencidas coortes e os despojos dos eôos,
Os tirsos retornando, e os sacros aparatos.
Qual Febo caçador, quando a lira depõe,
Crê te ser ele dado. Esperança qual resta

[27] As serpentes introduzidas por Juno para matar o pequeno Hércules, mas este as matou.

[28] Último trabalho de Hércules: capturar o Cérbero.

À ninfa aqueia? Quanto a filha do Bebeu[29],
Raptado, o chorará? E a filha do Licormes[30]?"
Diz, e um cervo veloz, galheiro, ela suscita
E ao jovem o oferece, em desvio frondoso.
O animal, vagaroso, à fuga resistindo,
Os ânimos lhe instiga e a correr persuade-lhe.
Hilas aceita o desafio e, com ardor,
De perto segue a presa, enquanto, ao vê-lo, o Alcides
O incita. Estão os dois já fora de sua vista
Quando o cervo conduz o jovem, que o persegue
Co' a exausta mão brandindo o dardo, até u'a fonte
E, sobre as águas intocadas, ele escapa.
Frustrado o moço, já não tenta prosseguir
E, como o suor lhe porejava ao peito e aos braços,
Com sede debruçou sobre um grato riacho.
Como um lago reluz quando a Cíntia vigia
No céu, ou fêbeo disco ardente cruza o zênite,
Assim a água brilha, e não turbam-na sombras
Crina ou rumor da ninfa a erguer-se para um beijo.
Co'ávidas mãos o puxa; e a ele, ah, já é tarde
Para chamar ajuda, ou invocar o amigo.
Seu pender para diante as forças auxilia.
Já na mata sombria, o herói tiríntio um olmo
Derrubara, co'estrondo arrancado da terra,
E sobre a fulva pele horrível[31] o deitara,
Buscando o litoral. Crê Hilas ter voltado
Trazendo provisões e a fera capturada.

---

[29] Lago da Tessália.
[30] Rio da Etólia, cuja filha se enamorou por Hilas.
[31] Pelo do Leão de Nemeia.

Mas, triste, não o vê nem junto aos companheiros
Ou pela praia, nem olhando mesmo ao longe.
Excita, então, o Amor, por más nuvens ferido,
Várias inquietações: prender-se-ia em qual praia?
Qual desgraça ou labor causaria o atraso?
Nesse entretempo, a noite escura já se deita
Com medo imenso; vêm Palor e o melancólico
Delírio. Como ao nauta o olhar de Jove o peito,
No inverno, gela, e ao lavrador, quando se ajunta
A sombra assustadora, assim do amigo a falta
O Alcides fere e o faz lembrar da cruel madrasta.
De pronto, como um touro atingido no peito
Por mosca alada salta e tomba tudo aquilo
Que encontra no cercado, assim ele se arroja
Para os montes em fuga. As montanhas e a mata
Se atemorizam pelo que, por dor tomado,
O Alcides faça, ou realize ira tamanha.
Qual leão ensangüentado, atingido por lança
Do covarde africano, é espantado a rugir
E sob os dentes rasga o ausente inimigo,
Assim, mostrando o rosto em fúrias, o Tiríntio,
Co'o arco teso, é levado e corre p'ra's montanhas.
Ai do homem inocente, ai das míseras feras
Que no caminho encontra. Em desordem dispara,
A tudo perseguindo, e já se lança aos rios,
Às corredeiras no rochedo e pelos bosques.
Pelos desvios ele clama: "Volta, Hilas";
"Volta, Hilas", responde a mata, e o eco porfia.
Mas dos nautas o intento é firme, e nos bons ventos
A confiança. Não por Hilas se detêm,

Posto sua grata juventude, mas por Hércules.
O chamam todos, entre lágrimas e rogos,
Atordoados de medo à praia as vozes lançam
E, em noite adiantada, as fogueiras levantam.
O capitão vê o mar por ventos alisado
E, no alto da montanha, o completo silêncio;
Transido de afeição imensa, chora o herói.
Saudoso, busca seu andar, a aljava às costas,
No silêncio da mesa o melhor dentre os nobres,
O que, outrora, portando o vinho em mão ingente,
Da impiedosa madrasta as maldades contava.
Porém, no entanto, Juno cruel chama os Iapígios[32]
E, com o crepúsculo, os despacha. O ousado Tífis,
Co'o atraso impaciente, increpa os vacilantes
E exorta-os a romper no curso aberto o ócio.
Por fala instante alterado o ânimo, Jasão
Acede e logo diz assim aos companheiros:
"Quem dera, quando eu urdia às cítias terras mortes,
Parnásia voz mentidas sortes me trouxera:
De toda a tropa, o que maior em armas fosse,
Por ordem jóvea e sina, este se reteria
Ante o mar proceloso e os rochedos moventes –
Nem mais se ergueu de herói a fama ou certo vate.
Mas, eia, embora os corações variem dúbios,
Deliberai e, se co'o vento o rumo chama-vos,
Apressai e tornai comigo à obra em curso;
Mas tolerar o atraso, e de novo buscá-lo
Nos montes próximos é preço leve ao tempo".

[32] Ventos do mar Adriático.

Há muito presos à ilusão, os jovens pedem
Seguir caminho: dizem um só estar ausente
À larga empresa; e neles raça e mãos potentes
Não faltarem. Mor parte alça o ânimo co'orgulho
E os corações, co'a língua vã, se ensoberbecem –
Qual leda corsa que conduz ao bosque a cria
Ou se alvoroça o javali e a ursa responde
De perto aos lobos, quando o tigre belicoso
Partiu ou o leão, mudo, ocultou-se na caverna.
Mas, pio, Telamon por ira imensa agita-se
E, contestando com fragor em sevos ditos,
Prossegue e implora, com lamento magno aos deuses.
Repetindo, segura os homens e se achega
Ao cabisbaixo capitão: não fala de Hércules
Mas de um nauta qualquer, embora seja fama
Que à região e às feras gentes pela praia,
Contrário, um novo Alcides não poder ser dado,
Nem tanta força. Por seu turno, anima e incita
O Caledônio[33] aos favoráveis, defendendo
Com o melhor o pior, sempre mantendo o inverso,
Duro e esquecido da sentença insuperável
Dos retores. Diz: "Não o sumiço de Hércules,
Porém tua honra, esta mudez, co'as queixas últimas
Nos trouxe, até dares o tempo e a vez da fala.
Dos altos montes, aqui desce o Austro sétimo
E já, talvez, chegasse a nau às praias cítias.
Qual se alegria alguma houvesse aos que retornam,

[33] Meleagro.

Porém micênio duro rei[34], da pátria imêmores
A meio rumo nos detemos. Se eu pudesse
Tolerar a demora e este tempo vazio,
Teria hoje o dulçor do cetro e a Caledônia;
Feliz por minha paz, seguro, ficaria
Onde estão pai e mãe. Por que em ociosa terra
Nos quedamos ou o mar vazio a vista cansa?
Crês, além disso, que o Alcides, junto ao Fase,
Há de estar, e o carcás te seja companheiro?
Não esquece Juno a chama de ódios e de seu
Poder cansado. Quiçá, novos monstros tártaros
Ou o mensageiro da ináquia Argos o aflijam.
Tal jóvea prole não te é dada, mas te ficam,
Em raça iguais, Cástor e Pólux, e dos deuses
Outros filhos – não pouca é minha fé na estirpe.
Para onde chames, seguirei e mandarei
Armadas tropas: minha força e o próprio sangue
Teus serão – já reclamo o máximo dos feitos!
Que esteve nossa salvação nas armas de Hércules,
Que foge, é fato. Eis, todos levam iguais faces
Mortificadas, mas, no ritmo, ir-se-ão os remos.
Há muito, ou pela fúria insano, ou muito altivo
Por já alcançada a glória, o consórcio despreza
E se recusa a ser amigo em nossos feitos.
Vós, que a virtude e a esperança iniciais,
Enquanto há ardor de suportar e força aos membros,
Pelejai! Que não baste dar aos colcos mortes

[34] Eristeu, rei que ordenou a Hércules que executasse seus Doze Trabalhos.

E ter singrado o mar por toda a juventude.
Mais longa foi-me a espera que em tais circunstâncias
Pode ser: o amor fez-me buscá-lo nas matas
Vociferando – não deixei lugar algum.
Também agora, ao que me hesita a opinião,
Anseio vê-lo regressando do alto monte.
Bastam as lágrimas a quem, crê, foi levado
Pelos azares, ou por chaga em meio a lutas!”
Urge o Enida e logo à tropa a fala incita.
Antes de todos, ordenava Cálais a âncora
Içar-se. O Eácida as fúrias dos ovantes
Contempla e grande dor alcança o coração
Do herói: ou deixe, com tão triste ação o amigo,
Ou, lamentando, pelos picos altos busque-o.
Não cessa ainda de verter ais e iras vãs:
“Por Jove”, diz, “Que dia é este à terra aqueia!
Quanta alegria os selvagens colcos ganham!
Esta arrogância e esta soberba co’as palavras
Não tinha quando, na orla pátria, o Austro chamando,
Todo o favor era p’r’o Alcides: ele mesmo
Comandaria e manteria o honor e o posto
De capitão. Já sois iguais em força ou raça?
É igual ao vulgo a nobre mão? Nem pranto a Hércules
Há, ou lealdade? O comandante ora é um Partônide[35]
Ou um trácio? O anho ao leão medroso ataca?
Por esta lança, de Didimo grande espólio,
Que não trará nem verdes brotos nem mais sombras,
Dês que arrancada das montanhas, mas, da mãe

[35] Meleagro era filho de Eneu e neto de Partáon.

Tirada, fiéis ofícios cumpre e duras lutas,
Juro e te afirmo, ó capitão, por estas forças:
No medo, amiúde, em grave risco chamarás
Já tarde a hercúlea ajuda e as armas desprezadas;
E essa arrogante fala em nada ajudará".
Com tais terrores a inquietar os homens, chora
E suja o Eácida co'areia a cabeleira.
Os Fados levam e Jasão, do ardor dos homens
Subtraído, os olhos afagava com seu manto.
Os corações, de vero luto, então se tomam,
Ao se sentarem, sem do leão o pêlo, e vago
Tamanho espaço do remeiro. O pio Eácida
Chora; entristece o peâncio[36] peito; se lamenta,
Co'o doce Cástor o irmão Pólux. Indo a nau,
O Alcides todos inda chamam, chamam Hilas
E, em meio ao mar, já os nomes perdem-se. Ao longe,
No entanto, Fórcis[37] dá um sinal por toda a água
E, indo p'ras grutas, com o torcido búzio chama
Imensas focas. Logo o líctio, o massilo[38]
E o pastor calabrês retornam das searas.
De pronto, nos confins do sol, a noite às terras
Hiberas escondeu e o ergueu no céu os astros.
Calou-se o vento e jaz o mar com mansas brisas.
Não vê o Alcides novo espaço em que procure,
Rumo em que busque, nem quê diga ao pai do amigo,
Ou com qual ânimo procure os companheiros.
Arde o amor e lhe impede afastar-se das selvas.

---

[36] Filoctetes.
[37] Filho de Nereu.
[38] Povos da Numídia e de Creta.

Não de outro modo, outrora a leoa, sem sua prole,
Voltou-se com um gemido e a tropa, em grande medo
Presa, a vigia; a dor, no entanto, fecha os olhos
E a imunda juba, em triste luto, se derrama.

Canto IV

Não o suportou o Pai dos deuses com bons olhos
E, pelo pio amor do filho comovido,
Com ira ardente increpa Juno temerosa:
“Como alegrias ora se erguem em teu peito?
Desatina o Tiríntio e, só, fica na praia;
Esquecidos do amigo abandonado, os Mínias
Ganham o mar. Ansiosa, Juno, favoreces
O capitão e lhe concedes armas e homens.
Pela guerra atordoada e pela força cítia
Apavorada, já te vejo, em medo, trêmula!
Com preces, choro ou suplicante gesto vedo-te
A mim rogar. Os meus desígnios são perenes.
Fúrias e Vênus vá e chama. A ímpia virgem
Trará castigos e os ais de Eetes vingarei.[1]”
Disse e mandou um orvalho, olente pelo néctar,
Que traz descansos e o poder dos sonhos bons.
As têmporas do filho errante, então, libou.
Co’olhos pesados e chamando sempre Hilas –
Pois deus algum tem o poder de o[2] superar –
Ele dormiu. A paz, enfim, tornou às selvas,
Nos vazios montes, rio e ventos se ouviram.
Eis o menino, visto a erguer-se na alta onda

[1] Júpiter antecipa os eventos relacionados com o amor de Jasão e Medeia.

[2] O Sono.

Entre guirlandas de açafrão – dons da cruel ninfa.
E, a se postar junto à cabeça, diz tais falas:
“Por que consomes, pai, o tempo em vãos lamentos?
Por Fado, é minha casa o bosque em que a ninfa,
Lasciva me raptou, a conselho de Juno.
Agora, a permissão de Jove me abre o céu
E me granjeia a honra das fontes e orações.
Ó dor! Ó doces armas que antes carregamos!
Seus companheiros já agarram ledos ventos
Depois que o Enide[3] os impeliu, os exortando
Com grito e fúria – o pagará co’a casa e raça,
E teus poderes à cruel mãe ajudarão[4].
Ergue-te e nunca te esmoreças nas agruras:
Ao céu os astros levar-te-ão. Lembra-te sempre
Do Amor, e a imagem do amigo nunca afaste”.
Busca tocar a quem falava e à sua vista
Se oferecia e, num vazio abraço, o estreita.
Estende, em vão esforço, a fraca mão: de sono
O corpo é bambo e a fugidia sombra o ilude.
Com grito e pranto o segue, e os lamentos irrompe
Quando a esperança e o sono findam co’ato vão.
Qual quando, por azar, no cais de pedra undíssona
Uma onda arranca o ninho e a cria ao maçarico,
Aflita, a mãe, as vagas segue e se lastima
E, certa, vai p’ra onde a levem, e ousa e teme,
Até que cansa e o ninho é imerso pelo fluxo –
Ela, a sofrer, grita e se alteia com suas asas;

[3] Meleagro, filho de Eneu.

[4] Alteia, que jogaria no fogo a brasa destinada a consumir-se com a vida e Meleagro.

Não de outro modo foi o sonho: insano, se ergue
E banha as faces com suas lágrimas: “Vou”, diz,
“E ficarás, menino, só nestas montanhas
E ermas paragens? Nossos feitos não verás”?
Retoma o rumo, o tendo dito, e deixa os vales
Incerto do que Juno apreste ou que iras traga.
Mas vê, ao longe, os companheiros apressados
No mar e, mudo, se envergonha do abandono.
Já à hospitaleira Tróia e aos teucros retornava
Buscando os dons pelo tirano[5] prometidos
Quando, tristes, Latona e Diana se postaram
Perante Jove, e Apolo, súplice, assim disse:
“A que outro Alcides, a qual tempo, grande rei,
Guardas do Cáucaso o ancião[6]? Não darás fim
À pena e aos males? Pede-o toda a raça humana
E mesmo os montes, pai, a mata e a serra exausta
Insistem. Já do fogo o furto assaz puniste
E os segredos da mesa etérea preservaste[7]”.
Do rochedo, em meio ao pasto do terrível
Abutre, o velho, com gemido e triste voz,
Erguendo os olhos pelo frio cruel queimados,
Implora a Jove. O fragor dobram os caucásios
Rios e picos; co’o clamor, a ave espanta-se.
Do Aqueronte também, na suma arcada, Jápeto[8]
É ouvido, e então, se aparta a Erínia[9] do implorante

[5] Laomedonte, rei de Tróia.

[6] Prometeu.

[7] Possível engano de Valério Flaco, uma vez que foi Tântalo quem roubou o néctar dos deuses, para se tornar imortal.

[8] Titã, pai de Prometeu.

[9] Uma das Fúrias, vingadora dos crimes contra a ordem natural.

Cumprindo a lei de Jove que, em honor a Febo
E comovido pelos rogos dos divinos,
A veloz Íris enviou com róseas nuvens:
"Vai, e que as lutas contra Tróia adie o Alcides
E que do abutre", diz, "agora o titã livre".
Voa a deusa e ao herói a urgente ordem do pai
Transmite e o alegra com feliz exortação.
Já em meio o mar os Mínias guiam pelos astros
Da noite clara, em manso curso, as cavas velas
E os feitos de Hércules, que deixam, tanto lembram.
Porém, o vate trácio[10], aos nautas, da alta popa
Fados divinos aliviando, e o dó da vida,
Medicinal, eleva um canto, na cadência.
Tão logo a lira é em punho, dor, ira e fadiga
No peito cedem, e dos filhos as saudades.
Aquando os astros já poentes no limite
Gerador do Oceano, a gruta do titã
Co'os freios soa. O Sol, trazido pelas louras
Horas, se cinge de fulgor e co'a couraça
Por doze astros ornada[11], a que o talim se prende
E, contra os nimbos, pinta o arco p'r'os mortais.
Sobre as terras, então, e nos picos do oriente
Brilhou e o dia co'alvas nuvens impeliu;
Mas visto Febo, os ventos deixam os Argonautas.
Próximo se desvela o litoral bebrício,
Gordo solo, região propícia a fortes touros.
Âmico é o rei; no seu nume[12] e sorte os confiados

[10] Orfeu.
[11] Ornada pelos doze signos do zodíaco.
[12] Âmico era filho de Netuno e da ninfa Mélia.

Nunca muraram casa ou pacto algum respeitam,
Nem cultivam as leis que governam as mentes.
Qual, nas covas do Etna, os ciclopes irados
Procuram mar adentro, em noite tormentosa,
A nau guiada a vento, e os sinistros repastos –
Tua seva refeição, Polifemo! – assim, juntos,
Buscam por toda parte os corpos apresados
Que conduzam ao rei. Sobre u'a rocha no mar,
O próprio fero os lança, em honra ao pai Netuno.
Apareça, porém, herói mais corajoso,
Lhe ordena pegar arma e enfrentá-lo co'os cestos:
Tal é a sorte mais digna à morte de um coitado.
Netuno, ao perceber a nau no mar levada,
Por derradeira vez, fitou do filho as praias
E o campo, antes feliz co'as lutas de seu rei.
Gemeu e expediu do peito tais queixumes:
"Mélia, infeliz, por mim raptada de entre as ondas,
Que pelo mor Tonante enleada antes fosses!
Até quando a Fortuna à minha prole inteira
Infausta permanece? Assim compreendi, Jove,
Fazeres dês que por injusta arma da Virgem,
Triste, Órion pereceu, e ora no Caos habita.
Virtude ou confiança em mim não dêem-te agora,
Filho, ânimo, nem mais esperes pátrio auxílio.
Já outras forças há, maiores que meu sangue:
Vence o Fado de Jove, aos seus mais cuidadoso.
Por isso, com tufões, não quis desviar a nave
Nem detê-la; afinal, não haverá tardança
P'ra tua morte. Ó Cruel, os reis mais fracos mata!"
Retira o pai o olhar; o filho à luta deixa

E com sanguíneo esto inunda a terra inteira.
De pronto, o capitão ordena se explorarem
Rios, praias e gente. Equion, saindo apenas,
Achou no escuro vale, às ocultas gemendo,
Um jovem a chamar do amigo morto o nome.
Ao ver chegar o herói, co'as têmporas cobertas
Por barrete parrásio à maneira do pai[13],
Levando o signo, em vão, da pacífera Virgem[14]:
"Quem quer que sejas", diz, "foge agora, ó perdido,
Enquanto é dada via". O Nonácrio se espanta
Com aquilo que ouve e vê. Compreendendo o aviso
De regresso veloz na fala repetida,
O arrasta e o faz contar tal coisa aos companheiros.
Aquele, a mão tomando: "Esta terra" lhes diz,
"Não vos é amiga. Aqui, reverência alguma há
Nos corações. A praia habitam morte e lutas.
Âmico já virá, exigirá os cestos
E as nuvens socará no vasto firmamento.
O filho de Netuno enfurece-se contra
Os que chegam à terra e oferta os desvalidos,
Qual indolente touro, em cruel altar dos deuses,
De forma que mergulhe os cestos dentro ao cérebro.
Deliberai, mas não gasteis tempo de fuga.
Enfim, quem há que, em vão, se atreva a combater
Tal monstro? Qual prazer existe em tê-lo visto?"
A este, o capitão: "És bebrício, mas de ânimo
Contrário ao rei? Melhor sempre é o favor do vulgo!

[13] Equion era filho de Mercúrio.
[14] Oliveira, símbolo de Minerva.

Ou estrangeiro és, trazido pelo Fado?
E por que Âmico ainda a ti não destruiu?”
“Segui o nome”, diz, “o nome a mim mais doce,
O do unânime Otreu[15], honra e festiva glória
Dos seus, valioso amigo em vossas aventuras.
Ledo nubente, indo buscar a frígia Hesíone,
Âmico o fez lutar; aqui esteve e os cestos
Calcei-lhe. Mas de longe, à face levantada,
A destra fulminante acertou rosto e olhos.
Nunca da morte digno, e nem das lutas, fui,
Antes sou consumido em luto inerte e lágrimas.
Chance apenas, se o núncio estas terras deixou
Alcançando a cidade, a pátria mariandina[16],
E Lico, o irmão de Otreu. Mas torço que não possa
E nem ouse a derrota em combates inúteis!”
Quando, por valentia açulados, os jovens
O ouvem, ele já vê o ânimo endurecer-lhes.
Que o sigam lhes suplica, e apressa-lhes o passo.
No fim da praia, imensa, vê-se uma caverna
Por árvores coberta, a crista tendo à mostra;
Nem atrai fogo etéreo e nem os dons dos deuses;
Desgraçado lugar, fremente com estrondos.
Pavores há na rocha: arrancados do tronco,
Aqui, braços viris e, mortos pelos cestos,
Ossos podres; u’a fila horrível de cabeças
Nas estacas e nome algum àquelas faces,
Sob as chagas, restava. Ao meio, suas armas

[15] Rei da Frígia.
[16] Mariandinos: povo da Bitínia.

Temidas, ao altar do grande pai votadas.
Recordaram primeiro o aviso de Dimante[17].
Medo e imaginação do monstro sobrevêm,
E todos, entre si, o mudos olhos correm
Até que Pólux, bravo, esplendente seu rosto,
Diz: “Embora o terror, farei, quem quer que sejas,
Que tua mata te traga, acaso tenhas força
De ver luta feroz é a vontade de todos.
Chamam pelo gigante e pedem o confronto -
Tal qual touro que, ao fundo, em rio caudaloso
De desconhecida água a corrente despreza
E mostra o curso, logo a grei toda, sem medo,
Já atrás o acompanha e se adianta nas ondas.
E das matas, ao longe, o gigante trazia
O rebanho à caverna. O seu bando, ao olhá-lo,
Se emudece em pavor. Nenhum sinal de vida
Resta. Tal qual é uma rocha que se alteia
No alto da serra e, só, permanece isolada.
Em fúria, então, se abaixa e antes não inquire
Raça, curso ou razão, mas brada com tal ira:
“Começai, jovens, pois, eu creio que a ousadia
Trouxe-vos, livremente, às praias desafiardes.
Mas, se em falha de rota, onde estais não sabeis,
Esta é a casa netúnia e eu mesmo sou seu filho. 213
Aqui a lei é minha – o pugilato e os cestos. 209
Por isso, a imensa Ásia e o que, à destra e à sinistra,
Ao norte banha o mar, contemplam meus domínios.
Daqui só voltam reis, depois deste combate.

[17] Amigo de Otreu.

Ocioso, há muito, é o cesto, e fria, a seca terra –
Sem arrancados dentes. Quem apostará?
A quem, primeiro, eu trago o dom? Terá em breve
O mesmo honor dos outros. Não adiantam preces
Sem fuga em terra ou ar, nem súplicas nem prantos
Movem-me o coração: só alhures Jove é rei!
Farei que nau alguma o mar bebrício vença
E que, no inane ponto, choquem-se as Simplégades".
Dizia coisas tais quando Jasão, ligeiro,
Os Eácidas logo[18], a prole caledônia
Mais Idas e o Nelida[19], os altos nomes gritam,
Porém, co'o peito nu, já Pólux se levanta.
Pavor; e o gelo, então, em Cástor parou o sangue
Pois, na luta, não vê do pai a face eleide,
Não soa o ebálio aplauso ou o cume do Taigeto,
Qual quando, vencedor, se lava em rios pátrios.
Não são prêmios da arena o touro ou o corcel,
Mas os Manes e a porta aberta para a morte.
Âmico, então, o encara, as faces perlustrando:
Nem fronte carrancuda ou porte truculento,
Apenas os sinais da tenra juventude.
Tremendo, os olhos torce, em fúrias implacáveis.
Qual Tifeu ostentando as estrelas cativas,
Do céu o mando, Baco e Palas sob o gume,
Da Virgem padeceu as serpes oponentes[20],

---

[18] Tideu e Meleagro.

[19] Periclímeno.

[20] Os gigantes, decididos a conquistar o poder supremo, atacaram os deuses durante um banquete. Estes todos fugiram, disfarçados de animais.

Assim ele acomete e aterra com grunhido:
"Apressa-te, infeliz, que não te restará
De um belo rosto a honra; e o íntimo semblante
A mãe não mais verá. És o eleito entre os nautas?
És tu quem vais morrer pelos punhos de Âmico?"
Sem mais, exibe o largo peito, ingentes ombros
E os horrorosos braços, com disformes músculos.
Até Pólux se assusta, e os Mínias se quebrantam.
Do Alcides lembram tarde e, c'olhos de esperança,
O procuram em vão pelos montes tristonhos.
Do rei equóreo o filho assim falou, então:
"Vê do touro cruel estas duras correias.
Não implores a sorte e calça agora os cestos."
Disse, insciente do Fado a urgir o sacrifício
E, pela última vez, dá as mãos p'ra se armarem.
Igual faz o lacônio. Entre os antes estranhos,
Áspero ódio se ergue e, p'r'o meio da arena,
Vão o sangue de Jove e a prole de Netuno.
Aqui e ali, silêncio entesado por preces.
Tártaro, finalmente, em cava nuvem manda
À espetacular luta as sombras suplicantes
Dos mortos. A cimeira enegrece nos montes.
De contínuo, o bebrício, igual máleo[21] tufão,
Faz o rapaz erguer os punhos e a cabeça,
Temerário, a altear nuvem da correria
Que, inumana, percorre e envolve a arena inteira.
Pólux, com medo e alerta, alternos peito e cestos,
Aqui e ali, cerviz mantida sempre em guarda,

[21] Málea: promontório do Peloponeso.

Sobre a ponta dos pés, na poeira do chão,
Atrevido, revida. Igual nave apanhada
Por borrasca no mar, que a atenção do piloto
É tão só o que tem, ilesa singra as águas
Revoltas pelo vento, assim Pólux, esperto,
Segue os golpes e ginga a testa, em arte ebália.
Quando, então, dissipou as iras do gigante
E seu ardor lançou nas nuvens, pouco a pouco,
Ainda forte, fez cair do punho os cestos.
Foi o primeiro dia a ver os membros de Âmico
Exaustos em suor, boca seca e ele lento.
Nem sua pátria ou povo já conhece o rei.
Arfam os dois e, um tanto, os braços revigoram,
Como quando o Gradivo anima, no seu campo,
O lápita e o peônio, apoiado na lança.
Eis que atacam tão logo aprumados; os flancos
Ressoam. Força nova e mais vigor ressurgem.
A um o pudor impele, a outro, a esperança
Cada vez mais audaz. Fumeia o peito aos golpes
E a serra ecoa em ais, igual quando Vulcano
O grupo de artesãos vigia, e o ciclope
Forja o raio, estrondeando a vila co'as pancadas.
Pólux levanta a destra e com ela ameaça;
Preparado o bebrício, os olhos nela prende.
O outro, porém, lhe acerta a face com a esquerda.
Prorrompem co'alegria, aos brados os comparsas.
Do furioso, aturdido em murro sorrateiro,
O Ebálide se afasta, enquanto a ira aplaca-se,
Assustado ele mesmo, e ciente da audácia.
Âmico se transtorna e, enlouquecido e ávido,

Confrontando o herói porquanto vê ao longe
Os Mínias triunfando, os cestos ergue e ataca.
Pólux entre estes passa e se atira contrário
À carranca feroz, mas balda-se a esperança:
Ambas mãos caem no peito. O outro, furibundo,
Eis que agita de novo os braços no ar vazio.
Pólux o vendo perder siso, os joelhos junta,
O flanco põe à mostra e acompanha-lhe a queda;
Não lhe permite andar, o empurra e o segura
E, livre, espanca o tonto, a golpes repetidos
De cima a baixo. Zune a testa despencada
E, pelas dores, tomba. Escorre suor nas têmporas
Da orelha mana sangue, e a mão direita rompe
O elo vital que une a vértebra à cerviz.
Derrubando o oscilante, o herói sobre ele pisa:
"Eu vim de Amiclas[22], Pólux sou, filho de Jove",
Fala, "Dirás meu nome às sombras admiradas
E assim serás famoso em tumba memorável!"
Sem amor pelo morto, os bebrícios se espalham
Rumo aos bosques e ao monte, apressados escapam.
Tal é o destino – o povo enfim se afasta de Âmico
Que resguardava o mar bravio ansiando ter
Contínua jovem força e os séculos do pai.
Dos homens grão pavor, estendido ele ocupa
Larga veiga, tal qual se uma parte do Érix
Ou o Atos[23] todo caísse um dia. O vencedor
De o ver não cansa; ao morto, perto, contemplando,

---

[22] Cidade da Lacônia.

[23] Érix e Atos: montes da Sicília e da Macedônia, respectivamente.

Tem fixo o longo olhar. Co' abraços apertados
Todo o grupo de heróis o saúda à porfia
E das cansadas mãos tirar o cesto ajudam.
"Salve, prole de Jove" em toda parte aclamam,
"Ó celebérrimo Taígeto[24] dos ringues,
Feliz proeza é esta, a do primeiro mestre!"
Bem dizem coisas tais, fios de sangue percebem
Escorrerem na fronte excelente, mas Pólux,
Intrépido, secava a ferida co'o cesto.
Cástor, com ramos lhe cingiu armas e testa,
E co'um verde laurel coroou suas as têmporas.
Mirando as naves, diz: "Rogo-te, deusa, à pátria
Estas ramas conduz e singra co'elas os mares".
Então, com duplo gume, imolam grandes reses
E, banhados na água aplacada do mar,
Estendem-se na relva e dispõem na folhagem
O banquete e a oferenda, e ao lacônio concedem
O melhor do festim. Ao tempo do repasto
Ele se rejubila ao louvor dos heróis,
Brindando ao sumo pai, à canção dos poetas.
Já a brisa e o dia chamam, e outra vez adentram
Ao mar no qual gelados rios lança o Bósforo.
Tais águas, Nilo[25], não passara ainda Io –
Dos teus a deusa, por quem deu-se nome ao ponto.
O pio vate, então, do nobre Eagro o filho[26],
Co'a inspiração materna, a história dos lugares

[24] Monte da Lacônia.

[25] Io, transformada em novilha, chegou ao Nilo, onde recobrou a forma humana e deu a luz a Epafos, futuro rei do Egito.

[26] Orfeu.

Canta e da ináquia vaca o exílio e que caminhos
E mares percorreu: "Os velhos viam Jove
No reino argivo, amiúde, às terras dos pelasgos,
Descer buscando o suave fogo da iásea.
Juno, ao sentir o dolo, acesos os ciúmes,
Do céu lançou-se; a terra e as grutas do Lirceu[27],
Conscientes de sua culpa, assustadas tremeram,
Ao que a pávida amante em ináquia rês tornou-se,
Por vontade do deus. A chama Juno e afaga-lhe
O peito enquanto oculta a ira em rosto alegre.
Mas pede a Jove assim: "Dá-me a vaca que, há pouco,
Com a argiva abastança, o campo alimentava.
Dá-me aquela que tem os chifres quais da Fêbea.
Eu mesma buscarei para a arisca novilha
Um digno pasto e a melhor fonte". Com que fraudes
Ou com que ardis lha poderia negar Jove?
Feliz com o dom, logo, a confia ao vigilante
Argos[28], que aceita o múnus, tendo os muitos olhos,
Que não conhecem sono, espraiados na testa –
Quais pingos púrpura que a Lídia salpicara.
Argos a obriga a ir nas rochas, pelas trilhas
Horríveis de animais, enquanto ela, a tardar-se,
No peito a fala inclusa, as preces conduzia.
Por último, ao partir, beijou as pátrias margens;
O Amímone chorou, e as ondas do Messeide;
De volta aos braços seus, chamou por ela a Hipéria.
Co'as patas a tremer, exaustas pela andança,

---

[27] Monte da Argólida, onde nascem as fontes do rio Ínaco.
[28] Monstro de cem olhos.

Quando, no sumo do céu, já Vésper declinara,
Ah, quantas vezes quis nu'a rocha recostar-se,
Ou, co'a boca sedenta, água e pastos buscou,
Tantas outras tremeu o lombo sob o açoite.
Mas como ela ensaiasse, ousando mesmo a morte,
Das pedras atirar-se, Argos, presto, a levou
A um vale e, com rigor de amo cruel, a vigiava
Quando uma flauta soou arcádia melodia
E, obedecendo ao pai, chegou o celênio alado
A modular na avena um canto delicado:
"Aonde vais"? indaga, "escuta este meu canto".
Seguindo Argos de perto, ao langor da canção
Fechados olhos nota, em doces sonhos presos;
E, em meio à melodia, o curvo gume saca...
Por Jove à forma, pouco a pouco, retornada,
Vencedora de Juno, ia Io pelos campos,
Mas eis que com ululo, archotes e chicote,
Tisífone[29] divisa: os passos pronto queda
E, de novo, às feições da pobre vaca torna.
Não lembrada de em qual montanha ou vale esteja,
Em errância é levada às ináquias correntes:
Mudada quanto e quão da primeira novilha!
Não tentam pai e irmãs dela se aproximarem,
Que logo volta à mata, a fugir nos desvios,
Da amada face qual do Estige. Ela é levada
Por gregas vilas e por rios de altas margens
Até que, após um tempo, arroja-se no mar.
Abrem-se as águas e o oceano espantadiço,

[29] Uma das Erínias.

Previdente, franqueia a via, e ela, ao largo,
Co'altos chifres refulge, e soergue a onda o colo.
A virgem do Érebo à rica Mênfis voa,
Esperando alcançar a que arribava em Faros.
Contrário o Nilo – que com toda a força lança-se –
Tisífone carrega e a arrasta contra a areia
Enquanto implora ao dítio reino por socorro.
Ao longe espalham-se os archotes apagados,
U'estirado azorrague e os cabelos de cobra.
Não cessa a mão de Jove: alçando-se no céu
O pai troveja e o amor professa; a própria Juno
Se espanta co'o poder. No templo fário Io,
a tudo vê, já entre os deuses, tendo a tranças
Por serpe atadas, co'um pandeiro a retumbar.
Em honra à deusa, então, ali chamou-se Bósforo!
Que a própria deusa ajude agora nossa empresa
E por seu mar conduza a nau, enviando o Euro".
Falou e os ventos bons as velas distenderam.
Não foi em vão que a Aurora aos Mínias revelou
Da noite o curso. Tudo é novo e à praia tínia
Vêem, desgraçada pelas penas de Fineu,
A quem vexava a todo instante a ira dos deuses.
Desterrado não só, e privado da luz,
Mas as harpias tifoníades por cólera
De Jove acossam-no e, da boca, o pasto roubam-lhe.
Com tais prodígios, por um crime expia as penas.
Una esperança: outrora os fados concederam
Por prole do Aquilão[30] ser rechaçada a peste.

[30] Zetes e Calais, os "Boréadas" – filhos de Bóreas.

E bem Fineu sente chegar o mínio auxílio,
Às primas ondas, pelo báculo, é guiado;
Procura a nau e os olhos ocos alevanta.
Diz, suspirando: "Salve, ajuda ansiada há muito,
Que às súplicas me ouviu. De quais deuses sois filhos
E o rumo que vos leva obrigados conheço.
Assim, contava do percurso o vosso tempo
Colhendo os feitos: quanto Lemnos vos retinha
E as tropas que o infeliz Cízico conduzia;
Senti na orla bebrícia o supremo combate –
Mais perto a ajuda, mais minh'alma se acalmando.
Que sou Fineu, de Agenor filho[31], eu não vos lembre,
Ou que em meu peito o vate Apolo fez morada.
Antes, vos apiedai da presente desdita.
Por minha errância pelo mundo, em desventuras,
Perdida a casa ou doces luzes não é tempo
De chorar – tardo é o lamentar da useira sina.
Sempre as harpias acompanham meus repastos –
Não há lugar onde esconder-me. Todas, logo,
Em turbilhão, qual negra nuvem, se aproximam.
Reconheço Celeno[32], ao longe, pelos guinchos!
A mesa assaltam e rapinam, sujam copos.
Fedor se espalha e a triste luta se inicia.
A mim e aos monstros, mesma fome. O que enjeitaram
E conspurcaram, que caiu das unhas negras,
Mantém-me à luz, faz tempo. O destino romper
Co'a morte não se pode: ao vencido, a penúria.

[31] Rei de Tiro, pai de Europa.
[32] Uma das Harpias.

Salvai-me, imploro. Se os oráculos dos deuses
Não me são falsos, ponde fim às minhas penas.
A prole de Aquilão, que espanta monstros, chega.
Não me é estranha. Já fui rei do rico Hebro[33];
Vossa Cleópatra[34] em meu leito outrora esteve".
Calais e Zetes sobressaltam-se ante o nome
Da acteia irmã. Indaga Zetes: "A quem vemos?
És tu Fineu, o ínclito rei da odrísia costa?
És o amigo de Febo, a nossos pais dileto?
Da pátria a glória, onde ora está? Quanto o cansaço
E o envelhecer pelas misérias carcomeram-te!
Sus, não mais peças: teus anelos são os nossos,
Se a ira dos deuses não persiste, ou se é aplacável".
Fineu aos astros soergue ambas as mãos
E disse: "Imploro-te, primeiro, ó jóvea Ira
Que ora me oprime: poupa, enfim, minha velhice.
Haja termo! E que assim será eu creio, jovens –
Que é do desejo vosso sem favor divino?
Crede: não pende sobre mim culpa de crimes!
Loquaz, o Fado, a jóvea mente, ocultos planos
E o que de súbito, p'ras terras, preparava-se
Só desvelei por me apiedar da gente humana.
Então, houve a desgraça e o breu toldou as falas.
Porém, as iras já cessaram. Não acaso,
Do céu propício o próprio deus aqui mandou-vos".
Mudada a sorte, assim, a todos comoveu
E enterneceu pela aparência dos tormentos.

[33] Rio da Trácia.

[34] Cleópatra era irmã de Zetes e Calais; conhecida também pelo nome de Acteia, por ser filha de Acte.

Puseram mesas e o acolhem nos tapetes;
Assentam-se ao redor. Observam mar e céu;
Ordenam-lhe comer e os medos afastar;
Súbito, o pobre treme, e as mãos senis afastam-se
Dos lábios pálidos. A peste, antes não vinda,
Alada viram-na durante a refeição.
Fedor se espalha; expira o hálito do Averno.
Um só, aos golpes, atacaram; molestaram
Apenas um. Nuvem cocítia abre as goelas,
Luxuriante, estimulando nojo à vista.
O chão e os leitos ultrajados pelo embuste
Com sujo regam; batem asas; sem comida,
A fome a todos rói. Não só Celeno, horrenda,
Priva a Fineu, também às míseras irmãs.
Os filhos de Aquilão, de repente, se lançam;
Com ruído sobem e asas dá-lhes logo o pai.
Por hoste nova a praga turba-se; a rapina
Dos bicos cai. Apavoradas, sobrevoam
Teto fineio; ao alto buscam. Os hemônios
Ficam na praia e acompanham ir-se a peste.
Qual quando, por azar, a ruir troou Vesúvio,
Letal à Hespéria, e mal caiu, a chuva ígnea
Cobriu as vilas do oriente com suas cinzas:
Assim, em giros, atravessam mar e povos,
E terra alguma lhes é dada em que pousarem.
Aos fins da Jônia se dirigem, às recônditas
Rochas, que desde então o nauta chama de Estrófadas[35].
Ali, cansadas e arquejantes pelo medo

[35] Ilhas do mar Jônio, assim chamadas porque ali os Boréadas deram a volta.

Da morte, em vôo humilde e tímido, a tremer,
Imploram por Tifeu, com nefando clamor;
E o pai, se erguendo, alteou a noite, misturou
Vales e montes, e no breu ouviu-se a voz:
"Já basta as terdes espantado. Por que além
Mandais as servas que, p'ra si, nas grandes iras,
Jove convoca, posto ostente o raio e a égide?
Ele ora ordena abandonarem de Fineu
Também os tetos. Ouvem mando e mansas voltam.
Mas tereis logo símil fuga, ao ser tendido
O arco letal. Não buscarão pasto as harpias
'Té merecerem os mortais divinas iras[36]".
Hesitaram os dois, refrearam asas tíbias
E logo tornam, vitoriosos, ao navio.
No entanto, expulsa a peste, à prima oferta a Jove
Os Mínias voltam. Põem na mesa o vinho e o pasto.
Feliz, em meio, qual se fora um doce sonho,
Fineu suspira pelas dádivas de Ceres;
Prova do líquido de Baco, prova d'água;
Mira a alegria de u'a mesa não temida.
Quando Jasão no leito o viu fruir da paz,
A conduzir ao esquecimento a longa pena,
Com tais palavras chama e pede, suplicante:
"Teus rogos, velho, se consumam. De aflições
Ora me tira e a meu labor a atenção volta.
Propícia, a Sorte ainda, e com não vã ajuda
(Se nos deuses há fé), afrontamos o mar:

[36] Tifeu antecipa a morte dos Boréadas, atingidos pelas flechas de Hércules.

De Jove a filha[37] para mim construiu um barco
E a Satúrnia granjeou-me reis por companheiros.
Porém minh'alma fiar não pode, e quanto o Fase
E o sumo esforço mais se achegam, mais me aflige
O porvir. Ídmon e Mopso, os vates, já não bastam-me".
Ao capitão ele rogar não mais consente;
Tomou, enfim, laurel e fitas, invocando
Sabidos deuses. Se estarrece a prole Esônide
Com Fineu – qual se nunca atingido por penas
Ou pela peste, tal o honor, tal majestosa
Vetustez; vigor novo aos membros animara:
"Ó quem por fama a todas terras chegará,
A quem, co'o auxílio e guia dos deuses, e por arte
De Palas, Pélias, sem querer, envia aos astros
Enquanto pelo fríxio velo não espera,
Desvelarei (o agradecer que posso dar-te)
Lugares, sinas, o caminho e o fim das coisas.
O mesmo Jove que vedou-me dar às terras
O Fado, agora é favorável que eu to diga.
Daqui, a rota segue ao Ponto e às Ciâneas –
É furor seu em meio ao mar se entrechocarem –:
Inda não viram naus: de perto, se lançando,
Batem-se as rochas. Qual se movem as correntes
Do mundo, e treme o solo – e vês tremerem tetos –,
Assim, no mar, elas balançam e pelejam.
Decerto, adiante, os próprios deuses te darão
Auxílio e engenho. Com conselhos quais tua empresa
Poderei ajudar? Porquanto no oceano

[37] Minerva.

Seguis por inda além dos ventos e dos pássaros,
E o Pai dos mares torce as rédeas temerosas.
Se as pedras tardem, se tão logo erguidas quedem,
Em meio à volta há que esperar-se, então, a fuga:
Mal tocam, céleres, confins da prima terra,
E já se arrojam. Por clamor se toma o Ponto
Enquanto, incerto entre os rochedos, erra hostil.
Vem-me à alma a Sorte, pelos deuses conhecida
(Direi, pois não consolarei co'inane espera):
Quando lançou-me a jóvea Ira as aves tártaras,
Em sevo grito, logo u'a voz cortou os ares:
'Não gastes preces vãs, ou busques fim dos males,
Ó filho de Agenor. Ao penetrar no mar
U'a nave, e os montes no oceano se aquietarem,
Espere, então termo das penas e o perdão!'
Disse o deus. Logo, ou para vós, abrem-se as rochas.
Ou já retornam-me à comida as diras Fúrias.
Se, entre os escolhos, dado for passares certo,
(E a tropa é digna) e no aberto mar saíres,
De Lico o reino é perto, que da orla bebrícia
Retorna vencedor. Não há por todo o ponto
Lugar mais calmo. Se a algum nobre companheiro
A local peste aqui tombar, não te esmoreças:
Lembra o predito e p'r'o futuro guarda os ânimos.
Ali, sob cava rocha, outro Aqueronte mina
Água pestífera; da enorme fenda exala
Fumo, e a caligem insalubre os campos toma:
Deixa aos colonos o mau rio e seu destino –
Co'uma só morte não se pode atravessá-lo.

Que de Carâmbis[38] te direi, nubesurgente,
Ou o que das águas que Íris e Ácon[39] brotar fazem?
Já o Termodonte os campos corta. É ali, lembrai-vos
A ínclita raça de amazonas, do Gradivo
a prole: então não creias nas fêmeas catervas,
Pois são qual Ênia[40], que aos varões insulta tanto,
E a inupta deusa, que carrega a horrenda Górgona[41].
Assim, que o forte vento à praia a nau não leve
Onde, exultante, um grupo salta, em jogo altivo,
Co'os cavalos de pó cobertos. Treme a terra
Co'a grita e o Pai, brandindo a lança, incita a luta.
Porém não seja, embora cruel, por ti temida
Calíbea raça[42] que padece arando em pedras
E cuja casa ígnea ao malho sempre soa.
Dali, há muito reis por toda a orla das praias –
Que fé no abrigo não despertam. Mas que a nau
Em linha reta siga – e as velas, de igual modo;
Alcançarás, enfim, as correntes do Fase.
Fraterna Erínia e quartel cítio ali já surgem:
Ajudarás ferozes colcos e o inimigo.
Então, não vejo mais perigo e ainda a sorte
De conquistar o ansiado velo ser-te-á dada.
Porém, não creias só nas forças e nos ânimos:
Prudência, amiúde, pode mais que a forte destra.
Te aferra à ajuda que um deus traga. Últimos Fados

---

38 Promontório da Paflagônia.
39 Rios da Paflagônia.
40 Ou Belona, deusa da guerra.
41 Minerva;
42 Povo afamado pela mineração.

Nefasto é expor – calar eu peço". Assim findando,
Deixou de novo às mudas trevas a resposta.
Jasão apressa os consternados companheiros;
A demora abrevia e o tempo de ter medo.
Fineu aos homens acompanha, às primas ondas
Se encaminhando. "Honra de Bóreas" – indagou –
"Como pagar-vos posso a ajuda, que agradeço?
Ora me sinto estar de novo no Pangeu
Na pátria Tiro, e doces sóis a mim surgirem.
Deveras hão partido os pássaros expulsos?
Não os temerei? É a salvo o pasto? Consenti
As faces vos tocar, e unir as mãos e peitos".
Falou. Partem da terra e o litoral se esconde.
A todos logo sobrevêm, em seva imagem,
As Ciâneas e o labor. De onde e quando virão? –
Pensam; arrostam medo e não desviam olhos
Cansados de espiar as ondas ao redor,
Quando u'estrondo se ouve e, ao longe é a insana rocha,
Que aos homens rocha já não era, mas, no mar,
Caída parte do estrelado. Enquanto apressam
Levar em fuga o barco ao mar, o mar de súbito
Abrir-se vêem e se afastarem os rochedos.
Por frio medo todos remos são tomados.
Jasão, correndo sobre as armas, sobre os bancos,
Exorta os homens; suplicante, estende as mãos
Chamando cada um: "Onde estão as promessas
E ameaças dos que vêm comigo às águas?
Causara medo igual a caverna de Âmico:
Persistimos e um deus nos ajudou. Por isso
Creio que o mesmo deus de novo ajudará".

Dito isso, toma o banco ao pávido Falero;
E rema. Por pudor instada a tropa o segue.
A onda aderna os esforçados e o mar foge.
Chocam-se as pedras e, com toda água, as Ciâneas
Devolvem vagas encrespadas. Por duas vezes
Penhas e rochas, contra rochas, retumbaram;
Por duas vezes relampeou no alto aguaceiro.
Tal como o raio repartido escapa às nuvens
E espalha fogos pelas trevas, pelos nimbos,
Trovões terríveis ruem; corta à noite a luz,
(Pavor ocupa dos heróis faces e ouvidos)
Assim ribomba o mar. Espúmea tempestade
Despenca e logo cobre a nau com grande água.
Tirado o olhar ao ponto, os deuses se atentaram
Que entre os escolhos ia o barco, que apressava-se
A juventude. Pende o êxito da empresa.
Sinalizou co'o coruscante escudo a virgem
Lançando um lume aceso. Apenas se afastara
A aguda penha, voando, a tocha entre os rochedos
Passou com tênue luz. Voltou o ardor aos homens
Vendo a saída. "Seguir-te-ei, qual deus que sejas,
Ainda que enganes " – diz o Esônide, que aos tombos]
Lançou-se e se ocultou na bruma negra. A onda,
Refluindo às rochas, que se abriam, começara
A puxar o navio; e o dia, a entrar no vão.
Já não vale ao piloto abrir co'adriça as velas
Nem aos remos forçar quando no alto aproximam-se
As Ciâneas. Sombra oprime o barco; avança a pedra.
Do céu descidas, Juno e Palas juntas saltam

Nas rochas: esta, a filha; aquela, a jóvea esposa
Seguram, como o que com força os touros junge
E torce o chifre, que resiste, até ao flanco.
Então, como o calor vulcâneo, com areias,
Revolve as águas, assim ruge o fundo, e o plaino
É preso em fluxo e, sobre as rochas, se derrama.
Com fortes remos, contra o estreito, todos vão
Seguir caminho e a nau passar em meio aos baques.
Pedras, porém, na extrema popa, inda estalaram
E parte (nefas) se prendeu; deveu-se o resto
Ao céu. Os Mínias gritam: pensam que os costados
Tenham se aberto. Foge aos golpes Tífis, último,
E entre os escombros leva a nau arrebatada;
Ao mar por pedras atingido não olhou,
Nem se aquietaram remos 'té que ultrapassaram
A costa escura e do Rebas[43] longe a foz.
Cansadas mãos e peito arfante então pousaram.
Se abraçam, qual Teseu e o Alcides quando já
Desfeito o horror do Averno, logo aos beijos pálidos
Da luz da prima aurora. O capitão, porém,
Não se livrou de medo e curas, mas falou
Fitando o mar: "Ah, que labuta pelos deuses
Nos é dada! Se acaso ao leito nós chegarmos
Do Fase e os Colcos, mansos, derem-nos o velo,
Por esta rocha haverá fuga?" Tal indaga,
Néscio dos freios por império jóveo fixos,
Pois o ordenava a lei do Fado inarredável
Se barco algum no ponto aberto se adentrasse.

[43] Rio da Bitínia.

O mar que esteve intransponível pelos séculos
Ante a imprevista nau pasmou-se; e toda a terra
Do calmo ponto mostrou reis e estranhas gentes.
Mais longe, alhures, não cedeu a costa às ondas
Posto o Tirreno e o Egeu revolvam tantas águas
E as gêmeas Sirtes de ondas quantas não careçam.
Pois lá, ademais, a terra ajunta vastos rios:
Não lembrarei das águas que a setênflua foz
Do Histro, o Tanais, o Tiras flavo, o Nova e o Hípane[44]
Deitam, e quanta força lança o meócio lago?
O mar, assim, com tantos rios, o poder
Do sal partiu, cedendo ao gélido ar de Bóreas
A enregelar-se, facilmente, ao vir das brumas.
Como o rigor da Ursa imóveis faz os rios
E agita o mar no fundo, assim, por todo inverno,
No plaino a onda ou jaz ou se ergue em vaga túmida
Que, por um lado, ataca a Europa com suas cristas,
Por outro, a Ásia, curva tal qual arco cítio.
Há sempre nimbos sobre o mar e incerto é o dia;
Não se desfaz, ao primo sol, a escuridão
Ou quando a luz da primavera é igual às trevas;
Apenas quando Touro torna às suas praias[45].
Já p'ras areais mariandinas a nau guina
E Equion, ligeiro, em busca foi do rei e das terras
Levando a nova (se do nome fama havia)
Que hemônios vinham, que aos cansados dessem porto.
Feliz de ouvir falar de aqueus, Licos se apressa

[44] Rios, citados sem ordem geográfica.
[45] Final de Maio.

E traz Jasão e toda a turma à casa régia –
Por bebrícios troféus pouco antes adornada –
E em meio aos gregos, manso, diz: “Não por acaso,
Mas por divino Fado, eu creio, às minhas praias
Trazidos sois – vós que ira mesma e ódio à Bebrícia
Tendes, e iguais triunfos sobre a seva gente:
É certa a fé entre os que têm o mesmo imigo.
Posto distantes, nós também sabemos de Âmico,
E meu irmão caído jaz na cruel areia.
Irado, eu vingador p’ra lá, co’as armas todas
Já ia quando as velas pandas vos traziam
Em meio ao mar; e o vimos podre e ensangüentado
Na praia, qual monstro marinho. Não lamento
Que do tirano a morte a mim seja tomada;
Não mais contente eu ficaria se o tombasse
Co’as armas minhas, que vencido por sua lei,
E que, por mérito, de sangue os cestos banhem-se”.
Responde o Esônide: “São teus no monte os fogos?
São tuas armas que do mar, então, eu vi?”
E diz, mostrando a jóvea prole: “Eis aqui Pólux
Que ao coração odioso fez pagar as penas” .
Ele contempla o herói; depois, ao paço em festa
Vão-se os convivas e aos comuns deuses invocam,
Por cujo nuto a Bebrícia foi tombada,
E juntos fruem de orações e do botim.

Canto V

Ingrata aos homens, nova luz se ergueu no Olimpo:
Ídmon, o Argólico, por sina e mal vorazes,
Tomba, não ínscio que p'ra si findava o tempo.
Porém o Esônide, a lembrar a vera fala
De Fineu, teme, além de Ídmon, outros lutos.
Ao companheiro os ritos presta e dá-lhe uma túnica
Co'arte bordada – um dom do rei dos Doliões[1].
Dá Lico ao hóspede um sepulcro. A chorar, Mopso
Trouxe da nau as armas de Ídmon. Uns derrubam
Troncos do bosque e erguem u'a pira; os outros cingem
Com fitas e alva rama o vate por quem, posto
Na essa, choraram; todos pensam no seu dia.
E eis que entre os ais e últimos múnus dos varões,
Violenta peste leva Tífis, que detinha
Da nau o mando e o curso; todos, por pavor,
Lançam, atônitos, aos astros brados tristes:
"Ó arquipotente Apolo, imploro, volve enfim
A nós, ó pai, o olhar e ajuda-nos se move-te
Algum cuidado co'esta empresa, que é lançada
Ao ponto extremo e que das mãos de um só depende".
Falas aos ventos, que aos destinos não moveram!
Qual pelo pai, tomado por ruinosa sorte,
Choram filhinhos que, a tremer, pedem que dure

[1] Cízico.

Pelos inválidos que dele ainda precisam,
Assim os nautas, na suprema hora, desejam
Que Tífis mais que os outros viva. A morte fria
Urge, porém, e ante seus olhos, Ídmon paira.
Debalde os Mínias com clamor retêm o morto;
Negam deixá-lo; só depois que enrijeceu
Puseram-no na pira; às flamas deram lágrimas
E vãos presentes; cresce a pilha de oferendas.
Mas quando, exaustos, deram últimos abraços
E a voraz tocha crepitou, pensaram ver
A própria nau queimar e em meio ao mar deixá-los.
Não suportou Jasão em gêmeas piras ver
Arder os corpos, mas, do peito, o capitão
Geme em tal fala: "Por que tão hostis, de súbito,
Tornam-se os deuses; que obras nossas se castigam?
Dois funerais perante mim, que horror!, se erguem
Na praia. Tão copiosos são-me os companheiros?
Ou um negro dia os homens furta-me, ou os deixo
Guiado por Fúrias? Onde estão Tífis e Ídmon
Que canta o Fado? E o[2] da monstrífera madrasta?
Sem ti, Tespíade[3], outras águas cruzaremos?
Não te verei no alto da popa olhando as Plêiades
Nem da Ursa as luzes que norteiam pela noite?
Passas a quem tua nau, os Mínias e as estrelas?
Quem deixará Jasão gozar de noites calmas?
O esforço, os olhos tantas vezes defraudados
Do doce sono e a mente inquieta pelos Colcos

[2] Hércules, enteado de Juno, a qual patrocinara seus trabalhos como destruidor de monstros.

[3] Tífis, natural de Téspia.

De algo serviram? Quanto o Fase e a Éea afastam-se!
Porém, se ao tênue espectro resta algum cuidado,
Que sejas, peço, alma presciente do porvir
Do céu e guies o piloto de tua nau".
Tendo assim dito, viu só ossos entre os lumes.
"Único alívio resta em praias estrangeiras",
Diz, "que esta terra não aparte as caras sombras
Nem que urna ou tumba guarde os ossos separados –
Mas juntos, como, pela sina, ao mar viestes".
Os homens juntam presto os resto e os pranteados
Nomes. Então, erguem de viva leiva um túmulo
Verdejante, e Jasão confia a Lico as cinzas.
Tristes hesitam quanto à mão que mais segura
Reja o navio. Anceu e Náuplio logo o pedem
Mas o carvalho[4], instruindo o Fado, chama a Érgino
E aos remos voltam os pilotos derrotados.
Como um touro que obteve o mando do rebanho,
Vai ele ovante e todo amor e honras recebe.
Por prima vez, assim contente, o condutor
Põe-se no curso, porque a noite clara mostra
O Norte certo. A proa já agitara o mar
E, co'âncora na popa, alonjara da terra.
Passou depois, soprando o Noto, da Aquerúsia[5]
As tristes praias, e o Calícoro[6] famoso
Pelas orgias – fé não vã: Lieu nessa água
Do sangue oriental lavou os sujos tirsos.
Lembrastes dele, Águas, ainda agora, após

---

[4] O Carvalho do monte Dodona, dotado de dons proféticos.
[5] Triste por ser ali uma das entradas dos Infernos.
[6] Rio da Paflagônia.

As lutas nos confins, no rubro mar movendo
Inquietas danças e trombetas, a cingir
Os chifres úmidos com fitas, qual quisera
Vê-lo a Beócia Tia e o infeliz Citerão.
No entanto, a torpe Fama voa aos fins do inferno
E o enche com loas aos mortais, a repetir
Que um mar se lança ao Ponto e as Ciâneas se escancaram.]
Querem erguer as faces ávidas aqueles
A quem toca a piedade ou, êmula, a Virtude.
O fado é imóvel: um apenas nessa praia
Oculto enviam ao espetáculo da turma:
É Estênelo[7] quem vai. Como o vira a amazona
Com as suas armas quando o Alcides o inumou,
Assim brilhou, na praia, erguendo-se da tumba.
Fulgem as ondas qual se o Sol no céu se erguesse
Ou nuvens sacudisse. A sombra, apenas vista
Pelos heróis, a negra noite a levou logo;
Que ao Caos, dolente, retornou. Enquanto Mopso
Os prodígios admira, ao longe vê o túmulo
E, a cobrir-se co' um véu, libou com vinho as cinzas;
Também encantos que aos espíritos aplacam,
Num rito, o Odrísio[8] entoa e toca enleando a voz
A soante lira – o que deu nome àquela praia.
Mais longe, a nau recebe os ventos; o Crobíalo
Foge, e o Partênio – a ti negado pelo fado,
Tífis – que mais que aos outros rios ama a Trívia,

---

[7] Pai de Eristeu, companheiro de Hércules na luta contra as Amazonas.

[8] Orfeu.

Inda mais grato que a materna onda do Inope.
Logo, a serra de Crona e o sombrio Citoro
E tu, Erítia, indo a nau lesta, submergis.
E o céu a noite já trazia: o alto Carâmbis
Margeiam, n'água treme a sombra da Sinope
Que, rica, abraça o golfo assírio[9] – antes ninfa
Aos divos rogos insensível, que zombara
Do amor de Jove: pelo ardil da deusa amada
Decepcionaram-se não só Hális e Apolo.
Deu-lhes, então, a Boa Sorte, companheiros:
Deileonte, Flógio e mais Autólico, que as armas
Seguiam de Hércules – e a errância ali os levara.
Ao verem grega tropa e a nau Pelasga, céleres
Correm à praia e suplicam que os aceitem.
Se alegra o capitão com o vir dos novos nomes
Que, de per si, aos vagos remos acorreram.
Ficam p'ra trás o Hális, o Íris sinuoso
E o Termodonte, que no mar co'estrondos lança-se –
Rico em despojos, rio a Marte consagrado.
Corcéis a Virgem deu-lhe e as achas prometidas
Quando voltou em grão triunfo pelo Cáspio
Trazendo o Medo e o Massagete – é vero o sangue,
Seu pai é um deus! Daí os nautas mais adentram
O mar; o aviso de Fineu não desprezando,
O capitão, porém, aos novos companheiros
Mirando diz: "Contai-me agora as vitoriosas
Lutas de Hércules e os vossos próprios feitos
Na márcia costa". Assim falou e ouviu, silente,

---

[9] Os Assírios habitavam a foz do Termodonte.

Magoado o coração, da guerra contra a Virgem
Que pela prima vez tombara, sem as rédeas;
Que o pátrio rio, semi-morta, a arrastara;
Que sem escudo e sem aljava se abalara
Depois que por hercúlea flecha foi ferida;
Como a Ira e o Pai, que a choraria, estimularam
A malta armada! Ó que terror, na própria líder
Que fúria! Que ouro fulgurou no cinturão.
No fim da noite, das telúricas cavernas,
Ouve-se o insone obrar dos Cálibos: Gradivo,
Teus camponeses malham armas: soa a causa
Prima da guerra, que é cruel em todas terras.
Antes de o ignoto ferro às minas extrair-se
E espadas dar, os Ódios tristes, desarmados,
As pobres Iras e as Erínias, lento, erravam.
Do Geneteio[10] Jove as rochas p'ra trás deixam
E os verdes lagos tibarenos, onde a grávida
Liga, ao parir, u'a mitra ao homem e o socorre.
Admirastes também a nau desconhecida
Mossinos; vós, de altos estábulos, ó Mácrones;
Ó errantes Bízeres e as praias ditas Fíliras[11]
Às quais Saturno machucou co'o chifre eqüino.
No último golfo, o pico hostil de Prometeu
É visto, o Cáucaso se erguendo no Arcto frio
P'ra onde o dia guiara o Alcides, que deteve-se
Por sina do Titã e já, com árduo esforço
A destroçar co'a antiga neve os elos presos

[10] Cabo localizado no Ponto.

[11] Fílira era mãe de Quíron. Possuída por Saturno sob a forma de um cavalo, deu à luz o centauro.

Arrancara co'a mão do leito a penedia
Calcando o esquerdo pé. Ressoa o imenso Cáucaso
E, co'o cume do monte, arrastaram-se troncos
E os ribeirões do mar voltaram. Estrondeia
Como se Jove sacudisse a etérea arcada;
Ou a netúnia mão, as terras mais profundas.
Estremeceram-se o Oceano e toda a Hibéria
Defronte a Armênia, e ante o revolto mar, os Mínias
As já deixadas Ciâneas temem. Co'o barulho
Então mais perto, ouvem-se o ferro, o denso esforço
De aos montes rochas arrancarem-se e o titã
Vociferando ao ser da penha libertado.
Porém os nautas, sem sabê-lo (quem creria
No monte o Alcides, ou que houvesse inda esperança)
Seguem viagem. Vêem apenas, do alto mar,
Por neve e pedras arrancadas, sacudida
A praia; no alto, a imensa sombra agonizante
Da ave e os ventos orvalhados de atra chuva[12].
Mais perto, o Sol ardia o mar e a derradeira
Luz já mostrava ansiados Colcos aos exaustos,
Onde, espumante, o grande Fase, ao mar contrário,
A face arroja. Juntos vêm devida meta,
Sinais recordam, contam gentes; sobem rio
Co'a nau. No céu, no entanto, Palas coruscante
E Juno sustam a veloz parelha eqüestre.
Enquanto o capitão, co'esforço sobe a foz,
Vê curvos choupos e, a se erguer na verde margem,
Em meio a um monte, do parente Frixo a tumba

[12] Sangue da água que devorava as entranhas de Prometeu e que havia sido ferida pelas flechas de Hércules.

E, ao lado, a irmã, a triste amiga, em pário mármore:
Mesta, daqui, pelo pavor da cruel madrasta
Dali, no mar, tocando trémula o tosão
Parar, então, mandou os sócios e prenderem-se
As cordas como quando entrou nas águas Págasas.
Erguendo a grande taça co'o sagrado Baco
Ele, num rito, chama a sombra e diz às aras:
"Por raça e feitos meus iguais aos teus, ó Frixo,
Peço que guies e me guardes nestas plagas
Tendo eu sofrido tanto mar e aziagos astros.
Da pátria terra, Frixo, lembra e sê propício;
E tu também, oculta em tumba inane e vaga,
Deusa marinha[13], ajuda e conta-me entre os teus.
Quando de novo, sobre ti, serei trazido
E o velo de ouro reverá a infausta Sesto?
Hospitaleiras praias colcas, e vós bosques
Revelai onde a rica pele brilha na árvore.
Então tu, Fase, jóvea prole, em níveo cume
Nato da arcádia deusa, acolhe em manso curso
Agora a nau paládia; não te faltarão
Em minha terra dons e altares; veneranda
Efígie aguarda-te, tão grande quanto aquelas
Do Inaco e do Enipeu, que em áureo nicho jazem".
Disse. Guinando, a nau sem a mão do piloto,
Voltou a proa, em bom presságio, à foz do rio.
Olhando o mar: "Como prometes, como chamas,
Nós voltaremos", diz. Assim, após orar
Mandou seus homens desarmarem a alta popa.

[13] Hele, que caíra no mar.

Nas verdes margens dispõem logo, em fila, os dons
De Baco e Ceres, que dão forças nos azares.
Começa, deusa, ora outros cantos, narra a guerra
Vista por vós do herói tessálio – não me bastam
O engenho e a fala. O que levou à fúria e à infanda
Traição da filha; a nau fremente sob a virgem;
as ímpias lutas nas monstríferas searas;
e, antes, ainda, a astúcia e os dolos do solígeno[14]
Que mereceu, pérfido, o logro e o abandono
Portanto eu cantarei. Na Cítia, o velho Frixo
Findara já a afanosa sina. Em suas exéquias,
No céu surgiram, de repente, prodigiosa
Chama e um carneiro, os mares todos revolvendo,
Em grã constelação. Mas o velo de Marte
Frixo o deixara – um monumento aos seus percalços –
Preso a um carvalho, qual metal incandescente.
Depois foi visto, em noite escura, como um grande
Vulto, por tempos, e a lançada voz ao sogro
Intimidou: "Tu que deixaste-me ficar
Em teus domínios, ao fugir da pátria em busca
De assento e, dando a filha, genro me fizeste,
Luto e desastres de teu reino a ti virão
Quando roubado o velo e o bosque adormecido.
E mais, Medeia que, a Diana ora sagrada,
Castos coros conduz, buscará quaisquer núpcias
E, no reino do pai, virgem não ficará".
Disse e, movendo a mão, pareceu entregar-lhe
O funesto pelame; o falso brilho do ouro
Correu, então, o ornado forro do alto teto.

[14] Eetes, filho do Sol.

Ele, a tremer, saltou do leito e orou ao pátrio
Nume e a seu carro, que se erguia na Eéa praia:
"Peço-te, ó Pai, dos meus destinos guardião,
Onividente, lança agora o teu olhar
Por mar e terras. Se estrangeira tropa, ou nossa,
Planeja ocultos dolos, sê meu primo núncio.
E tu, por quem brilha o tosão na sacra árvore,
Vigia, ó Marte. Que no bosque, armas e trompas
Soem, e a tua voz se eleve pela noite"!
Disse-o, e uma serpe, dos caucáseos montes vinda,
Por vontade do deus enrodilho-se na árvore
E a tropa grega ao longe olhou. Logo aplicou-se
Em afastar as predições e as ameaças
De Frixo, e posto ainda nem moça, foi Medeia
Ao leito do tirano albano destinada.
No entanto, o deus que sempre avisa co'os augúrios
Sobre os perigos, a urbe assusta. O sacerdote
Vendo os sinais do mal vizinho, devolver
À terra Hemônia o aziago e infausto velo ordena.
Eetes, porém, volvendo n'alma inquieta os ditos
De Frixo, o nega – não preocupa-se o tirano
Co'o vulgo, enquanto sua saúde for guardada.
Então, o sucessor do rei – irmão por mãe,
Perses – o increpa; e como a um líder segue-o o povo.
O rei, furioso, do alto trono ergue-se em ira
E os anciãos expulsa. Perses que, co'audácia,
P'ra si nutrindo já esperança em lábil povo,
Tomou a espada; este fugiu com dura marca
E todo o Arcto estremeceu-se co'os rumores.
Mas voltou já com reis e muitos mil à vila,

Porém, frustrado em prima luta, antes as muralhas
Postou-se. Aquele dia e o outro às tropas deram-se
Para cremar os mortos quando, Marte ausente,
Chegou à Éea[15] o destinado capitão.
Condoída a Noite pelos homens e os labores
Trouxera às terras fatigadas o silêncio.
Mas Juno e a jóvea Virgem íntimas ideias
E inquietações várias no peito compartiam.
Primeiro, a virgem diz: "A quem co'a nau nós juntas
Atacaremos? Em que estado e lutas vês
Agora os Colcos! Perses e Eetes, desiguais
Em força, aprestam pugna; a quem ajudaremos"?
E Juno: "Não temas que eu negue acaso os prélios
Que tanto te agradam; o suor espera a Égide
E os meus cavalos. Tenho fixa a intenção
De aliar-me a Eetes. Sei do pérfido caráter
Do rei, que aos Mínias nenhum prêmio pagará.
Então, eu mesma tramarei outros enganos"!
"Assim o peço, e que eu me ajunte às tuas forças
Para poder mandar à Grécia", Palas diz,
"De volta o Esônio e a nau que eu mesma construí;
P'ra triunfante, enfim, dispô-la em nosso céu"!
Em honra aos homens isso os deuses preparavam.
Nunca mais triste, noite alguma tanto aos Mínias
Passou-se em medo. Embora o Fase descoberto
E o mar das Ciâneas amansado, nada, então
Fora ainda feito; enquanto à régia vila iam,
Ambígua e dúbia inda pendia toda a empresa.

[15] Ilha de Circe.

Por estos vários, sobretudo, a mente incerta
Arrasta o Esônide, que muito cuida e trama.
Qual quando, na alta arcada, Júpiter corusca
Movendo as Plêiades, as nuvens co'os trovões
E a neve horrível – e todo o campo se embranquece –,
Ou abre as portas dos combates sanguinários
Ou para as duras gentes outro fado aponta,
Assim o capitão, daqui e dali inseguro,
Com muitos ais agita a alma e quer o dia
Brilhante e a hora certa, enfim, da decisão.
Então, aos nautas, mudos juntos, cabisbaixos,
Voltando: "O que, com grande audácia, vós primeiro
Quisestes", diz, "E o que temeram os antigos,
Temos adiante, após cruzarmos mar e terra.
Não nos desviaram nem as mil rotas do pélago
Nem a notícia de que no Arcto Eetes reina.
Assim, que a luz no mar se esparja, que busquemos
A vila e as intenções do rei desconhecido.
Ele anuirá, decerto; eu creio que exorável
É o que pedimos. Mas se às súplicas, soberbo,
Ele esquivar-se, na repulsa firmai ânimos,
Por cuja via o velo à pátria tornaremos –
Que o Pudor sempre esteja ausente nas agruras".
Disse, e na sorte tira os que à vila cítia
O sigam: nove dentre todos são levados.
Tomam caminho próximo ao campo de Circe
E ao rei procuram, quando a luz do dia volta.
Casualmente, porém, foi Medeia assustada
Por prodígios da noite; ao findarem-se as trevas,
Saltou da cama à prima luz do doce Febo

E foi ao rio p'ra expurgar os pesadelos.
De fato, enquanto o sono aos membros lhe tomava
E não havia inquietação no paço mudo,
Sonhou com Hécate a sair do casto bosque;
Buscando o pai, o mar penoso interpusera-se
E, estupefata, pela imensa água em torno,
Foi pelo irmão seguida, enfim; meninos pávidos
Vira defronte à morte; e a si mesma fremente
A derramar sangue co'as mãos, rompendo em pranto.
Por tais indícios perturbada, ao rio Fase
Ia co'um grupo de também donzelas cítias.
Qual Proserpina, pelas flores do vernal
Himeto ou sob a rocha sícula, guiou
Os coros, tendo ao lado a cara Diana e Palas –
Mais alta e sem rival, antes que sua beleza
Se empalecesse ante a visão do lago Averno –,
Tal era a Colca, com duas tochas e co'as ínfulas,
Antes de aos míseros parentes odiar.
Ao ver ao longe, às ondas gélidas da foz
Do rio, os homens, que em silente passo andavam,
Parou e à ama, com temor funesto, disse:
"Que tropa é esta, mãe, que vem como se a mim
Buscasse, incógnita por armas e por modos?
Foge e procura, imploro, os bosques protegidos"!
A velha Henίoque, guardiã de seus pudores,
Que a educara desde cedo, a ouviu e, então,
A encorajar a alma trépida, exortou-a:
"Nem força, ameaça ou medo chegam-te da tropa:
Já vejo os mantos flamejantes de estrangeira
Púrpura, as fitas e a pacífica oliveira.

Um grego chega, em tudo igual ao grego Frixo"
Mas Juno – como a inquietação e os grãos labores
Do capitão o belo porte consumiram –
Deu-lhe vigor e a rósea luz da juventude;
Sobre o Ampícida[16], Talau e os dois Tindáridas
Por astro ornados, co'a egrégia face excele –
Como no outono Sírio mais aguça os raios
E o árduo fulgor acende a noite coroada
Pelas estrelas, e ao Arcádio Jove amansa –
Mas que tanto no céu não brilhasse desejam
O campo e as fontes de aquecidas correntezas.
Posto o pavor a face atônita assustasse-lhe,
Muda, a princesa, inda admirada, os passos tarda
E por Jasão só se extasia; este, não menos
A uma única de todo o grupo apega-se –
A que percebe ser senhora e condutora:
"Se és deusa", diz, " Se aqui está a glória do Olimpo,
Creio estas sejam face e as tochas de Diana;
E tu, despida do carcás, da paz fruindo,
Às suas águas as caucáseas ninfas trazem-te.
Porém, se habitas esta terra e és mortal,
Feliz teu pai, e mais feliz, um dia, aquele
Que te levar e mantiver por longos anos.
Mas traz, princesa, ajuda aos homens! Como
hóspedes]
Viemos – jovens nobres gregos suplicantes.
Leva-nos, peço, ante ao teu rei, quem quer que seja,
E, prima, ensina o modo e a hora de falar-lhe.

[16] Mopso.

Um deus a mim, perdido e aflito, deu-te, então,
Em ti deponho tudo nosso e nossos ânimos”.
Disse, e a aguardar quedou. Tremendo, por seu turno,
Presa por medo virginal, ela falou:
“Buscas por Eetes, que é meu pai. Perto é a vila.
Se podes discernir as trilhas naturais,
Segue no rumo, pois um grande acampamento
E ímpio inimigo outros caminhos atravancam”.
Disse; tomou u’atalho junto ao pátrio rio
E ofereceu vão sacrifício à noite horrível.
Ele, co’a fâmula por guia, apressa o andar
Oculto em névoa – a régia Juno não permite
Que o vejam antes que a notícia até a Eetes chegue.
Já em meio à vila, com o povo, entrava incógnito
Quando lhe disse a acompanhante: “Do pai Febo
Às aras chegas. Como sói, o rei virá
Ao templo pátrio, onde acessível ouve os súplices –
Nobres e o povo – e o pai presente o faz ser justo”.
Disse, e eles, rápidos, no umbral aberto adentram.
Qual se encontrassem do radiante deus a face,
Ou da perene luz a vera cidadela,
Tal brilha o teto: Atlante se ergue no Oceano
E a onda túmida se quebra aos seus joelhos;
Por suas costas, os cavalos refulgentes
O deus conduz e espalha o Dia pelo Olimpo.
Seguem-no atrás, num menor carro, a irmã e as
Plêiades]
E os astros[17] cujas crinas úmidas se deitam.

[17] As Híades, a constelação que anuncia a chuva.

Jasão, feliz, olhando as formas variadas,
Mira do templo as gêmeas portas, vendo o berço
E o início, ali, da gente colca; como a prima
Guerra Sesóstris dera aos Getas; como, pávido
Co'o fim dos seus, uns leva ao rio pátrio, a Tebas,
Outros impõe aos campos fáseos, que de Colcos
Manda chamar. A Arsinoé eles almejam,
O ócio de Faros e o ano gordo sem tormentas;
Mas pelas mangas da Sarmátia o linho trocam.
Bárbaro, o Fase, em montes pátrios, segue a Eea
De amor furioso. Ela arremessa flechas tímidas
Com virginal medo, e desmaia na carreira;
Mas à vencida o deus enlaça co'ondas céleres.
Choravam choupos – as irmãs de Faetonte –
O moço, e o corpo atro descia pelo Erídano[18];
Tétis, porém, só recolheu o eixo partido,
O jugo e Pírroi[19], que temia a dor do pai.
Também Mulcíber, com pressaga arte, esculpira
O áureo tosão e aqueus que um dia chegariam.
Co'a acha de Argos, a pagásea[20] nau é feita;
A própria deusa embarca e flete a vela e os remos,
E o capitão, co'a mão despida, chama a tropa.
Ergue-se o Noto e, em todo o mar, uma só nau
É vista, e as focas se alegravam co'o Odrísio.
Na foz do Fase, inquietos colcos aparecem
E a princesa que, ao longe, ao pai, que a chama, deixa.
Havia a vila circundada por dois mares

[18] Atual rio Pó.
[19] Um dos cavalo de fogo do carro do Sol.
[20] Págasa foi o porto de partida da expedição.

E, à noite, festa, canto, tochas conjugais
E, em leito régio, um genro alegre; ele abandona
A prima esposa: as vingadoras Fúrias vêem-no.
No leito esmaia aquela, irada pela amásia,
E os dons fatais – coroa ornada e manto – apronta
Após queixar-se pelos todos sofrimentos.
No pátrio altar a triste amásia, co'os presentes,
Orna-se e, presa de venenos rutilantes,
Arde o palácio. Estes prodígios esculpira
Vulcano aos Colcos, que inda ignoram qual empresa
Aquela seja, ou quem co'as serpes corta os ares
Lançando a morte: eles odeiam e os não olham.
O mesmo engano ante o lavor prendera os Mínias
Quando no pátrio templo entrou o do Sol nascido;
Com ele, Absirto, o jovem filho que, inocente,
Digno do avô, sorte melhor ter deveria;
E o genro Estiro, que da albana costa viera –
Porém a guerra adiara as bodas; então, Frontes,
Argos e o irmão Melas – eólides, que Frixo
Gerou no exílio –, e Citosoro, o bom de lança;
Os que a titânia terra fez seus senadores
Com grande honor, e os reis que às lutas acudiram.
Ali Jasão os nautas chama e irrompe a névoa
Fulgindo a face; a nova luz ofusca os Cítios[21]
Que aos homens voltam-se e perguntam a que atrevem
Ou o que buscam. Jasão, ao ver nos primos ditos,
Todos pasmados e os murmúrios suprimidos,
Próximo ao rei embasbacado começou:

[21] Outro epíteto dos Colcos, assim chamados pela cidade da Citeia.

"Rei Hiperioníade, em mar tanto, para os deuses
Buscado, digno de fundear a prima nau,
Se alguma vez o conterrâneo nosso, Frixo,
Lembrar soia aqui a Tessália e alguns pelasgos,
Estes, que azares e desvios palmilharam,
Tu os vês. Eu mesmo sou de Frixo o próprio sangue:
Antepassados são dos dois Creteu e Éolo,
Co'a salmonide ninfa e Jove, e com Netuno.
Não me trouxeram nem o altar paterno ou armas –
Não por vontade sigo, embora o teu renome
Junto aos tessálios. Quem, sem mando, encontrar quer
Monstros marinhos e os fragores das Ciâneas?
Pélias – que o reino, sob o nume de teu Febo,
Maior detém, e tantas vilas nas montanhas
E lindos rios com seus chifres vigilantes –
Me impele e ordena-me, com leis, vários trabalhos,
Como ao Alcides manda de Argos o seu rei,
Filho de Estênelo. Embora o cruel jugo
Dos reis soframos, não me furto a obedecer,
Posto melhor! O áureo tosão, a qualquer custo,
Levar ordena. Que te agradem nossos méritos
E a pátria, eu peço, e esta missão que recebi –
A ti, diverso de quem Pélias quer e anseia,
Ao melhor trato ofereci a minha destra.
Se eu decidira conquistá-lo em cruenta guerra,
O Ossa e o Pindo naus dariam e reis quantos
Nem ao audaz Baco, ou Perseu, antes seguiram.
Porém, a boa-fé e a força da justiça
Trazem-me aqui, e a mediação do sangue fríxio,
Já que de nossa estirpe são teus descendentes.

Não desprezado, eu visitei campos bebrícios
E os frígios reis: se algum, com fraude ou honra, aos meus]
Buscou, seus dons recompensaram-se; e entendeu
Que a nau é de Minerva, e nós, filhos de deuses.
Quando alcançamos finalmente a ansiada Cólquida
Vimos-te qual dizia a Fama. Agora tu
Não vejas com inveja as façanhas dos Mínias!
Nada de estranho ou de indevido à pátria peço
(Se inda nas preces há justiça). Crê que a Frixo
O dás, e Frixo o leva a seus pátrios penates.
Em troca, aceita os dons trazidos sobre o mar
Vencido: u'a clâmide de púrpura tenária,
Freios de bronze e espada ornada com brilhantes –
De meu pai esta, por minha mãe aquela feita;
E os corcéis lápitas usaram estes freios.
Aceita os dons e à Cítia alia-nos. Que saiba
A ira de meu rei que sorte tem o Cáucaso
No horrível cume, e quanto é brando o teu poder".
Co'olhar minaz aquele fita o suplicante
E aos poucos, vai ardendo em fúrias escondidas.
Qual se incha a onda silenciosa e sob o mar
Se ajunta ao vento, do imo traz a ira o bárbaro
E pela audácia, ah, do herói, e por seu reino
Aberto aos gregos, freme. Ter, manso, acolhido
Frixo lamenta, e ter da Cítia o medo findo.
Balança a testa e ri das ilusões do jovem –
Que o louco vá e peça à serpe o velocino!
Ao recordar, inflama-o a voz do antigo oráculo:
Por que a Fortuna contra si movera juntos

Perses e a nau tessália? Acaso o fado os traz
Ou já procuram pelo velo as sevas parcas?
Mas como a guerra e, perto, as lutas mais o inquietem,
Finge, no fero peito, plácidas palavras
E diz: “Quisera não chegásseis neste tempo
Aos meus domínios, quando o imigo me sitia.
Pois meu irmão – todos almejam pelo cetro –
Mortes prepara e com ingente tropa acossa-me.
Defende, pois, primeiro a casa dos parentes
E não desdenhes a honra ganha em guerra alheia,
Já que o aço faz o herói. Darei não só o velo
Ao meritório vencedor”! Ínscio da astúcia:
“Como se tal labor faltasse aos nossos feitos”,
Responde o Esônio, “ou mar algum nós já sofrêramos,
Chega este dia? Vêm ao meu fado estas guerras?
Não lavará com pouco sangue meu a dor
Que ele causou co’esta demora”. Envia, então,
Aos nautas Cástor, que a resposta régia porta.
A cruel demora lhes levava inquietações
E quando em meio ao campo viram Cástor, logo
Pavor mais crebro os abateu: “Ó filho ilustre
De Jove, diz: de a pátria vermos há esperança”?
No meio dos Aqueus, ele assim começou:
“Não fero é Eetes, como é a fama, nem nos nega
O velo, mas por guerra iníqua ele oprimido
Auxílio pede: o capitão, armados todos,
Nos manda acelerar, pois abrigada ao longe
É a nau, e o rio é defendido pela vila”.
Não tardam; partem; nem os jovens do Rifeu,
Todo o Levante, com suas flechas, ou a Hibéria

Os susteriam. Primo, a tropa põe-se em forma,
As armas prova e, junto, os braços acompanham-na.
Ninguém já fita as pátrias vilas, nem o mar;
Só do caminho adiante a glória. Um vento súbito
As cristas treme; e variegada, a via enflora-se
Co'as armas. Como o céu veste um coro de estrelas
Do mar surgido, e a áurea noite co'astros orna-se.
Mesto, por ira muda, o filho do Sol olha
Os que, imprudente, aliados fez. Antes queria
Junto aos penates o inimigo àquela tropa.
No entanto, agüenta a refeição de cara boa
E, co'uma grande taça incita ao lado o Esônio
A lhe mostrar de Jove os filhos, os Eácidas
E os Calidônios; que o Alcides foi deixado
Num erro infando ouviu; que heróis[22] foram chorados
E que por terra e mar cumpriram-se trabalhos.
O Esônio, por sua vez, indaga por que as tropas
Se batem com tal fúria, e o rol dos reis amigos:
"Que herói é aquele que o talim grosseiro, ao longe,
Cinge e que tem perto o escudeiro co'arco teso
Qual se aprestasse luta contra as mesas postas"?
Do Sol flamígero e de Perse o filho diz-lhe:
"Perguntas por Carmeio, acostumado sempre
A levar armas – nunca esquece o seu carcás".
E o Esônio: "E aquele de bordado manto horrível,
Cujas madeixas muito odoram"? Olha-o Eetes
E também conta qual seu nome: "É o rico Aron.
O seu corcel todo tem cheiro de açafrão

[22] Ídmon e Tífis.

E toda a tropa tem cuidada a cabeleira –
Não o desprezes, porém, pela ataviada coma!
Sob o espólio de um tigre, este é Campesso; aquele
Atirando-se ao vinho, é Odrussa – o vês co'o largo
Peito peludo, a perturbar co'a barba a taça"?
O hóspede admira, então, Laxarte – o imoderado
De acerba fala e língua bruta, irreverente
Co'a iminente guerra e a ameaça dos deuses.
Eetes, porém: "Tais grandes falas do arrogante
Em vão não voam", diz, "à voz as armas seguem,
Não têm descanso – noite e dia Marte exaure-os;
Mesmo no inverno, quando os rios do Rifeu
Gelam-se, e os Guetas co'a assustada prole, o vígil
Medo e a Hibéria emuralhada ainda o temem.
Admira Látago e de um rio o filho Coaspe, 584
Que se beber sangue do bélico cavalo 585
Aqui, o mais rápido, virá, a rédeas soltas. 586
Porém, se as tropas e as insígnias que acompanham-nos]
Eu recordasse, à noite a luz dissolveria.
Reinos de muitas línguas e armas amanhã
Verás, dos quais surjam das fundas pétrea chuva;
E ainda veremos os lanceiros e os carcases
Coloridos. Observa atento os grandes campos
E, atropelando co'o alado carro os corpos,
Euríola[23], a mavórcia, a exultar pelas tropas
E o quanto, altiva, co'o escudo armada esplende,
Tanto me é cara, e não é a última entre as filhas".

[23] Rainha das Amazonas.

Disse, e co'o cráter liba ao pai que então se põe.
Cada um derrama a sua taça, e que suportem
A luta pedem, e os belígeros labores.
Eis que o Gradivo, das cavernas guetas vindo,
Trazendo pelo mar do Arcto nuvem imensa,
Estupefato, vê os mínias na urbe eea,
O velho rei e o velocino prometido
À nau tessália. Presto acorre ao estrelado
Paço do pai, e invoca a Jove em queixa acerba:
"Que pausa dás, rei, aos combates? Mútuas perdas
Os deuses tramam, em honra apenas dos mortais;
E tudo alegra-te – do céu a irada Palas
Não tiras, nem impões a lei à fêmea audácia.
Eu não me queixo por levares aos meus campos
A nau que quer buscar o sacro velocino,
E os homens proteger: oculta, vá – se pode!
Por que é que investe com falaz insídia agora
Para roubar o ouro de Frixo de meu templo?
De vosso auxílio ou pacto os Colcos não precisam.
Perses e os Mínias de inimigos nós chamamos.
Eia (por que em luta se ajuntam tantas gentes
E o teu Esônio?) por que nós não vamos logo
Ao bosque aurífero e co'as armas decidimos?
Então, tu só do céu, de pronto, às mudas trevas
Desce: veras ali que deus sou, e entre as árvores[24]
Não ficarás impune. Acaso são meus templos
Menos temíveis, porque rude são o altar
E os bosques meus, e só na sombra me cultuam?

[24] Do bosque de Marte.

Cuidado e amor às suas coisas todos têm.
Por ti disputam, pai, os templos pelas terras
E honram-se ainda as selvas. Se os templos micênicos]
Ou a cecrópia cidadela eu saquear,
Já a esposa e a filha suplicante, co'as e lágrimas,
Te buscarão. Temam-me pois, e tal não peçam".
Não mais guardou longo silêncio na alma Palas
Que, em mofa, interrompeu o alvoroço de Marte:
"Grita feroz nem aos alóidas[25] nem aos Lápitas
Atiras", diz, "porém a Palas. Que da Égide
Não seja eu digna ou mais chamada jóvea prole
Se não findar-se tua arrogância. Armas e trompas
Farei que odeies, e das guerras riscarei
Tua fama. Insano, por que à mãe tão duro enfrentas?
Ela o merece por criar no céu tal monstro.
Somos culpadas de que crime ou qual desgraça
Se ao jovem – que se expôs, por ordem do tirano,
Sem medo ao mar que ainda então desconhecido –
Nós ajudamos, e esperança aos feitos demos?
Nenhuma prece ouvir ou pactuar com o rei,
Porém, em luta cega a todos impelir
Devíamos? O Trácio é assim, e assim tal louco
As coisas busca. Ora eu cessar queria a guerra
E amigas tropas não armar. Dá-nos o velo,
Ó rei, e em meio ao mar nos veja. Mas se Marte
Sozinho o nega a nós e obsta nossos esforços,
Sem honra iremos, pelo mar em vão trazidas"?

[25] Os gigantes Oto e Efialtes.

"Que bom que seja fêmea e nada possa..." Ardente
De novo Marte iniciara a erguer palavras,
Porém o pai refreia e o tolhe com tal voz:
"Que fremes, louco? Quando os atos lamentais,
Muito pecado tendo vós, vindes à Lei!
Levai adiante, por quaisquer modo e combate,
O que iniciastes, pois as Fúrias têm sua sina.
Também a vós, esposa e filha, avisarei:
Basta de a Perses perseguir; que vã esperança
Não prenda os Mínias, de querer pôr fim à guerra.
Tal permanece a ordem das coisas; aceitai-a:
Batida a tropa, recuará, cessando a guerra,
O apavorado ante a chegada dos pelasgos.
Quando à Tessália conduzirem-nos os ventos,
Vitorioso virá e terá trono e cetro,
Até que, após um longo exílio de pobreza,
O velho Eetes – que destino!, embora ímpia –
A filha ajude e um neto grego[26] imponha ao reino.
Ambos irmãos terão tais riscos e trabalhos.
Ide, irrompeis, como quiserdes, os combates".
Disse; e o banquete recomeça, reconduz
A paz e a noite ao estrelado Olimpo envia.
Então, useiro em cantar lutas dos Flegreus[27],
O tocador de lira, Apolo, e as musas chegam;
E o escanção[28] frígio ao redor leva o grande cráter.
Levantam-se co'o sono e vão p'r'os seus palácios.

[26] Medo, filho de Medeia e de Egeu, rei de Atenas.
[27] Lugar mítico onde os deuses venceram os gigantes.
[28] Ganimedes.

Canto VI

Mas, vígil, arde em mesma fúria Marte, e incha
O duro peito; que arma ou tropa seguirá
Não sabe. Enfim, decide ver, presente estando,
Se aos Mínias pode exterminar e, em grande luto,
Vingar o régio pacto ou os gregos destruir.
Impele o carro, então, brandindo o irremediável
Signo da guerra, e posta sobre as tendas cítias.
De pronto, à tropa foge o sono: armas alertas,
Inquietos chefes se ajuntaram. Sobretudo
Os move a Fama, que dizia terem vindo
A nau e os gregos, a exigir o velo fríxio,
Aos quais, juntando as mãos em trato de hospedagem,
Eetes lograra, e ao seu exército os trouxera.
Enquanto, pois, a noite se abre às decisões,
Apraz aos chefes u'a embaixada. Perses manda
Falar aos Mínias, p'ra avisá-los da trapaça
Do rei. Qual erros lhes desviara, enfim, os ânimos,
Se primo fora ele a exortar que se entregasse
À Hemônia o velo, e a enviar de volta o sacro espólio?–
De onde vieram o ódio e o início de tal guerra?.
E mais: melhor que à destra e às armas suas unam-se
Ou que regressem (pois não vale o pacto de Eetes)
E que do sangue de uma alheia pugna afastem-se,
Porquanto não singraram o mar por tais labores.
Por que aos estranhos combater se os não odeiam?

No entanto, enquanto os manda Perses, u'áureo brilho
Fulgiu no campo; armas e trompas, de per si,
Estrepitaram. Marte, do alto dos cavalos:
"Ide! O inimigo", exclama, "eia!, se aproxima"!
E juntos lança ao plaino, então, Perses e os Colcos.
Com suas armas, cada tropa expôs-se ao prélio
E a voz do deus, por todas lutas, fez-se ouvir.
Musa, que viste no Rifeu as iras, canta
Com que aparato à Cítia Perses sublevou,
Confiado em quais cavalos e homens para a guerra.
Não lembraria todos números e nomes
Nem com mil línguas, pois nenhuma terra teve
Mais gentes. Posto que, em perene guerra, os jovens
Meotas caíram, nunca faltam na abastada
Terra que abrange as gêmeas Arctos e a Serpente[1].
Mostrai-me, ó deusas, pois só os líderes e as gentes.
Enviara o Anáusis os Alanos e os Hemíoques
Ferozes, já irado há muito, pois Medeia
Em pacto núbil fora dada ao rei Albano –
Ínscio do monstro a que ansiava guiar ao leito
E do terror que às vilas gregas se guardava;
Mais grato aos deuses e feliz era no paço.
Depois, a legião da Bisálcia e Colaxes –
Sangue divino, a quem gerou Jove na Cítia
Junto à Miriça verdejante e à foz do Tíbese[2],
Cativo pelo corpo híbrido de u'a ninfa
(Se o crer se pode), sem temer as gêmeas serpes.

[1] As duas constelações da Ursa e a da Serpente, indicativas do Norte geográfico.

[2] Rios de localização incerta.

Toda a falange porta a jóvea insígnia e escudos
Ornados co'os fogos dos raios tripartidos;
Primo a lançar não foste, ó soldado romano,
Brilhos de raios e as asas rútilas do escudo.
Sobre o pescoço, áureas serpentes ele exibe,
Marcas de Hora, a mãe; contrárias, pelas línguas,
As prende, e as serpes u'a polida gema mordem.
Terceiro é Auco, vindo com mil companheiros,
Ostenta as posses da Ciméria, cujas cãs
Mantém há muito – honra natal; a longa idade
Dá-lhe beleza; em triplo nó cingindo as têmporas,
Deita na sacra testa as fitas geminadas.
Ferido em luta na Aquemênia, mandou Dárape
À guerra Date, a quem a tropa dos Gangárides
Circunda, e aqueles que, bebida a água, o Gero[3]
Envia, co'os do lago Bice[4]. Não faltaram
Ânxur e Ródalo com Sídon. Do Acesino
Traz Frixo a tropa, sob o agouro da profética
Corsa – que o pêlo e os áureos chifres reluzindo
Ante os exércitos, num mastro, segue triste
Porque não voltará aos bosques de Diana.
Súplice, Perses move a Siena e a gente hileia
Apresentando a ímpia ferida do irmão.
Mais denso nunca, nem mais alto, mostrou
um bosque]
Lanças quaisquer; exaustas flechas regressaram
<lacuna>
Inda levou o Titânio Círis desde a Hircânia

[3] Rio que deságua no mar de Azov.
[4] No Queroneso da Trácia

Homens armados; e em carroças, para a guerra,
Todas as tropas celaletas – frágeis casas
Lá têm, morando a esposa sob um couro cru
E o filho que do carro atira suas cateias.
Deixam o Tira, que no mar se atira, o monte
Ambeno e a Ofiúsa, rica em gélidos venenos.
Degenerados Sindos lançam-se e se ajuntam
Inda temendo do paterno crime as penas[5].
Ao lado, Falce agita o plaino co'a ênea nuvem;
Os Corales co' um brado as bandeiras levantam
Co'a roda bárbara na insígnia, um javali
De ferro às costas e as colunas – jóveo símbolo.
Não cuidam inflamar co'o rouco corno a guerra,
Mas cantam líderes da terra, em rito, os feitos
Priscos dos seus e, p'ra exaltar homens, loas.
Mas quando a infantaria às sidônicas rédeas
Uniu-se, a Eea trouxe a si os leais Batarnas
Co'o líder Teutagono e as armas, com o escudo
De crua cortiça e boa lança em pau e ferro.
Perto, com duplo dardo ferem broquéis alvos
Os que no inverno quebram co'acha os frios leitos
Do Nova e do Alazão e as margens os não ouvem;
E ainda do Taras e do Evarco, rico em cisnes.
Ó grande Ariásmeno, também, far-te-ei nos séculos
Grande na guerra, a conduzir, ao longe, os carros
Com foices amarrados, pelos plainos do deserto.
Seguem os Drângeos e dos claustros saem os Cáspios
Que às pressas levam acres cães às êneas trompas

[5] Porque sendo escravos, aproveitaram a ausência dos amos citas para se casarem com as mulheres daqueles.

E os põem na luta – então, se morrem, mesmas honras
Eles recebem: são em túmulos depostos
Entre os antigos e os heróis; co'o ferro ao peito
Atado e o pêlo horrendo, correm, num atro bando,
Latindo a coorte, como quando soa a horrível
Porta de Dite ou, no alto, o séqüito de Hécate.
Do bosque Hircânio o vate Vano leva a tropa:
Três gerações de Cítios viram-no cantar
A Nau de Argo e os nobres Mínias. Dele ouviram
As predições os opulentos Indo, Tebas –
A de cem portas e vinhedos cultivados –
E a Pancaia levada em triunfo no Rifeu.
A variegada Hibéria envia armadas turmas:
Ótace e Látris as conduzem. O raptor
De amores Neuro leva os Iázigos[6], que a idade
Das cãs não sabem, pois, já quando a força esfria-se,
O arco refuga e ao seu senhor a lança escapa,
Por costume ancestral, não sofrem morte lenta,
Mas, dando a espada, pelas mãos dos filhos tombam:
Pai e filho a espera rompem, ambos corajosos,
Ambos surpresos por tão fortes atitudes.
Vêm depois os Miceus, de olorosos cabelos,
A tropa de Cesseu e tu que, ó Arismape,
Ignorando os metais, tuas terras não revolves;
E os Aucastos, enfim, que lançam bem o laço
Em amplo giro e arrastam mesmo as retaguardas.
Não esquecerei o tersageta, que na luta
Tambores leva, tendo às costas grandes peles,

[6] Povo da Samotrácia.

Com flores verdes enramadas em suas laças.
Fama há que Baco, sangue jóveo e cadmeu,
Com essas tropas, feliz reino, bateu os Árabes
E inda os turíferos Sabeus; e que ao romper
O Hebro, deixou sob o Arcto frio, os Tersagetas.
Vêm co'esse um som antigo, um sacro tilintar
De sinos e a flauta, que recordam a luta eóia.
O Emeda[7] se une às forças, seguem suas insígnias
O Exômata, o Torino e o alourado Satarco.
Co'o mel se honra o Torino; o Satarco co'o leite;
O Exômata co'a caça e co'o melhor cavalo
Em todo o Arcto – correm sobre o frágil Hípane
Levando a prole de leoa ou de tigresa
E a triste mãe os vê na margem traiçoeira.
O ardor pelo tosão levou os dúbios Cêntoras
E os cruéis Coatras, com seu mágico terror.
Com sevo culto, aos deuses honram; com prodígios
Ora, ao chegar da primavera, as folhas tolhem,
Ora derretem, presto, o Meota sob os carros.
Melhor dentre estes, na arte estígia, vem Coaste –
Não o move o amor à guerra, só o da virgem Cítia,
Medeia, a fama de lançar iguais venenos.
Na noite quieta já o barqueiro, o lago averno
E a lua, que em seguro céu avança, alegram-se.
Os Balonitas de iguais flancos, co'alas duplas,
E o Meso, lesto no mudar das montarias,
Vinham co'os Sármatas, que atiram grandes varas.
Nem tanto o Bóreas move as vagas no alto mar

[7] Povo do Himalaia.

Nem aos irmãos a onda contrária assim responde
Ou aves gritam junto aos rios, quando, então,
Os clarins troam e misturam-se os mil loucos
Como, no início do ano, as flores e as folhagens.
O campo geme sob as rodas e a fremente
Terra vacila, como quando Jove abala
Co'o sevo raio Flegra e lança ao caos Tifeu.
Vão na vanguarda, então, Absirto co'as paternas
Armas, o genro Eeo[8] e reis com homens mil.
Junto ao Esônio e a tropa Dânaa acha-se Palas
Co'a horrível égide, que a deusa e o pai não cansam
De carregar co'a face górgona e as cobras:
Os semi-mortos pêlos não tarda mostrar
Nem acorrer às primas lutas. Contra estes
O deus Mavórcio lança o mau prazer da morte
E Tisífone, a erguer a cabeça das nuvens.
Ao som da trompa, em meio à luta, paira a Fuga
Inda não clara de em quais mentes se introduza.
Quando as frementes multidões terçaram armas
Tocando os elmos, os varões se bafejaram.
Seguiu-se a morte. Armas e corpos se partiram
Com a matança; em sangue e ruína alternados.
Elmos volvem no chão e um tronco esguicha sangue.
Então, a bárbara ovação se sobrepõe:
Os ais e as vidas dos heróis mistos de pó.
Cáspio arrepanha o Éeo Moneso pelos pêlos:
Gregos e Colcos, co'arremessos os perseguem;
Ele o chacina e larga a presa, e já não cuidam

[8] Estiro.

Do herói os companheiros. Ao Dipsante e Estrimoneu,
Que co'a escondida funda chagas espalhava,
Careso mata; mas do Albano Cremedonte
A lança o tomba, e tropa e carros o atropelam.
Melas e Idásmeno se adiantam. Co'a haste, Melas
Primeiro ataca, mas para ambos falha a vara.
Então, co' espadas lutam. Melas, primo, o acerta
Co'o veloz gume abaixo do elmo, e a nuca quebra-lhe.
Na turba finda-se o valor: Oqueu e Tires
Não sabem quem lhes trouxe a sina. Ao que Íron ouve
Da flecha argiva o silvo, atinge-o a lança Pília[9].
Cástor vira os irmãos hircanos indo em par
Nos cavalos que o pai, dentre todo o rebanho,
nutrira e as vias nos azares ensinara.
O Tindárida, a pé, pela notável brancura
Se queimou de desejo; atirou logo a lança
Contra o peito inimigo e tomou-lhe o cavalo;
Vencedor do ginete, o pai sorriu das nuvens
E conheceu o cavaleiro pelas rédeas.
Mas Medoro, furioso ante a morte que viu,
Busca o Tindárida e aos deuses assim pede:
"Sus, me levai com meu irmão morto, ou primeiro
Por minha lança caia o ímpio cavaleiro
Que a um pobre pai não devolveu a arma perdida:
Que contra mim venha e à prisão entregue o dorso".
Disse, mas antes de Falero Ácteo a lança
O matou e o corcel fugiu p'ras suas alas.

[9] As armas de Náuplio e Nestor, respectivamente.

Quem teu fatal Amicla[10] e a tropa Ebália[11] nunca
Temeu, ó Ríndaco, apartado entre as montanhas
E tantos mares? Cai co'a ilharga atravessada
O lesto Tages, nobre filho do Taulante
Co'a semideusa, a quem, nos bosques, as irmãs
Da mãe cuidaram e educaram. Não lhe deram
O fino véu de branco linho, nem u'a clâmide
Bordada de ouro, nem dourado capacete
Ou o pano tinto da camisa. Em meio à luta
Pela assustada turba um novo cavaleiro
Passa e, à mancheia, atira lanças. A espalhar
Raios, nos homens mete a espada, aqui e ali,
Quando eis que os jovens aguerridos da Sarmátia
Co'urros de feras, reuniram-se. A loriga
De moles elos robustece-os, e aos cavalos.
A cabeça, porém, do corcel esticada
Traz ao campo inimigo uma sombra gigante
E, firmada ao joelho, a lança abre caminho,
Dócil no ir e vir, p'r'o cavalo e p'r'o herói
Sem ser mais alta em meio à luta. Em voltas rápidas,
No plaino Cástor, com mais prestos giros, zomba
Dos arquejantes, de morrer já indiferentes.
Porém os Colcos, sem a mesma habilidade
Também combatem e p'ra morte se arremessam.
Pela lança que finca entre o flanco e a virilha
É Capesso atingido, expirando no dardo.
Ebaso, crente que escapara do cruel Falce,

[10] Na Lacônia, pátria de Cástor.
[11] De Pólux.

Tombou de joelhos, co'olho esquerdo trespassado –
E as tenras faces se tingiram co'a ferida.
Porém, confiado na couraça dupla, o golpe
Sibotes agüentou; partiu com'o gládio a lança
Por nada; a ponta já entra e Ambeno não preocupa-se
Co'o toco, e mete em meio a Ocreu o pau quebrado.
Ao semi-morto Hípane, Taxe arrasta e deixa
Caído. Em fuga, na carreira, arranca a lança
E, enquanto a ajeita, irrompe súbito o Lacônio[12],
E atinge-o ainda desarmado. Contra o conto,
O cavalo veloz jogou Anqueu que, em vão,
Com toda força, p'r'o outro lado o repuxava.
Caem o corcel e o moribundo, caem as armas
E, perto, a lança pinga sangue: como um pássaro
Nas sombras do álamo confiado, que alguém tira
Do alto das ramas, em que muitas armadilhas
Uma escondida não pusera anteriormente;
Presa por dolo, sobre o forte visgo, a ave
Implora aos ramos e asas bate sem sucesso.
Na outra parte da guerra (o acaso os ajuntara)
Se encontra Estiro. Anause, alegre, o reconhece
E diz primeiro: "Eis para quem a virgem de Eetes
Foi prometida e, vitorioso, o amor me leva.
Posto o não queira, o pai de genro mudará"!
Correndo juntos, os contrários dardos mandam.
Ferido, o Albano foge, as rédeas a puxar;
E não espera ou vê Anause entregue à morte.
Este, porém, co'a haste encravada em si, morrendo:

[12] Pólux.

"Ao sogro e ao seio", diz, "da esposa prometida
Foges, Estiro, a levar chaga que nenhum
Encanto estanque ou que Medeia co'ervas cure".
Falou, e a Morte a luz tomou-lhe; a voz por frio
Calou-se e ressoou a cabeça no chão.
A tropa, então, aumenta o Ardor. Marte a Gesandro
Com grande dor acossa; aquele increpa os Iásigies
Que demoravam e, co'a espada em punho, os urge:
"Acaso os velhos não morreram? Todos pais
Não feneceram? Que velhice horrível, súbito,
Tomou-vos e partiu o ardor, findando as iras?
Eia, ou comigo, jovens, vinde em meio à tropa
Argiva, ou sucumbi perante os caros filhos"!
Irrompe à luta e, fero, invoca as pátrias sombras:
"Meu santo pai, Vorapto, insufla ora teu ânimo
No peito do teu filho. Acaso a tarda morte
E a covardia te molestem, não mais lentos
Te seguiremos –jovens netos bem treinados".
Falou, e o Érebo o escutou. Então, ardente,
Pela paterna fúria, a espada toma e brande.
Sacerdote do Fase, às águas consagrados
Pelas tropas do Arcto, Aquites caminhava –
Por choupos coroado, as têmporas cingidas
De verde rama – ansiando, ó Cirno, que do pai
Não lembravas, retirar da dura luta.
Olhando as tropas e as diversas multidões,
Não o vê em parte alguma. Quando entra de novo
A percorrer, vociferando, os pelotões,
U'a lança silva junto às ínfulas azuis.
Quesandro, então, a rédeas soltas, surpreende-o

Tremendo; aquele, em vão, ergueu as sacras mãos:
"Por estas cãs, te peço", diz, "se inda tens pai,
as ameaças cessa e poupa o filho meu"!
Disse, porém, o vencedor, tomando a espada,
"Meu pai", retruca, "que em velhice torpe ainda
Julgas durar, por esta destra preferiu
Ser derrubado a atravessar um lento fim.
Se houvera para ti piedade e mão filiais,
Não gastarias co'orações tempos de guerra.
Ó tu, pasto de cães, mais bela é a sorte jovem:
Convém na tropa combater e não morrer".
Disse, e aquele, morrendo, ao céu e aos deuses roga
Que o pobre filho não encontre uma tal mão.
Sabendo de tua morte, Argo chorou-te, ó Canto[13],
Ao levares da nau pesarosa as tuas armas!
Já atingiras, ó pobre, o golfo Cítio e o Fase
E não distante estava o dia em que verias,
Ganho o tosão, os fogos pátrios na Eubeia.
Quando Gesandro, em mau encontro,
o surpreendeu,]
O assusta assim: "Tu que pensaste ser tal terra
Dócil aos homens, pobre argivo, um outro clima
Vês, em que a neve é mãe e cedo a vida enfada.
Não aprendemos a mover remos ligeiros
Co'os braços, nem perscrutar os ventos bons.
Em corcéis vamos sobre o mar enregelado
Ou onde o Híster freme. Não nos interessam
Vossas muralhas: sigo no Arcto livremente

[13] Um dos Argonautas.

Tendo comigo tudo o que amo; e, se perdido
Meu carro, o vencedor pouco tempo o terá.
Nossos banquetes são quaisquer bichos ou feras.
Diz ao colono Argivo e à Ásia que não temam:
Não deixarei nunca estas rochas e as nevascas –
Campos de Marte em cuja água endurecemos
A raça e rudes filhos, onde há tantos homens
Para caçar. Se contra o nosso gelo agrada-te
Lutar e saquear, aceita, então, tal mão"!
Disse, e brandindo o dardo nutrido pelos ventos
Do Edom[14], e em meio ao peito à ênea cota entrou
O aço mortal. Acode-o Idas, alarmado,
E logo o Enide[15], com Menécio, e o que voltara
Há pouco, vencedor, da hospedagem Bebrícia.
De longe, Telamon lançou o imenso escudo
Teu corpo, Canto, protegendo. Qual um leão
Que, acuado, a cria põe às costas, assim, perto,
Chega o Eácida e pára; e co'o escudo de sete
Couros dá volta, a resguardar o derrubado.
De pronto, a tropa Cítia acorre a reclamar
P'ra si as armas e a vingança do cadáver.
Encarniçada luta pelo corpo trava-se.
Qual quando em grande turbilhão os ventos batem
Às portas de Éolo, a decidir quem pelo mar
Raivoso segue ou pelas nuvens nesse dia,
Assim, em confusão, segue a luta dos homens
Que ser não podem afastados do cadáver.

[14] Monte da Trácia.
[15] Meleagro, filho de Eneu.

Qual quando alguém dá um couro aos servos, p'ra em azeite]
Amaciar, e estes o estiram e, no arrasto,
Domam a pele táurea, e o óleo encharca a terra,
Tal era o esforço de ambas partes, que num espaço
Estreito os membros miseráveis do homem puxam.
Eles disputam, e as contrárias mãos não cedem.
Pela cintura, Telamon segura Canto;
Gesandro agarra a nuca e o frouxo atilho do elmo
Que, solto, cai; no chão ressoa e a mão resvala.
Ele, de novo, infatigável, bate o escudo
De sete couros – segue Canto e Canto exige.
Porém, os companheiros tomam-no e no carro
De Euríola[16] o põe; esta, com toda a tropa Hemônia,
Contra Gesandro só se lança. Ele, ao ver
As novas armas e as insígnias da Amazona:
"Também contra estas lutaremos? Que vergonha"!
Diz. Então fere no mamilo Lice, e Toes
Pela brecha da pelta. Atacava já Harpe –
Apenas tinha o arco primeiro, de ágil corda –
E inda Menipe, que refreava o corcel trôpego,
Quando a rainha, a golpear co'a acha de nós
De ouro arrebenta-lhe a cabeça e o elmo de fera.
Unida, então, u'a multidão de armas o ataca;
Por algum tempo ele suporta as hastes presas –
E mais horrível, sem cabeça, assusta Idas –
Mas cai como um barranco ou u' andaime de muro
Que atacado por paus, por pedras e por chamas,

[16] Rainha das Amazonas.

Desabou finalmente e a cidade mostrou.
Julgando ser chamado pela hora e o lugar,
À guerra Ariásmeno transporta curvas foices.
Logo arremete aliados carros contra os gregos
E há de atacar co'o dardo os colcos. Qual se Júpiter,
Pela raça de Pirra aborrecido, desse
Ao mar e aos rios rédeas soltas, e o Parnaso
Se ocultasse e sumisse o pinígero Ótris
E, as rochas imergindo, os Alpes decrescessem:
Assim Ariásmeno se atira qual um dilúvio,
Levando os carros indistintos na corrida.
Por prima vez, então, a deusa ergueu a Égide
E da Medusa o crânio com trezentas serpes,
Que só os corcéis puderam ver. Pavor imenso
Atinge os homens perseguidos, que entre os seus
Sem querer levam dira peste. Então, com foices,
Chega a Discórdia e despedaça os carros trépidos.
Como quando a Tisífone as legiões romanas
E os chefes move, em cujas tropas, dos dois lados,
Águas e dardos resplandecem (mesmo campo
Os pais cultivam e o infeliz Tibre proclama
Que não mandara p'ra essa luta o escol da pátria):
Assim tomou o medo por Palas os que há pouco
Juntos buscavam o inimigo; assim os carros
Pelos aurigas conduzidos, aos seus matam.
O Noto não trouxera às terras laurentinas
Tão feias tropas, nem da Líbia orla é o aspecto
Quando revolve o mar pedaços dos navios.
Vêem-se aqui as bigas, ali membros dos aurigas
Cortados por freios e rodas. Carros vêm

E vão espalhando sangue; no atro pó, as vísceras
Dos reis se prendem, ora num, ora noutro carro.
Não muda o ânimo dos Colcos: lançam dardos
E, em triste horror, aos acuados presos matam –
Não outra é a forma de matar do caçador
Umbro de cervos, quando sem o cão faminto,
Não usa a flecha, mas encontra-os presos pelas
Altas galhadas e, com cega ira, os apanha.
Após pegar de novo as armas, salta Ariásmeno –
Da curva foice o fio o corta e, pelas rodas
Ele é partido; então levado por furioso
Carro, não mais de Circe aos campos retornou.
Tais mortes, à porfia, os Mínias e os Citeus
Misturavam no campo e à Cítia dominavam.
Vendo Juno não ser do esônio o rumo ao velo
E que voltar não mais assim conseguiria,
Maquina extrema ajuda, antes que o rei tirânico
As sevas iras e os funestos planos mostre.
Com tardas queixas, triste increpa então Vulcano,
Cujos flamíferos bois bravos vê no pasto
Do rei, lançando a noite tártara do peito.
Temendo, pois, que finda a guerra, o rei aos mínias
Mande jungi-los para os dentes da Cadmeia
Serpe plantar, pensa u'a diversa solução.
Medeia apenas vem-lhe à mente – a atenção toda
À virgem que no altar da noite é a mais potente:
Seu hálito e as poções lançadas nos desvios
Assustam seu avô – o Sol – e os astros fixos;
Campos e rios muda e o seu sono de fogo

A tudo enlaça; velhos pais remoça[17] e dá-lhes
Mais anos contra a Lei. Por seus terríveis métodos
Admiram-na a grã Circe e o estrangeiro Frixo –
Posto este saiba, com veneno trácio[18], a lua
Espumar, e agitar, com canto Hemônio, as sombras.
Juno decide, assim, casar co'o chefe aqueu
A que amedronta co'a magia e a virgindade:
Outras não vê pares dos touros ou das armas
Que nascem[19], nem que em meio às chamas
permaneça;]
Nenhum mal traz na mente e vista alguma a assombra:
O que faria em cego amor e feroz chama?
Então, de Vênus busca o leito e o paço ornado
Com flores frescas. Vendo-a, a deusa logo desce,
Co'a alada tropa dos Amores, do alto leito.
Com mansos ditos Juno vai falar-lhe humilde,
Temendo demonstrar seus verdadeiros medos:
"Em tuas mãos ora estão meu poder e esperança;
Dá-me o que peço", diz, "porque digo a verdade:
Dês que da Argólia foi banido o duro Hércules,
Não penso igual a Jove – é adverso o desejo,
Sem as honras do leito ou as chamas da noite.
Dá-me, te imploro, os brandos ares da beleza
E o teu ornato poderoso em terra e céu"!
Percebe a deusa o dolo, já há muito querendo
Destruir a Cólquida e de Febo a odiada raça.
Teria, então, ao que almejava. Não deixou-lhe

[17] Alusão ao episódio das Filhas de Pélias.
[18] *Átrax*, cidade da Tessália, pátria da magia.
[19] Os dentes da Serpente de Marte.

Mais pedir, deu-lhe vivo adorno e u'a cinta prenha
De monstros que pudor, piedade ou zelou à fama
Não desperta; ao contrário, a pressa do desejo,
A prática do mal, o dulçor da ruína,
O medo e a inquietação insana dos perigos.
"Meu poder todo dei-te, e as armas de meus filhos.
Solapa agora", diz, "quaisquer mentes que queiras".
Juno ajusta, contente, o talismã de Vênus
E aos aposentos vai da virgem, imitando
A forma e a voz da irmã Calcíope. De longe,
A deusa, sem querer, brilhou, e logo o pânico
E o ingente horror a filha Eetes sacudiram.
"Então que os Mínias, pelo mar desconhecido,
Aqui chegaram", diz, "irmã, só tu não sabes,
E que ao pai nosso se aliaram? Todo o povo
Os muros toma e frui as armas divinais.
Só tu, no quarto, ociosa ficas no palácio
Do pai? Quando verás de novo reis assim"?
Ela nada responde e a deusa não permite:
Toma-lhe a mão e conduz rápida a assombrada.
A infeliz moça é guiada aos muros sem saber
Do mal futuro, a confiar na falsa irmã –
Como mais brilha entre as vernais cores o lírio
Branco de vida curta que por pouco tempo
Floresce e o Noto já o alcança co'asas negras.
Chorava-a Hécate, a perseia que habitava
Os altos bosques, e esta voz do imo trazia:
"Ah, pobre! Deixas nosso bosque e as companheiras
P'ra vagueares sem vontade[20] em gregas urbes.

[20] Obrigada pela vontade de Juno, Minerva e Vênus.

Querida, não te odeio e não te deixarei:
Farás da fuga um monumento. Repudiada
Por mentiroso não serás. Ele verá
Que sou a dona e que magoou-me o rapto infame".
Disse, mas elas galgam o alto das muralhas
E assustam-se ao fragor dos homens e das trompas
Como aves tristes, sob os frios das tormentas
Que, apavoradas, sob os galhos refugiam-se.
Já Hiberos, Guetas e a legião de Drange caem
Cobrindo as searas co'a matança. Os moribundos,
Entre suas armas e os cavalos espremidos,
Revolvem com penoso esforço a horrível pilha
E, co'estertores, os longínquos campos enchem.
Vitoriosos, porém, os Gelônios entoam
O hino da pátria, mas retorna logo o júbilo
Aos vencidos que o deus da guerra então contempla.
Quem tantas mortes, sus, quem tais façanhas fez,
Ó Musa, canta e rememora as feras fúrias.
Absirto, a coruscar co'o escudo e co'o carro
Do avô, o Sol, (cuja vibrante lança e o elmo
Ameaçador ninguém de perto pode ver
Mas todos fogem temerosos e recebem
Chagas nas costas, a exaltar co'horror a fuga)
Pisa, no embate, a tropa e espalha co'os cavalos
Os corpos, a calar os ais dos que agonizam.
Não menos presto segue-o Aron – sobre suas armas
E ombros de bronze recobertos brilha um bárbaro
Manto bordado que, a tremer ao vento, cobre
O corcel – qual com róseas asas segue Lúcifer
Que alegra Vênus ao levá-lo ao céu brilhante.

Não longe, então, Rambelo e o cruel Otaxe aos Colcos
Desbataram, mais o inglório Armes – ladrão
Useiro impune de rebanhos e de estábulos
Com fraude nova: hirsuto, pôs na fronte os chifres
E se ocultou sob o terror do deus Liceu.
Com esta face, assim, as tropas consternara.
Tão logo Aron viu-o espalhar pânico inédito
Na guerra, diz: "Pensas que caças guias pávidos
Ou gado estulto? Aqui não tens nem bois nem pastos:
Larga o disfarce do noturno Pã e não finjas
P'ra mim ser deus – também um deus trava combate".
Disse e, apoiado nos pés tesos, lança o dardo
E abri-se uma ferida entre os pêlos caídos.
Não menos faz do eólio Frixo a prole Eétia:
Furiosa, às vezes, entre a tropa cítia exulta,
E entre os parentes seus argivos outras vezes.
Vendo-os em meio à confusão da dura guerra,
Com suas façanhas satisfeito, diz Jasão:
"Sus, minha gente, descendência eólia certa
E inesperada. Dons bastantes dos trabalhos
Co'esta visão levo comigo, haja o que houver"!
Disse e arrojou-se contra Sueto e o grão Ceramno;
Girando o escudo, a este derrota ao lhe partir
Um joelho, e no outro u'a larga chega abre no peito.
Argo derruba dos corcéis, no campo imenso,
Zacoro e Falce e, a pé, trespassa o infante Amastro.
Aquele bárbara vomita o sangue e as vísceras
E, enquanto chia, vai perdendo a inútil ira.
Calais mata Barisa e Rifeu, que nas lutas
Vizinhas sempre leva o sangue mercenário:

Cem bois e cem potros seletos são seu preço –
Ele assim crê indenizar a luz e a vida;
Mas quando, enfim, do doce sopro já privado,
Não viu no céu nenhum tesouro recobrado.
Co'a cabeleira crespa sobre as negras têmporas,
Ornado co'os juncos maternos, tomba Peuco –
Sua mãe[21], do fundo do Meota, ao mesmo tempo,
Com ais o lago encheu, chamando o filho que
Já não corria pelas margens da lagoa
Nem perseguia, em meio ao duro gelo, os cervos.
Tomba os Exômatas Eurito. Nestor mata
O jovem Hélix, que jamais restituirá
Sustento ao pai, arrebatado à flor dos anos.
Látago e Zetes mata Dáraps – um co'a lança
E o outro, que viu quando fugia uma onda imensa
De sangue súbito, e luzir no peito o ferro.
Eis que Medeia, no paterno muro estando,
Enquanto vê na guerra os duelos singulares
E ao longe reconhece uns reis em meio ao pó
E à mestra Juno indaga de outros, a cabeça
Do Esônio enxerga, e logo volta-lhe os agudos
Olhos, o ânimo e o favor, imaginando
Ora p'ra onde, ora de onde sairia,
Quantos corcéis e quantos homens ele só
Derrubaria, erguido em meio a tantas lanças.
Silente esparge o olhar de novo a toda parte,
Ou do noivo ou do irmão as armas procurando.
Porém, a pobre só acha ali o cruel Jasão.

[21] A ninfa Peuce.

Como se o não soubesse, então, diz à irmã:
"Indago: quem é o que a bulir o campo, há muito,
Já vemos nós – pois tu também, com tal valor,
Creio, te espantas". Por seu turno, a feroz Juno
Responde e excita-a com enganos: "Vês, irmã,
O próprio Esônide, que vem buscar o velo
De Frixo, merecido após cruzar o mar:
Ninguém suplanta-o em nobreza ou valentia;
Percebes como ele entre os Mínias e os reis Cítios
Brilha, e fulgindo, afronta quantos inimigos?
Mas logo zarpará, deixando as nossas praias
Em busca da Tessália opulenta e das searas
Caras a Frixo. Oxalá vá e vença as fainas"!
Tão logo o diz, exorta-a a mais olhar os campos
Enquanto dá-lhe acompanhá-lo nos combates.
Ao mesmo tempo, à favorável guerra a deusa
O impeliu e insuflou-lhe ao peito novas forças.
A dura face, sob a excelsa ponta do elmo
Já há muito brilha, e resplandece na carreira
A coma argiva, infausta a vós, Perses e Virgem,
Como no outono o feroz Cão[22], ou qual cometa
Fatal que o irado Jove envia a um reino injusto.
Não se ocultou a deusa ao creteio[23], que os membros
Sentiu revigorar e que à turba lançou-se –
Qual quando o Cáucaso embranquece-se co'as chuvas
De grande gelo, e o inverno chega às terras nórdicas.
Então, como um leão ataca um rico estábulo,

[22] Estrela Sírio.
[23] Jasão, neto de Creteu.

Sacia a fome e, luxurioso, muda as vítimas,
Assim Jasão não tarda em parte ou presa alguma,
Porém, feroz, se atira a todos. Já co'a seva
Espada, já co'a infesta lança, a luta míngua.
Fere, então, Hebro que ondeava a horrível coma
E o Gético Prion; de Anco a cabeça e os braços
Arranca, e o joga, a revirar na vasta areia.
Mas já Colaxe, filho jóveo, completara
Sua sina, e o pai, com triste face, aflige o céu
A revolver, no peito, em vão, tais inquietudes:
"Ai, se eu tentasse, subtrair à dura sorte
Um filho e ousasse aos meus impérios confiá-lo,
Meu irmão, triste ainda em razão da morte de Âmico,
E os deuses, cujos filhos tombam, fremeriam.
Cada qual tenha, pois, seu dia. O negarei
A mim e a todos". Disse, e ao pobre as honras últimas
Cumula e dota o morituro de vigor.
Ele, p'r'o campo voa e espalha mortandade
Pelas fileiras, qual no inverno u'a tempestade
Do céu despenca, a arruinar montes, mata e messes
Até que a fúria que caía na montanha
Desfaz-se e extingue, pouco a pouco, nu' olho d'água:
Assim se atira ao fim da vida o jóveo filho
E então derruba os grãos Gessítoo, Hipetaon,
Arino e Olbo. Já ferido, alcança Aprés
E, sem cavalo, a pé co'a lança, a Tidro Fáseo,
A quem o Cáucaso, a guardar qual de costume,
Do pai as reses, concebeu da água do Fase –
Daí seu apelido –; e servo os pais fizeram-no
Do rio, em vão mantendo intonsa a cabeleira.

Já atroz aos outros combatia quando a deusa
Iníqua rompe o último fio, e vencedor,
Chega Jasão. Com brados tais fala Colaxes:
“Vós, desgraçados, viestes cá p’ra empanturrar
Os cães e os pássaros da Cítia”? Diz e lança
Conforme agüentam mão e idade, um pedregulho
Do chão tirado, que desvia a régia Juno
Para Monesso, não chorado ou conhecido –
E ele desaba. Porém Jove não salvou
Do golpe o filho: a mortal chaga da haste esônia
Atravessou-lhe o escudo e o peito; o cruento Esônide
Ao caído atira-se e dá morte. Então, se afasta
Já conhecido e vai aos míseros Alanos.
Mas a princesa (pois que o deus não cessa o fogo)
Procura o herói e não desvia o olhar ardente –
Já menos goza da atual visão da luta.
Refreia o medo e a inquietação que, ínscia, alimenta]
A ponderar se vera é a irmã. Firme, porém,
Não ousa crer que o rosto é falso e, novamente,
Se alegra e a toma o doce encanto da cruel chama.
Como nas ramas e no cimo da floresta
Com suaves sopros antes o Austro brinca e logo
Sentem-no imenso as miseráveis naus, assim
Medeia é conduzida às raias da paixão.
Algumas vezes toca o dom que recebera
Da branda deusa e, ardente, o ajusta ao triste seio –
Ao pôr nos membros o furioso ouro, fraqueja.
Porém, devolve a moça à deusa seu ornato
Inquieta, não pelo metal nem pelas gemas,

Mas pelo fogo e pelo deus que já lhe tomam
O peito. Um último pudor lhe inflama a face.
Diz: "Crês, ó irmã, que o pai dará o prometido
Ao grego, que o alcançou co'os mais propícios deuses?
Quanto da acerba guerra ainda restará?
A quanto risco ele se expõe por gente estranha"!
Enquanto o diz, em meio à fala, Juno a deixa
Segura dos ardis e contente com a empresa.
Mais resoluta, do alto muro desce a bárbara
Moça e não segue nem procura a irmã sumida.
O quanto a força árdua dos chefes e os exércitos
Cercam o Esônio e a ele só todos acossam,
O mesmo tanto os paus e as pedras ela sente.
Prima tremeu ante o arco infesto de Lexânor
Mas sobre o crânio de Jasão passa a alta flecha
E, ó Caico, acerta-te, deixando desgraçada
A esposa e o lar desfeito sem o primo leito.
Mírace, o régio núncio, viera do longínquo
Oriente p'ra se unir, com presentes de ouro,
Colcos aos Partos, em não vão pacto com Eetes.
Então, na Cítia, ao jovem tomam o amor súbito
À guerra e as Parcas: u' escudeiro eunuco junto
Seguia mostrando a juventude imberbe e estéril.
Ele, assentado, co'o carcás sobre tapetes,
Veloz, aos freios corre a turba em carro infesto,
E, em falsa fuga, lança flechas reviradas.
Verde co'as pedras e orientais fios[24] das matas,
A coroa da pátria o alto da nuca cinge-lhe,

[24] Seda.

Nobre co'as mangas e co'alfanje à mão direita;
Cobrem seus pés bárbaros panos estrangeiros.
Não se ocultou por muito tempo o espólio a Siene
Que, pelo leve tigre tinto em muita púrpura,
Atira a flecha. Da ferida aberta verte
Súbito sangue e escapa a vida de seu dono –
O jovem tomba o crânio sobre o arco partido.
Então, de negro sangue sujam-se a ígnea capa,
O rosto e a coma, que sua mãe, co'a flor da Arábia,
Cuidara e ornada com douradas filigranas.
Qual quando alguém nutre com água e terra fértil
Uma oliveira, e com bons ventos favorece-a,
Sem que lhe faltem zelo assíduo e esperança,
E já o primeiro broto vê na tenra copa,
Mas de repente, vinda das nuvens do Norte
Cai u'a tormenta que o derruba na atra areia –
Mírace, assim, perante à vila e à virgem cai.
Mas ela, aflita por um só, não se comove
Mais do que ao ver-te, ó Meleafro, e o furioso
Talau, ou quando admira Acasto a combater –
Embora toda a gente e os campos muito vissem-nos
Qual tempestade a derrubar os que escapavam.
Ante seus olhos vão a fuga vergonhosa,
Sangue vertido e os carros sem seus nobres donos.
Não suportou Perses dos seus a ruína e os ais,
E, ao vê-los dando as costas, enche o céu de queixas:
"Por que da pátria eu já expulso, vós ó deuses,
De mim zombastes me ordenando combater
E, com augúrios vãos, à Cítia levar guerra?
Por que os presságios, Jove, então me prometeram

Do meu irmão as justas penas? Pois o auxílio
Argivo e tantos homens tu nos preparavas.
De fato, é cruel tardar da luz para os que sofrem!
Aos fados peço um dia apenas, que aos Aqueus,
Por merecerem, logre; e eu veja esse soberbo
Jasão chorar tantos trabalhos sem seus prêmios".
Disse e bateu co'arma no peito. Ao capacete
Encheu de pranto e de soluços. Aguerrido,
P'r'o ardor da guerra iria se, antes, o não visse
Palas das tropas inimigas e, consigo:
"Eis que p'ra morte se arremessa o feroz Perses
A quem o pai já decidiu impor aos Colcos,
No trono do irmão. Sem meu ardil, receio
Que morra e o grande horror da culpa sobrevenha".
E assim dizendo, u'a nuvem negra em volta dele
Espalha e afasta as chiantes flechas de seu crânio.
Co'um turbilhão clemente, erguido sobre os seus,
Ele é levado sobre um sopro de ar ligeiro
Que o deixa, enfim, já nas fronteiras da batalha
Onde, por sorte, o cruel Hibero e os Issedônios
Da guerra privam-se, e com brados só auxiliam.
Junto, a ansiada noite traz sombras e estrelas;
De pronto amaina o ardor da guerra e a triste virgem
Desce dos muros perpassada de temor.
Ao que os Nitélios interrompem feros cultos
E logo as Tíades, p'ra tudo preparadas,
Raptam o deus, assim Medeia volta à turba
E, entre as forças da Grécia e as falanges da Pátria,
Co'insaciável paixão, de Jasão reconhece
Seu rosto e as armas sob o cavo capacete.

Canto VII

Já a tarda Vésper, virgem, do hóspede Tessálio
Também te aparta e tua alegria te abandona.
A noite cai sem lenitivo à amante só.
Pois quando no último portal, com passos trôpegos,
Triste chegou ao leito, tendo a mente em trevas,
Na longa insônia revolveu vários queixumes
Não sabendo que mal a consumia. Enfim,
Ousando, em meio à dor, as causas admitir,
Disse: "Por que erro ou que infortúnio estou desperta
A contra gosto? Assim não eram minhas noites,
Decerto, ó forte jovem, antes de teu rosto.
Por que, insensata, eu tanto e tanto dele lembro-me
Se um mar tão grande nos separa? Por que no hóspede
Apenas penso? Que de Frixo o velo tome! –
É o que só busca: única causa de trabalhos.
De fato, quando reverá ele estas terras,
Ou às Esônias vilas quando irá meu pai?
Felizes são os que atreveram dar-se ao mar
E tantas vias não temeram, vindo aqui
Seguindo um tal varão! Mas, sendo assim,
que partam!"]
Lançada ao leito, então, revirou-se na cama
Até que viu a tênue Aurora arder as portas.
A luz do dia não refez a amante insone
Menos que a chuva quando os matos secos ergue,

Ou aos cansados remos desce a brisa mansa.
Mas já o cuidado da jornada adverte os Mínias
Que, mesmo em tempo de alegria e de proveito,
Em vão, buscam o rei. Jasão antes o deixa
Queimar aos deuses sacrifícios e oferendas,
E então se achega, olhando ao longe se o tosão
Dourado – o velo prometido – no átrio brilha.
O rei, porém, ao resoluto rosto e à voz
Se adianta; rompe a espera e lança contra a face
Do herói e o atinge co'ira assim: "Vós, que nascidos
Em outras terras tendes reino e praias vossos
Que insânia e inveja do que é meu vos trouxe aqui
Por sobre o mar? Meu genro Frixo! De meu males
A prima causa és tu, que n'água não caíste
Co'a irmã p'ra que, feliz, eu não soubesse o nome
Ora dos Gregos. Quem é Pélias, Grécia ou Téssalo?
Que raça Mínia vejo, as Ciâneas onde estão?
Chegam à Cítia os estrangeiros – que vergonha!:
Com mais cinqüenta degredados, Jasão entra
Na Ásia, e a nau zomba de mim perante todos
Para levar de um rei ainda vivo o espólio?
Obrigar-me-á a oferecer e abrir meus bosques
E será digno de vencer sem qualquer luta?
Por que, ladrão, roubar não queres os bens sacros
De todos templos e levar do lar as filhas?
Devo pensar que tendes casas e parentes
Vós que só a nau, co'infames saques, e a tormenta
Alimentaram; que seu rei – se acreditarmos
Em vós – lançou ao mar e a volta vos vedou,
Quiçá para tomar o ouro do Eólio velo.

Descerá antes, com a tombada mata, o Cáucaso
E sobre o mar trará de volta a presa Hemônia;
Antes verei Hele tornar co'as fitas fúnebres.
Se inda persistes, todavia, em não partir
E te envergonha a inane volta, ou se na nau
Algo de sobre-humano oculta-se, o que buscas
Não reterei: mas antes cumpre o que te ordeno:
Há diante a vila, há muito inculto, o márcio campo
E também touros flamejantes que a mim mesmo
Relutam conhecer quando lhes pesa o arado.
Minha velhice mais e mais lhes deu agora
Ardor e raiva, e com mor fogo as ventas fremem.
Sucede-me na glória, ó hóspede fortíssimo,
E ara outra vez meus campos! Não te faltarão
Os grãos que eu dava às messes, só por mim abertas.
Basta uma noite p'ra que penses. Com teus deuses
Estas ordens pondera. E se algo há de divino
Na nau, que, então, venhas ao campo dos trabalhos.
Incerto ainda estou se quero que de pronto
De fogo e trevas tu te envolvas, ou mais dures
Até que os grãos nas searas lances, que dos dentes
Da serpente de Cadmo u'exército germine
E que floresça a plantação de armados jovens".
Pasma co'a fala do cruel rei, primeiro a filha
Quedou e olhou, pálida, o moço; estremeceu
Temendo que, ínscio, o hóspede ousasse ou,
pobre, cresse]
Capaz da empresa. O horror também turbara o jovem
Que por funesta ira prendia-se. Não tanto
Ó Tibre, espanta-se o Tirreno ou o mestre Jônio

Que, já te olhando e à clara luz do céu sereno
Presto é arrastado e não mais vê nem porto ou terra
Ausônia, mas o aproximar das sevas Sirtes.
Reflete, então, sobre a resposta que ao tirano
Infame dê. Após pensar, enfim se insurge:
"Não foi tal prêmio ou a esperança, Eetes, que deste
Aos Mínias quando por teus muros nos armamos.
O que mudou tua boa fé? Que dolos guardam
Tuas ordens? Vejo aqui outro Pélias e outros mares?
Eia, Tiranos, ódio e força em mim lançai!
Nunca a esperança ou vigor faltam-me. Costumo
Cruéis ordens suportar e não ceder. Só peço:
Se a tal colheita[1] me abater co'as suas lanças,
Ou se amanhã da boca imiga o fogo haurir-me,
Ao sevo ouvido, então, de Pélias faz saber
Que aqui morremos eu e os homens, que se houvesses
Lealdade, à pátria retornar nós poderíamos".
Co'essas palavras, deixa pasmos pai e filha;
E, arrebatado, sai do pérfido palácio.
Mas, entre os pais abandonada, a virgem trêmula
Se cala; e os olhos baixos não pode manter
Por muito tempo, sem voltar o triste rosto.
Olhou p'ras portas e, a partir, inda o encontrou.
Mais belo, então, a pobre amante o viu saindo,
Deixando atrás de si tais ombros e tal dorso.
Ela, por pouco, opta deixar o paço e o umbral,
Porém, detém o passo ardente entre os portais.

[1] Referência aos filhos da Terra, nascidos da semeadura dos dentes da Serpente de Cadmo.

Qual quando a errante Io percebe a prima areia
E o pé vacila – a quem a Erínia ir faz ao túmido
Mar e as mães fárias chamam do outro lado d'água –
Assim rodeia e chega à porta, a ver se aos Mínias
Mais brando chama o pai. Buscando a face do hóspede,
No leito só, já fraca amua-se, ou no seio
Da irmã querida busca abrigo. Quer falar
Porém se cala. Outra vez indo-se, pergunta
Como chegou à Eea praia o hóspede Frixo
E como aladas serpes Circe transportaram.
A pobre, então, desfruta a vista das amigas –
Mas não lhe agrada. De repente, vai aos pais
E à mão paterna co'os mais brandos beijos cobre;
Qual u'a cadela acostumada ao leito e à mesa
Do doce dono, doente pela peste e a raiva,
Antes da fuga olha, chorosa, para o Lar.
Enfim, com branda ira, consigo assim se increpa:
"Segues, insana. O zelo e a imagem dele afligem-te –
Ele que tem, talvez, no mar já a nave em fuga
E às pátrias vilas o meu nome não dirá?
Por que me abala assim que aquele as provas vença
Ou caia, e a Grécia com tal luto, se atormente.
Se já o supremo Fado o trouxe, antes melhor
Teria sido ser mandado a estranhos reis.
Quem dera, enfim, que não tardasse nesta vila.
Dizem que tem do nosso o divo Frixo o sangue –
E eu vi sofrer a minha irmã. E conta o mísero
Que foi, por ordens, obrigado a ir às ondas.
Porém, que volte como for, e que não saiba
De minha prece, ou que a meu pai jamais odeie".

Disse e arrojou no leito os membros fatigados
P'ra que o descanso compassivo viesse, quando
Mais sevo sono a toma e a inquieta: o hóspede súplice
De um lado implora; de outro, o pai. Por novo medo
Desperta e se ergue. Reconhece o lar e as servas,
Levada há pouco pelas vilas da Tessália.
Qual, perturbado pelas Fúrias e Pavores,
Orestes toma a espada e fere a hoste da mãe;
A Ira, co'horrível som do açoite, e as serpes
seguem-no –]
Que outra vez crê-se arder co'a morte da Lacônia[2] –
Do falso ataque dessas deusas, volta exausto
E no colo da irmã desgraçada se atira.
Sem ver a Colca vacilar co'as inquietudes
E não cair inda no extremo da paixão,
Juno não mais a voz e o vulto de Calcíope
Retoma. Quando o ardor se esfria e a mente enfrenta
O mal mais fraco que o pudor, nas altas brisas
Ela se eleva, a procurar Vênus no Olimpo.
"Lembro que tu estás comigo nesta empresa,
Mas ela dura se mantém; mudada em ira
E fúrias sofre, e ora me deixa amargurada.
Vá, peço, e vence o que me frustra esses amores,
P'ra que ela, enfim, ouse deixar do pai a casa
E defender de todo azar o meu Esônide.
E mais: que em mágico veneno ela arrimada
Engane a serpe que vigia a noite inteira –
Que tem por sua a árvore toda (espia ao longe)

[2] Clitemnestra.

E que com largas voltas cobre o velo de ouro –
E em sonos lance o grande freixo. Ora contigo
É isso; o resto deixo às Fúrias e a ela mesma”.
Então responde a mãe de Amores que têm asas:
“Não te deixei quando buscaste a prima ideia
Mudar da moça e, co’aflição desconhecida,
A alma tocar-lhe. Pois de pronto, a ti somente,
Dei minha cinta que, ajustada, a fez ceder.
Mas não bastou, o encargo é meu: de mim precisam
O Pudor dúbio e os vacilantes corações.
Fá-la-ei buscar se unir co’o Esônio sem tardar.
Faz que ela vá depressa ao templo da lucífera
Diana, p’ra onde usa levar as sacras tochas
E, em culto à deusa, co’as iguais colcas dançar.
Não temas Hécate, ou que acaso ela embarace
A minha empresa – e mais desejo que ela o tente:
O Amor virá presto e, co’o canto das três línguas,
Hei de obrigá-la a refrear os bois flamíferos
E o abraço suportar”. A Íris Juno vê
E à lesta manda obedecer à ordem de Vênus
Pr’a que conduza o moço Esônio ao dito bosque.
Íris buscou os Mínias presta; e a Citereia,
À colca. Atenta, Juno ao Cáucaso voltou –
O olhar atônito mantendo no Eeo muro
Co’ esperança e temor; sem saber do porvir.
Vênus, oculta, divisara a vila e, logo,
Um langor novo fez tombar da virgem o ânimo –
Com calorosas queixas dobram-se os furores.
A revolver sobre o estrangeiros impressões várias,
De novo se entristece e, em vão, diz ao ausente:

“Ah, se pudessem co’os venenos da Tessália
Mãe ou esposa – acaso as tenhas – te ajudarem!
Que pode u’a virgem mais que chorar teus trabalhos?
Ai, que obrigada a ver teu fim inda eu não sei
Ou pelas sendas da infeliz irmã seguir!
Ele ora pensa que a ninguém move sua sorte
Ou dele lembra; e a mim odeia, como a todos.
Se alguma vez, porém qualquer poder eu tive,
A última cinza que restar no horrível campo
E ossos que o fogo cruel do touro preservar
Sepultarei. Ser-me-á, então, justo a sua alma
Amar, e ao túmulo levar estes cuidados”.
Disse; e eis que Vênus se assentou logo no leito
Como a Titânia deusa Circe transformada,
Co’a falsa veste rebordada e a vara mágica.
Qual se enganada por um lento sonho, a colca
Tem, dúbia, os olhos e imagina, aos poucos, ser
Aquela a tia. Alegre, então, entre os lamentos,
Saltou e deu, antes, na seva deusa um beijo
E disse: “Enfim aos teus retornas, dura Circe[3]!
O que te fez fugir na biga de serpentes?
Ou que tardar mais te agradou que as pátrias terras?
Antes a nau Tessália em vão chegou ao Fase
E Jasão veio, infeliz, sobre tanto mar,
Que o amor à pátria te moveu”. Vênus, então,
Atalha-a e diz: “Dos meus caminhos tu és a causa:
Já há muito ociosa, venho por tua juventude.
As queixas cessa e não me acuses de seguir

[3] Filha do Sol e irmã de Eetes.

U'a melhor sorte. Já que os dons divinos contam-se,
Crê, antes, que este mundo e os deuses são comuns
A todos que têm vida. Então, chama de Pátria
Por onde o dia passa. Ó filha, que o maligno
Constante inverno não nos prenda sob o frio:
Deixar os duros colcos eu e tu podemos.
Do Ausônio pico a régia esposa agora eu sou
E não me assusta o campo ali dos bois flamíferos;
Vês-me senhora do mar Tusco. Quais Sarômatas
Serão, porém, teus pretendentes? De que Hibero
Ou Gelono serás esposa – e, ai, não única"?
Ela, de pronto, refutou o que disse a deusa:
"Da grã Perseida[4] não me encontras esquecida
Para, infeliz, ser obrigada àqueles leitos.
Peço que vás e este temor por mim afastes.
Desta aflição, porém, me tira, já que o podes,
Pois tenho medo e ardor, ó mãe, e há tempos sofro
Na mente incerta um fero incêndio. Tenho n'alma
Nenhum repouso e sono algum; a língua seca-me.
De meu mal dá-me a paz e a razão me devolve.
Dá-me de novo o dia e a noite, dá-me a veste
Que traz o sono e os olhos fecha-me co'a vara.
Nada, porém me aclaras, mãe. Antes, só, fui
Mais forte. Vejo um triste leito, tudo hostil,
E se eriçarem teus cabelos de serpentes".
Medeia assim dizia e, recostada ao seio
Da cruel Vênus chorava, a revelar a dor
Latente na medula e o fogo no imo peito.

---

[4] Hécate.

Vênus abraça-a e dá-lhe beijos, que a enfurecem.
Inspira um amor de ódios eivados. Enquanto envolve
Com várias falas a tristonha e com conversas
Outras cativa-a, diz: “Me escuta e ergue tuas faces”.
E assim, em lágrimas, começa: “Quando há pouco
Ligeira eu vinha em divos ventos ter contigo,
Vi, por acaso, junto à barra, u’a nau brilhante –
Que a minha ilha[5], que detém todos os nautas,
Não deixaria partir nunca de seu porto.
Um que mais belo do que todos pareceu-me
Então eu vi – eu contemplava o capitão.
Ele se achega crendo eu ser tua companheira
E diz: ‘Se tens pena de quem morrerá logo,
De quem verás lutar com monstros sem motivo,
Peço que o contes aos ouvidos virginais;
Mostra meus prantos! Estas falas lhe dirijo
Que, como posso, envio; e as mãos, da praia, estendo.
As deusas que comigo eu trouxe em mil perigos
Me abandonaram. Salvação só e esperança,
As que ela der-me, se mas der. Que as minha preces
Ela não negue; diz-lhe, peço, que socorra
Varões que nunca mais verá, e os nomes guarda-lhes.
Ai, que não posso aqui pagar nenhum favor!
Porém, que saiba que este corpo salvo à morte
E esta alma seus serão. Assim se apiedará?
Ou senão, diz...’ Já se atirava à espada nua
E eu prometi – não falhes, peço. Comovida
Co’a fala e a sorte do varão, deixei que ouvisses

5 Ilha de Eia.

Seu rogo. És tu de glória nova e nobre súplice 290
Mais digna: já de meus venenos tenho a fama.
Se em duras provas Hipodâmia[6] ajudou Pélops – 276
Ela, que ao ver expostas todas as cabeças
Dos pretendentes seus, temeu o carro do pai –,
Se deu o irmão à morte a filha do rei Minos,
Por que não podes socorrer os nobres hóspedes 280
Ou ordenar aos campos Eeos que se amansem?
Que em morte eterna os fumegantes touros caiam
E a colheita de Cadmo, ao verem o estrangeiro".
Medeia, há muito, já volvera o olhar soturno, 292
Contendo a mão e o ardor, a ponto de atacar
A deusa: abrasa-se o Pudor com tanta ira.
No leito, a pobre tampa os trépidos ouvidos, 296
Fugindo à fala; o horror tomara a tenra idade. 295
Presa não vê como fugir ou p'ra onde ir. 297
Que a terra se abra ela deseja, e que a sepulte
Para escapar às diras falas. Porém, Vênus
Manda a seguir, e nos portais por ela espera. 300
Qual no átrio de Equião, Baco, feroz, co'as ínfulas
Conspurcadas de vinho, abandona Penteu[7]
Quando este o deus recebe e, mísero, suporta
Da mãe a casta veste, o tímpano e a lança,
Assim, sozinha, a virgem teme; olha ao redor 305
P'ra tudo e nega-se a sair dos aposentos.
Mas o Amor sevo e mais Jasão mandado à morte

---

[6] Enômao prometeu dar a mão de sua filha Hipodamia a quem conseguisse vencê-la em seu carro. Pélops, que conquistou os cavalos alados, venceu-a na prova.

[7] Filho de Équion e de Agave. Descrito nas *Bacantes*, de Eurípides.

Urgem, e as falas que escutou crescem no peito.
Ah, o que fazer? Vê-se traindo, dura, o pai
Com o estrangeiro; já prevê dos crimes seus
A fama. Ao Tártaro e aos deuses importuna
Com queixas. Bate o chão co'as mãos. Invoca a deusa
Da curva noite e Dite, p'ra que, enfim, consintam
Em salvá-lo da morte – e, junto dele, aquela
Que por ele enlouquece. Impreca agora contra
O ausente Pélias, que o danara co'ira tanta.
Decide, logo, prometer sua arte ao mísero,
Mas nega e julga ser melhor morrer com ele.
Que por amor tão vil jamais seria presa
Ou que ao estranho não daria força e ajuda
Proclama, e atira-se no leito, quando crê
Ser rechamada, e as portas soarem nos seus gonzos.
Logo que sente ser vencida por um deus
Que não sei qual, e ausente o que antes o Pudor
Mandava, ao fundo vai do tálamo, indagando-se
Que ajuda ao rei da nau Hemônia saberia.
Quando a sinistra porta abriu-se, revelou-se
O quarto que cheirava a mágicos venenos –
Tudo o que ao mar tirou, e ao fundo dos sepulcros,
E o que apanhou sob a sanguínea luz da lua:
"Tu seguirás ou sofrerás", diz, "a vergonha
Quando tens presta fuga ao mal e a tantas mortes".
E, assim dizendo, co'o olhar em vão procura
Aquela que era a mais veloz entre as peçonhas;
Hesita e as iras acumula, p'ra morrer.
Ó muito alegre luz do dia, és mais querida
Na hora da morte! Quedou pasma com sua fúria:

"Ah, morrerás! Podes durar assim tão jovem?"
Diz, "Não verás as alegrias de viver
A juventude, nem crescer o doce irmão[8].
Mas, cruel, não sabes que Jasão, com qualquer morte
Que seja a tua, morrerá? Ele que a ti
Só chama e invoca, a quem primeiro vi na praia?
Por que quiseste, então, selar um falso trato
E não mandaste, ó pai, de pronto o moço aos
monstros?]
Confesso: eu mesma então o queria. Ó cara Circe
Titânia, creio em tuas palavras, e te sigo;
Os teus conselhos de mais velha me perturbam;
Porém, mais nova, cedo a eles". Quando o disse
Volveu de novo ao jovem grego o zelo e o medo
Desejando viver ou morrer só por ele,
Queira ele ou não. Com grandes cantos, pede a Hécate
P'ra grandes forças enviar, pois não estava
De si segura, ou dos venenos que sabia.
Os seios cinge co'o que julga ser mais forte:
A flor e as ervas que no sangue da ferida
De Prometeu nascem, e o Cáucaso alimenta –
Que o cruor sagrado fortalece e nutre em meio
À neve e aos tristes gelos quando o abutre afasta-se,
Tirada a víscera, e co'o bico asperge as rochas;
Verde e imortal, tanto não murcha mesmo ao fim
De u'a longa vida, quanto está à salvo do raio
E, em meio às chamas, flores crescem-lhe. Foi Hécate
Quem primeiro levou u'a dura foice às fontes

[8] Absirto.

Do Estige, e às rochas arrancou as fortes ramas,
Depois mostrou a planta à serva que, à luz décima
Da Fêbea, os brotos colhe: cada resto atiça
Do deus[9] a sanha. Ele em vão geme olhando os colcos;
A dor, então, os membros todos lhe contrai
No monte, e a foice faz tremer todas correntes.
Com tais venenos se arma a pobre contra a pátria
E entra, a temer, no breu da noite. Vênus dá-lhe
A mão e a voz, e com conversas brandas leva
Consigo a apavorada através da cidade.
Qual quando primo u'a temerosa mãe empurra
No ar os filhotes, do elevado ninho, e exorta-os
A prosseguirem e nas asas sustentarem-se,
E o primo medo do cerúleo Olimpo fere aqueles
Que já rogam voltar à costumeira árvore,
Assim Medeia se quebranta entre as muralhas
Da escura vila e teme as casas silenciosas.
Parou, então, em vão, no umbral da última porta
E de novo chorou, co'o ânimo desfeito.
Olhou p'ra deusa e hesitou assim dizendo:
"Jasão, de fato, por mim chama e mesmo implora?
Falta de amor, culpa ou desonra não se ocultam?
Torpe não é servir a um homem que suplica"?
Nada responde a deusa e corta a inane fala.
Mas começara a colca a andar, pelo silêncio
Denso, co'um som mágico os deuses da montanha
Cobrem os rostos; rios voltam a suas fontes.
Já o Pavor cai nas greis e estábulos; sepulcros

[9] Prometeu.

Atroam. Mais lenta se pasma a umbrosa noite!
De longe, a segue, a tremer, Vênus. Ao chegarem
À sombra, sob as altas árvores de Hécate,
Não esperado ainda, Jasão, então, de súbito,
Brilhou e o viu primeiro a virgem consternada.
Logo a Taumântia[10] ergueu-se em fuga, em asas céleres,
E Vênus solta a mão que tem. Qual quando, adiante,
Na tarda noite o Pavor lança-se aos pastores,
Contra os rebanhos; como as cegas sombras mudas
No caos profundo avançam; tal, em meio às trevas
Do bosque à noite, ambos atônitos se encontram
E seguem juntos, como abetos silenciosos
Ou como rígidos ciprestes, cujas ramas
Pelo Austro rápido ainda não foram turbadas.
Enquanto os dois mudos e imóveis se mantinham
E a noite o curso prosseguia, já Medeia
Quer que Jasão eleve o rosto e primo fale.
Tão logo o herói a vê chorando, apavorada,
Co'a face em brasa e o Pudor mísero, falou
Estas palavras, consolando a enamorada:
"Trazes um raio de esperança? Vens por pena
De meus trabalhos ou te alegra a minha morte?
Peço: não portes, virgem, qual teu pai infame!
Num rosto assim não fica bem tanta inclemência.
Convêm tais prêmios e tais dons por meus labores?
Sob os teus olhos deverei ser rechaçado?
Empresta, moça, tua audição às justas queixas.
Por que teu pai quer que eu enfrente tantos monstros

[10] Íris, filha de Taumante e Electra.

(Por que o mereço?) ou que tais penas eu expie?
Será porque Canto[11] ora jaz sob a estrangeira
Lança e morreram pelos vossos muros Ífis
E tantos cítios? Antes ir-me houvesse o pérfido
Mandado e abandonar seu reino sem demora.
Vês com que trato ou por quais riscos me dará
A recompensa prometida? É decidido:
Morrer prefiro a não cumprir, quaisquer que sejam,
As ordens de teu pai. Nunca irei sem o velo –
Não serás tu a prima a ver-me desonrado"!
Assim falou. Ela, a tremer, observa a boca
Do súplice fechar-se a pedir sua resposta.
Pasma não vê como, em que ordem e até onde
Começar, desejando a voz soltar primeira.
Porém Pudor não dá à tímida a palavra.
Hesita mas, erguendo os olhos, logo diz:
"Por que, Tessálio, indago, vieste às nossas terras?
Por que esperança tens em mim? Por que, fiado
Em tua virtude, não buscaste os tantos feitos?
Se eu temesse sair da casa de meu pai,
Morrias, e amanhã esta alma esperaria
Um funeral. Onde ora estão Juno e a Tritônia?
Sozinha estou contigo em meio a azares tantos,
De terra estranha uma princesa? Pasma, creio
Que nem mesmo a floresta agora me conhece.
Mas por teu fado sou vencida. Aceita a ajuda –
Que nem é minha. Se de novo quiser Pélias
Perder-te ou te enviar a vila ou riscos outros,

[11] O argonauta Canto foi morto por Gesandro.

Em tua beleza não confies". Já tirava
Do seio as ervas do Titânio e a força de Hécate,
Quando a Jasão de novo fala, nesses termos:
"Se inda esperança alguma pões nesses teus deuses
Ou o teu valor pode afastar-te da iminente
Morte, também te peço agora, hóspede: deixa-me
E me devolve ilesa ao meu mísero pai".
Disse e de pronto, pois que os astros declinavam
E o Boiadeiro já guinara o extremo zênite,
Com ais e muito choro entrega ao moço o encanto
Como se junto desse a Pátria, a fama e a honra.
Ele na mão recebe e apanha toda a força.
Sabendo o que fizera, então, irreparável,
Pudor sumiu da face e Erínias possuíram-na.
Lança um feitiço em todos membros de Jasão.
Por todo escudo, a murmurar, dá sete voltas,
já mais pesada faz a lança do varão
E dos ausentes touros torna o fogo fraco.
"Recebe agora as cristas", diz, "e ajusta o elmo
Que na funesta mão Discórdia há pouco tinha.
Lança-o em meio às messes ao arar a terra
E logo toda a tropa[12], em fúria, contra si
Pelejará. Meu pai, fremente, irá pasmar-se
E, certo, me olhará". Assim dizendo, mais
E mais guiava a mente sobre o mar profundo;
Já os Mínias via abrindo as velas sem levá-la...
Tocada, pois, por dor extrema, toma a destra
Do Esônio e diz humildemente: "De mim lembra,

[12] Os filhos da Terra.

Imploro; eu mesma lembrarei sempre de ti.
Quando partires, diz-me, peço, p'ra que lado
Do céu profundo eu olharei? Mas também tu
Onde estiveres, pensa em mim, a qualquer tempo.
Mas como estás lembra e confessa a minha ajuda
E não te vexe seres salvo por u'a virgem.
Por que teus olhos, ai de mim, nada pranteiam?
Finges não ver que pela justa ira de um pai
Eu vou morrer? Um feliz reino com tua gente,
Esposa e filhos por ti esperam. Descoberta,
Eu partirei – alegre deixo a luz por ti".
Diz o estrangeiro presto (pois com cantos mudos,
Ela o movera e deflagrara u'amor igual):
"Sem ti, crês tu, que o Esônio queira alguma coisa
Ou busque algum lugar? Devolva-me ao tirano,
Melhor será. Recolhe e leva o ingrato encanto.
Que amor à vida é o meu? Por que inda quero
u'a pátria]
Que não te abrace Éson primeiro e, alegre, a Grécia
Espere ver-te, co'o tosão, brilhando ao longe,
A se atirar às primas ondas? Considera
Meus ditos, rogo, e aceita ser a minha esposa.
Juro por ti, que és mais potente do que os deuses
Do céu e inferno; por teu nuto, que astros volta;
E pelas horas que estaremos separados:
Se eu me esquecer de tua ajuda ou desta noite,
Quando deixaste o cetro, a casa e até os parentes,
Ou perceberes que eu já não observo os votos,
Que eu não consiga aos feros touros e aos terrígenos
Então fugir; que em minha casa as tuas artes

E chamas turbem-me; que, ingrato, ninguém possa
Me socorrer; e se algo existe de mais sevo,
Que mo acrescentes e me lances ao terror"!
Ouviu-o também Furor, que aplica as justas penas
Pelo perjúrio, e vinga as queixas dos amantes.
Tendo assim dito, imóveis ambos permanecem.
Erguem a face em leda audácia juvenil
Mas logo o doce olhar dos rostos eles tiram.
Já o Pudor triste os olhos baixa; a mudez volta
E a virgem, outra vez atemoriza o Esônide:
"Ouve os perigos que virão depois dos touros
E que guardião te espera junto ao velo Eólio.
Confesso: inda não findei o meu anúncio.
Obra mais seva resta na árvore de Marte.
Crê que... – tomara tenhas toda confiança
Em mim e em Hécate noturna, e nossas forças".
Disse; e p'ra lhe mostrar que monstros o aguardavam,
Provoca a serpe recostada em grandes voltas,
Que à sombra atira-se, de súbito, do Esônide.
Como antes nunca, ela se ergueu vibrando a língua,
Depois, com medo por seu velo, se enroscou
E toda a árvore tremeu sob as rodilhas;
Ela o procura e, a morder ventos, se enfurece.
"Que ruído é este? Dize-o, virgem, que desgraça"?
Co'a espada em punho, o Esônio exclama, enregelado;
Ela, a sorrir, afasta a serpe e assim lhe diz:
"Esta é a prova final que a ira de meu pai
P'ra ti prepara, ó pobre amado entre perigos!
Tomara eu veja-te subir no freixo horrível
De escuras ramas, sem esforços, a calcar

Do vigilante monstro as voltas. Não me importa
Depois morrer". Assim dizendo, ela fugiu
E regressou à vila sob as sombras últimas.
Já despertara ao rei, na Aurora, a vã esperança
De que afastara u'a noite só, co'ondas, o Esônide;
De que do ponto aberto livre estava a face;
De que o silêncio ao mar voltara. Quando, ao longe,
Quis comprová-lo, ao seu encontro vem o Arcádio
Équion, dizendo estar Jasão no márcio campo
De Circe, pronto a dar combate aos bois brozípedes.
"Chamado, eu vou", disse e partiu do paço o rei.
"Arai primeiro os campos meus com fogo, ó touros,
Lançai e volvei todas as chamas. Que das messes
Brote u'a colheita inesquecível para o Hemônio.
A tua terrível serpe, ó filha, manda aos gregos;
Que, ante à visão do velocino eles pereçam
E que mantenham, para mim, sangrando as costas[13]".
Disse e mandou abrir o campo aos touros soltos.
Uns, os medonhos grãos, os dentes de Equião, levam;
Outros carregam da charrua o grave peso.
Mas a Pagásea juventude, por seu turno,
Segue e se ajunta ao chefe; então, diz cada um
Grandes palavras; e do campo se retiram.
Jasão parara; estava só, longe de todos
Qual passarinho que do fim do bando perde-se
Quando, ao cansar do dia, a areia do Austro ardente,
A neve que retorna aos picos do Rifeu
Ou o fero horror do escuro Bóreas o afastaram.

---

[13] Como o velocino tinha poderes curativos, Eetes deseja que Jasão morra antes de conquistar a cura.

Como, de súbito, do pasmo Fase as águas,
Do Cáucaso a floresta e toda a terra Eea
Brilharam; e os redis lançaram chamas negras;
Qual quando às vezes de uma nuvem coruscante
A ira de Jove aos homens lança gêmeos raios,
Ou juntos dois ventos rebentam as correntes
Fugindo, assim, do cerco os dois touros evadem
E, irados, sopram chamas como um turbilhão,
Lançando um incêndio em negras ondas. Assustaram-se
Os Argonautas; o aguerrido Idas que, há pouco,
Se lamentava de ser salvo pelas mágicas
De uma mulher, olhou p'ra colca constrangido.
Sem mais tardar, Jasão lançou-se, após os ver
Ir separados. Brande o escudo ameaçador
E, de frente, co'a mão, afasta o fogo errante.
Quando um parou e o olhar terrível circulou –
O que primeiro viu as armas de Jasão –,
Pouco hesitou e, presto, irou-se. O mar em fúria
Assim não joga-se aos rochedos, nem retorna
Após quebrar-se. Lança dois sopros de fogo
E oculta o herói. Mas não permite-lhe Medeia
O incêndio respirar. Do fogo esfria o escudo
E as chamas arrefece, à vista do veneno.
Jasão arroja a mão e prende o ardente chifre
E, então, o segura a toda força, o sujeitando.
O touro, a se esquivar do herói e de ti, Medeia,
Sacode e empurra, co'ira toda, o que o segura.
Parado, enfim, põe-se a mugir esmorecendo
E, derrotado, abaixa os chifres fatigados.
Jasão p'r'os nautas olha e pede u'a grande corda;

As fuças prende; puxa e cede, e finca o joelho;
O vence e obriga ao brônzeo arado a nuca trêmula.
A colca, túrbida, desarma então o outro
E lento e tímido o oferece; em noite escura
O envolve enquanto ele se achega. Exausto, o touro
A nuca e os ombros tomba, à força de ira e peso.
Jasão o ataca e, todo, atira-se-lhe em cima,
Prendendo o bicho já cansado de bufar.
Tendo os jungido e submetido ao forte arado,
Co'o joelho excita-os, e co'a seva vara os move –
Qual quando Lápita[14], co'as rédeas, agarrou
O rincho e o lombo do cavalo que primeiro
Surgiu da terra e apareceu no cimo do Ossa.
Como se arasse os campos líbios ou as terras
Do fértil Nilo, assim Jasão, contente, joga
Os grãos nas messes, e de guerra onera as leivas.
Márcio clangor aí três vezes troou no arado
E, em todos sulcos, as cornetas ressoaram.
A belicosa gleba treme e, junta, nasce
E se arma a tropa, que por todo o campo brota.
O herói parou um pouco e regressou aos seus
Aguardando onde a terra os guerreiros daria.
Mas quando vê já às leiras cristas retornarem
E a terra inquieta co'os infestos capacetes,
Se arroja e as terras sob as nucas, junto ao chão,
Inda sem ombros, não verão o dia – a espada
Aplaina os troncos; as couraças rutilantes

[14] Filho de Apolo. Domou o primeiro cavalo criado por Netuno.

E as mãos saídas da mãe prende, antes que o enfrentem.]
Mas, ante os mil e mil soldados, não se basta.
Como o Tiríntio, quando exausto, junto às hostes
Da Hidra feroz, para o Paládio fogo olhou[15],
Logo, de novo, a se valer das artes cólquidas,
Do capacete solta o atilho, mas vacila,
Pois quer sozinho todo exército enfrentar.
Esperanças não tem. Por toda parte os filhos
Da terra adensam, co'os chamados e as trombetas.
Todos o vêem e as armas contra ele arremessam.
Então, furioso por tão grande diferença,
Lançou no meio deles o Elmo que Medeia
Dera-lhe, co'o veneno tártaro. Todas as lanças
Presto voltaram-se. Como a ira anual da Mãe[16]
Lacera os frígios; e aos eunucos cabeludos,
Belona, assim Medeia as tropas inflamadas
Súbito embola e leva irmãos a se enfrentarem.
Com ira igual, todos ali julgam matá-lo.
Eetes se espanta e quer chamar de volta os homens
Enfurecidos, mas jazia a tropa toda
Sem primeiro a cair ou último a ficar.
E a Terra, rápida, seus corpos consumiu.
Jasão no rio entrou co'as armas fumegantes,
Qual, co'os corcéis, vindo do pó Guético, Marte
Quando, co'o suor esquenta o Hebro, ou quando o negro]
Ciclope foge da caverna e das feridas

[15] Um dos trabalhos de Hércules: acabar com o hidra de Lerna.
[16] Ira pela perda de Atias, seu filho.

Do raio rútilo, e respira na Sicília.
Regressa e abraça os companheiros, que o ovacionam,
Sem julgar digno exigir ter do rei mendaz
O prometido: mesmo que esse o velo aos ombros
Pusesse-lhe, não mais queria o pacto e a paz.
Ferozes ambos, começaram a se afastar.

Canto VIII

Mas já no leito apavorada por seus atos,
Cercam Medeia a ira do pai e as ameaças.
Não teme mais a pobre as águas tenebrosas
Nem as longínquas terras: quer, por quaisquer ondas,
Fugir, ou em qualquer navio já embarcar.
Último beijo deu nas fitas virginais;
Ergueu do leito, a que abraçava, a coma e a face;
De um sono antigo recolheu antes os restos
E, nas marcas do leito, assim gemeu a mísera:
"Ai, pai, se desses ora mil abraços últimos
Em mim, que fujo, e visses, Eetes, os meus prantos...
Não creias, pai, ser mais querido a quem eu sigo.
Tomara juntos pereçamos sob as ondas!
Rogo que empunhes manso o cetro em longa idade,
que os outros filhos para ti sejam melhores".
Disse e tirou do letal cesto uma poção
– Que o esposo hemônio desprezar não deveria – ;
Nos virginais seios, a guarda co'o colar
E, sobretudo, inda ajuntou u'a cruel espada[1].
Como se erguida pelo látego das Fúrias,
Então partiu – qual, com o atônito pé, Ino
Lançou-se ao mar, não se lembrando, consternada,

[1] O colar e a espada são os instrumentos da morte de Creúsa e dos filhos de Medeia, no ciclo trágico.

Do filho; e o esposo fere, em vão, o extremo do Istmo[2].
Já inquietações tinham levado à mata o herói
Que se ocultava sob a noite da floresta –
Brilhava a face da sidérea juventude!
Qual Látmio[3], o caçador (quando inda os companheiros]
No bosque estavam), na estival sombra reside
Digno do amor da deusa – e a Lua, com seus cornos
Velados vem –, assim Jasão, em nuvem rósea,
De glórias enche a mata e espera pela amante.
No entanto, a pávida donzela, qual u'a pomba,
Que, perseguida pela sombra de uma águia,
Cai, a tremer, em qualquer homem, ela assim,
Apavorada, a ele lançou-se. Ele, porém,
A recebeu e assim falou, com brandos ditos:
"Ó grande orgulho que hás de ser aos meus Penates,
Única causa não indigna de meus cursos,
Já não me importa o velocino; à minha nau
Só basta haver te conduzido. Eia, portanto,
Aos teus favores meritórios este aduz,
Visto que o podes. Já que somos obrigados
A levar o tosão, que a glória aos nautas caiba"!
Disse e deu, súplice, nas mãos o primo beijo.
Soluçando outra vez, a virgem respondeu:

[2] Atamante perseguiu Ino, sua segunda esposa, quando descobriu que esta o havia enganado, fazendo-o sacrificar os filhos de sua primeira mulher: Frixo e Hele. Após matar Learco, perseguiu Ino até a praia e, ao tentar alcançá-la com a espada, golpeou a terra.

[3] Endimião, pastor expulso do monte Olimpo por ter ousado enamorar-se de Juno. Foi condenado a dormir eternamente no monte Latmo.

"Abandono por ti a casa e o bem dos meus.
Já não mais chamo-me princesa; sem o cetro
Sigo meus votos. Cuida desta fugitiva
Com quem, bem sabes, pactuaste. Os deuses ouvem-nos]
E os astros vêem-nos. Sofrerei contigo o mar
E todas rotas, p'ra que nunca alguém me obrigue
A aqui voltar ou a enfrentar o olhar do pai.
A ti e aos deuses, ó estrangeiro, isto é o que eu peço".
Disse e, furiosa, tomou rápida um desvio.
Seu companheiro hesita e apieda-se; mas, súbito,
Em meio às nuvens vê u'a chama gigantesca
E a escuridão tremer com luz assustadora:
"Que rubor há no céu? Por que a estrela tão lúgubre
Reluz"? Indaga. E a virgem diz ao temeroso:
"Os olhos da serpente, o torvo olhar, contemplas.
Co'as suas cristas ela vibra estes relâmpagos.
Porém, só teme ao ver-me e chama-me de longe,
Qual sempre, e pede-me, com branda língua, víveres.
Sus! Diz se queres espoliar a vigilante
Que o imigo vê, ou que eu afunde em sono os olhos,
Ou que eu, melhor, te entregue a serpe dominada".
Ele se cala e horroriza-se co'a virgem.
Já a Colca erguera as mãos aos astros, a espalhar,
Num ritmo bárbaro, os encantos; e invocava-te
Ó Sono: "À Cólquida te chamo, ó Onipotente,
Vindo de todo mundo, e ordeno-te ir à serpe.

Confiada amiúde no teu chifre[4], domei nuvens,

[4] Os romanos costumavam representar o Sonho como um

Raios e tudo que no céu brilha. Porém,
Ora maior acode, qual teu irmão – a Morte.
Tu também, fiel guardião do velo fríxeo, é tempo
De os olhos afastar, enfim, destes cuidados.
Temes qual dolo estando eu cá? Da mata irei
Cuidar. No entanto, deixa tu o longo trabalho"!
Posto que exausta, ela não desce do ouro Eólio,
Embora o queira, nem à boca dá descanso;
Mas, atingida pela nuvem de sopor,
Tremeu, e da árvore expulsou os doces sonos.
Porém a Colca espumar faz venenos tártaros
E, co'o ramo Leteu[5], os silêncios esparge.
Com canto oposto, cerra os olhos – que resistem.
Co'a mão e a língua, excita toda a força Estígia,
Até que Sono se assenhora da ira ardente.
Já tomba a crista e, já vencida, a testa oscila,
E cai a nuca enorme ao lado do tosão –
Qual o Pó reflui, ou o Nilo em sete braços lança-se,
Ou como o Alfeu[6] corre nas terras do hespérios.
Medeia, ao ver no chão da cara serpe o crânio,
Levando em volta dele os braços estendidos,
Chorou, cruel, não só por si, mas por seu bicho:
"Eu não te via assim na tarda noite quando
Trazia-te comida e oferendas, nem quando
Dava-te mel e, com venenos, fiel, nutria-te.
Qual massa grávida ora jazes! Que arfar lento

---

menino que tem na mão um chifre, de onde derrama a água do esquecimento.

[5] O ramo molhado com a água do rio Letes produz o sonho e o esquecimento.

[6] Rio que deságua no Jônio.

Deixa-te inerte! Ao menos, pobre, não te mato.
Que sevo dia hás de passar! Já não verás
Nenhum tosão ou dom fulgente à tua sombra.
Portanto, parte e noutros bosques passa o tempo,
Peço, e me esquece. Que no mar não me persiga
Teu silvo infesto. Mas também, Esônio, tu
Te apressa e foge co'o tosão que conquistaste.
Os touros de meu pai, culpada os sufoquei
E inda matei da terra os filhos. Tens da serpe
Caído o corpo. Todo mal já fiz, eu creio"!
Buscando, então, caminho em que o árduo
herói subisse]
Ao topo da árvore dourada: "Sobre a serpe",
Diz, "Trepa e o pé calca no dorso"! Sem demora,
O neto de Creteu, confiado nas palavras,
Firma na casca e encarapita no alto freixo
Cujas ramas se abrigava o velo rútilo
Qual nuvens rubras, ou qual Íris quando vai,
Co'as vestes soltas, encontrar o ardente Febo.
O Esônio pega o ansiado prêmio – última empresa!
Logo que a árvore entregou o monumento
Da Fríxea fuga, que envergara pelos anos,
As tristes trevas, co'um gemido, a circundaram.
Ambos fugindo, a mata deixam e dirigem-se
À foz do rio. O campo brilha. O herói coberto
Co'o fulgente tosão, ora o deita nos braços,
Ora aos ombros o leva, ou co'a canhota ao agarra:
Da gruta de Nemeia, igual saíra Hércules
Inda ajustando o leão à cabeça e às espáduas!
Quando da sombra o ouro surgiu, diante dos homens

Que aguardavam, então, no combinado porto,
Clamor se ergueu da tropa Hemônia. Alegre, a nau
Também moveu-se p'ra encontrar na beira o jovem
Que apressa o passo e se despoja do áureo velo.
Logo, co'a virgem temerosa, sobe a bordo
E, co'a lança na mão, vencedor se consagra.
Aos ouvidos do pai, no entanto, chega o horror
Trazendo à casa o luto e a nova: a fraude e a fuga
Da moça. Então, o triste irmão se lança às armas;
A vila toda logo ajunta-se. Esquecido
Da idade, Eetes corre e de armas se enche a praia –
Em vão: já foge a embarcação, co'as velas soltas.
Ambas as mãos na praia erguiam inda a mãe,
A irmã, as outras mães, as noivas e as donzelas
Colcas iguais a ti, Medeia. Sobressai
A mãe que, só, com alaridos enche os ares:
"Detém a fuga! Traz de volta a nau do mar.
Tu o podes, filha. Aonde vais? Ficam os teus,
Teu pai ainda não irado, o reino e o cetro.
Como te pensas", grita, "só na terra aqueia?
Que lugar há p'ra ti entre as ináquias, bárbara?
Tais são os votos que esperavas no himeneu?
Busquei esta velhice? Oxalá pussede ir
Co'afiadas unhas, qual uma ave, até o ladrão
E sobre o mar, chamar com claro canto aquela
A quem gerei. Foi prometida ao rei albano
E não a ti: não pactuarão contigo os pais,
Ó Esônio, não te ordena Pélias evadires
Furtivamente, nem raptares colcas virgens.
Fica co'o velo – e mais, dos templos, leva tudo!

Mas, por que em vão, me queixo a alguém?
Foi ela mesma]
Ó nefas, que fugiu ardendo em tanto amor.
As coisas voltam-me ora à mente: assi', infeliz,
Foi, dês que os gregos aportaram com seus remos,
Que não te agradam, filha, mais comida ou brinco.
Desde então não tens cor, tuas palavras são tristes
E a face inquieta – a tua alegria sempre estava
No olhar distante. Por que não mo foi predito
P'ra que por genro eu recebesse em casa o Esônide
E não sofresses fuga assim, p'ra que comum
Fosse a impiedade e agora nós ambas iríamos
A qualquer parte? Eu gostaria de ir contigo
À Tessália e a qualquer cidade, inda que hostil".
Assim a mãe e a irmã espalham ais e ululos.
Todas as servas, em clamor de despedida,
Jogam palavras no ar vazio, e o nome chamam.
Porém, ao longe, o vento leva-te e tua sina.
Assim navegam dia e noite. Mais tranqüila
Na volta é a brisa. Conhecidas terras passam,
Quando, de súbito, da popa Érgino disse:
"Esônio, tu, feliz co'o velo conquistado,
Não vês qual sorte ou quais caminhos nos esperam,
Pois o amanhã nos chama aos fins do mar cruel
E às Ciâneas. Tífis, venerando pai, recordo
Dos teus trabalhos entre as rochas. Companheiros,
Mudemos nosso rumo: abramos outras vias
No mar, e o curso que eu disser será seguido.
Não longe daqui está a foz do Histro Cítico,
Que sei no mar não se lançar num braço só:

Sete águas correm, se abrem sete embocaduras.
Busquemos este delta e as ondas que se vertem
Pela esquerda no mar. Seguiremos depois
Do rio o curso, até u'a mansa correnteza
Que nos devolva noutro mar[7]. Mais vale, Esônio,
Qualquer demora que enfrentar de novo as penhas,
Que atravessar os Ciâneos montes: basta a mim!
Pois com inteira popa[8] é que Argo não retorna".
Tal disse, sem saber que os deuses já haviam
Fixado as pedras, que não mais se chocariam.
Respondeu-lhe Jasão: "Piloto fidelíssimo,
Em vão não temes; não me oponho a ir mais longe
Ou a mostrar-me, enquanto volto, a todas terras"!
Logo, então, guinam a outros reinos e lugares,
E buscam praias freqüentadas pelos nômades.
Na popa, atrás do vigilante timoneiro,
Medeia se ajoelhara aos pés da áurea Minerva.
Ali postada, tendo o manto sobre os olhos,
Chorava a só: inda que fosse co'os reis gregos
Não inda estava certa das futuras bodas.
Dela se apieda o litoral do mar Sarmático.
Ela, a chorar, passou por Diana Toanteia[9] –
Não houve lago ou rio Cítio a não chorar,
As Hiperbóreas tempestades comoveram-se

Vendo-a, que há pouco tinha um reino.
Mesmo os Mínias]

[7] Mar Adriático.

[8] Recordem-se os danos sofridos pela nau ao passar por entre os Rochedos Móveis.

[9] No Queroneso Táurico, onde havia um santuário de Diana.

Calam-se e querem já levá-la. Erguia a face
Só quando, às vezes, Jasão dava-lhe comida,
Mostrando que passava o brumoso Carâmbis
Ou o reino Lício. Ele iludia a gemebunda
Dizendo que os Hemônios montes já surgiam.
A ilha de Peuce tem o nome da Sarmátia
Ninfa, onde o Histro, sempre atroz nas duas margens,
Lança no mar os turbulentos afluentes.
Nessa orla, o Capitão enfim manda aportar
E ousa contar, em vez primeira, o pacto aos homens:
A promessa empenhada e o trato conjugal.
Todos o animam e elogiam dela os méritos.
Depois, Jasão começa a erguer à irada Palas[10]
Um altar, sem desprezar da deusa Idália a força.
Se alguma vez belo foi, nunca entre os Mínias
Mais exceliu do que no dia de suas bodas.
Qual Marte, vindo vencedor do Hebro sangrento,
Furtivamente chega à Idália[11] e à Citera,
Ou como o Alcides vai cansado às celestiais
Mesas e logo Hebe, de Juno a filha, o acolhe.
Presentes são propícios Vênus e Cupido
– Que anima a Eétida embargada de tristezas.
A Citereia, com tecidos de açafrão,
A veste e dá-lhe sua coroa geminada

Co'as pedras que arderão cingindo uma outra virgem.
Nova beleza as faces enche-lhe, realça

[10] Palas, que até então fora propiciadora da expedição dos Argonautas, ira-se, uma vez que Jasão leva a cabo sua empresa mais por amor a Medeia que a ela mesma.

[11] Cidade de Chipre, famosa pelo culto a Vênus.

A loura coma, e vai dos males esquecendo.
Qual quando o Almão expurga o pranto
dos Migdônios]
E Cibele, na vila, alegra-se co'as tochas,
Quem pensaria que dos templos saíra há pouco
Tão sevo sangue, ou quem de si recordaria?
Quando Jasão chega co'a noiva às aras sacras,
Os dois se acercam e começam a rezar.
Pólux oferta o fogo e as águas nupciais
E p'ra direita os dois dão volta. Mas aos ares
A branca chama não se ergueu das gordas vítimas,
Nem Mopso viu no incenso a paz ou perenal
Fidelidade – só do amor o breve tempo:
P'r'os dois há ódio e compaixão iguais, ó bárbara,
E para ti já não deseja filho algum.
Logo dispõem a refeição e o sacrifício;
Da farta caça o alegre prêmio a todos basta;
Uns nos espetos, na caldeira outros cozinham.
Depois, recostam-se nos leitos de gramíneas
Na gruta em que o Histro possuíra a arfante Peuce.
Em meio à rósea juventude eles se deitam,
Mais altos sobre seu dourado velocino.
Que novo medo interrompeu os esponsais,
Turbou o leito e os sacrifícios ainda quentes?
Co'a frota de seu pai, Absirto se aproxima,
Brandindo tochas contra os gregos fugitivos,
Chamando a dira irmã aos gritos: "Eia, Colcos,
Se ainda tendes ira e dor, vos apressai.
Não é Jove o raptor que foge ora no mar,

Nem perseguimos de um fingido touro[12] os rastros.
Nefas, no barco o ladrão leva o velocino
Co'a virgem que assim quis e nos deixou – que horror –
Intactas casas e a cidade[13]. O que, afinal,
Me bastará? Já ao velo e a ti não busco, irmã;
Não haverá esperança alguma de tratado
Ou fim p'ras iras. Poderei, então, voltar
P'ra diante de meu pai em tempo assim tão curto?
Só cinqüenta homens e um navio naufragado
Me aplacarão? Grécia falaz, te acossarei
E às tuas muralhas co'este fogo eu buscarei!
Às dignas núpcias teu irmão não faltaria,
Irmã, e já trago e brando as tochas de tuas bodas:
Primo celebro o casamento, pois que o posso.
Peço: do pai desculpa a idade, pois comigo
Os outros todos juntos – povo e senadores –
Estão aqui, p'ra que do Sol, tu, régia virgem,
Aviltada não vás ao tálamo do Hemônio.
Por isso tantas naus e tochas se ajuntaram".
Disse; e chamando homens e ventos outra vez,
Súplice, corre entre os recentes remadores
E, ante os pilotos, novas flâmulas desfralda.
Eles turbam o mar co'as ramagens cortadas
E mais co'os troncos que num dia só, às pressas,
Aparelharam e dos montes seus baixaram –

Que não puderam ira e dor de antigos homens?

[12] Alusão ao rapto de Europa por Júpiter transformado em touro.

[13] Desonra épica de Jasão, uma vez que raptou a mulher sem combater.

N'água, não foge, a frota bárbara persegue
A lesta nau Paládia, até que do Danúbio
Viram a foz e, diante dela, a verde Peuce –
Reconhecendo ali dos mastros de Argo as pontas.
Todos, então, levam clamor e ardor imigos;
Fragor mais forte os remos fazem. Quando, ao longe,
Foi vista a nau, todos os barcos perseguiram-na;
Primeiro, Estiro agarra a âncora naval
De pau nodoso, e das longínquas ondas mira-a
Inflamado outra vez pelo amor conjugal.
Uns já nas mãos tomam as lanças e os escudos,
Outros com pez armam as tochas. Impaciente
Pela demora, ele a haste vibra. Não mais resta
Mar que a arma vede; eles, no entanto, aos gritos, urgem]
E, ruidosos, co'os pés, golpeiam o convés.
Quando no mar os Mínias viram fogo e barcos,
Não o medo apenas lhes surgiu. O capitão,
Deixando a virgem, primo atira-se na popa;
Tira, soberbo, da alta lança o capacete
E, com a espada e o escudo, brilha. Não mais lentos
Na praia os jovens, de arma em punho, se organizam.
Porém, Medeia, que fizeste? Que Pudor
Sentiste ao ver de novo o irmão e os homens colcos –
Tu que te crias já segura co'a distância
Do vasto mar! Logo ocultou-se nu' antro infesto
Credo que morta ela seria se Jasão
Tombasse, ou se ao irmão vencesse a lança grega.
Juno, porém, no céu não tarda. Não suporta
Os Mínias ver em luta extrema, já que em número

Nem de navios nem de Colcos se igualavam.
Logo que a deusa vê chegar a frota imiga,
Na terra adentra e arromba as portas das tormentas
E dos tufões. A turba alada dos irmãos
Irrompe e Juno aponta a esquadra. Todos viram-na
E a um ponto só do mar, de pronto, juntos lançam-se
Co'infesto estrondo. Ergueu-se o mar hostil aos Colcos
E ondas contrárias que na praia se levantam.
De Estiro a vela é arrebatada entre Argo e os Mínias;
No vasto vão de novo, abrupta, ela se abate,
Revolvendo-se n'água. Os barcos vão e vêm,
Todos nos ares, e ao refluxo da onda descem.
A uns sorve o turbilhão; outros, o mar com força
Carrega; e medo em todas faces resplandece.
A tempestade cruel do céu as portas abre.
Porém não cessa inda a violência do árduo Estiro
Que exorta os seus por entre as lutas dos divinos[14]:
“Dará meu dote a Colca à vila que quiser?
E um Hemônio adúltero será meu sucessor?
Entre reis tantos e tão nobres pretendentes
Não me serviu do pai o voto favorável?
Mais vale sua virtude ou segue-se ao mais forte?
Eu jungirei touros de fogo sem magias
E caçarei co'a espada a serpente de Equión.
Contempla, pois, da praia as lutas de nós dois.
Serás do vencedor. Verás digno combate
E, ao mar sangrento, ir-se a cabeça cara, o corpo

Do afeminado aqueu; a olente cabeleira

[14] Juno e os Ventos.

Não mais com mirra, mas com piche,
enxofre e chamas.]
Ondas, levai logo este corpo, e só, à praia:
Eetes e Sol, co'o genro não se vexarão.
Engano-me ou agora ela nos move os ventos
Co'um sortilégio, e eleva o mar co'a dira língua?
Salva-se o Esônide outra vez por sua ajuda?
Não servirão esses murmúrios e esconjuros.
Ide, navios, e parti a onda da virgem"!
Disse, e arrojou-se, co'os soldados, para os remos.
Porém, desfaz-se a nau, por ondas sacudida,
E lança a tropa e o capitão, que inda ameaça
E também busca o litoral co'o braço erguido.
Levando a espada em punho e as armas, ia o náufrago;
Põe-se a buscar remos e bancos da nau soltos,
E às altas popas lança gritos de aflição.
Mas nenhum barco o ajudar pode ou quer, em meio
A tantas ondas. Cada vez que se aproxima,
P'ra trás, de novo, o mar o afasta. O violento
Já sobe e desce, e do imo emerge. Mas u'a onda
Chega e num grande torvelinho sob as águas
O prende – enfim foi pela virgem derrotado.
Pasmo co'a acerba vista, Absirto desespera-se:
Que faz? Com força qual tomar o porto e a foz?
Como atacar os Mínias presos que, frementes,
Já reconhece? O adverso mar e a tempestade
Contrários lutam. Todo mar é um furacão.
Ele, porém, se afasta e volta em ira vã,
Destruída a frota. Pelo lado esquerdo, então,
Co'os homens é levado à praia oposta a Peuce –

Porquanto a ilha parta o Danúbio em dois braços.
Já há muito, a nau Pagásea e os Mínias permanecem
No ancoradouro. Ali, co'a frota imiga, o herói
De Eetes sitia o acampamento dos Tessálios,
Mas, impaciente, não tem chance de lutar:
Noites e dias, entre as vagas, se enfurece,
Até que os planos da Satúrnia se acertaram
E seus cuidados algum termo à guerra acharam.
Porém, os Mínias, desejando o fim das lutas,
Com preces e rumor importunam o Esônide:
Por que os mantém presos em prol de uma estrangeira?
Por que os obriga a suportar tantos perigos?
Antes olhasse as muitas vidas e o destino
Melhor dos seus – que o não seguiram mar adentro
Nem pela Fúria ou vil amor, mas por virtude.
Quando a um só foi permitido o rapto e as bodas?
É tempo, pois: aos gregos basta o velocino
E, devolvendo a virgem, dar fim aos combates.
Que os deixe regressar e que em cruenta guerra
Não lance a Erínia[15] a prima luta entre Ásia e Europa.
Assim fixara o Fado, e Mopso, a tremer súplice
Vaticinava que esta afronta iria aos netos
E que um outro raptor[16] no incêndio a expiaria.
Ele, a gemer, inquieto pelos tantos brados –
Posto que a Lei Divina, os laços conscientes
Do sacro pacto e as doces tochas a comovam –

Hesita e quer a guerra mas pesa os perigos.

[15] Medeia é considerada uma Erínia, porque seria o motivo de uma guerra.

[16] Páris.

Não mais prossegue contrariando os companheiros.
Tendo o acertado, aguardam tempo e mar propícios.
Não permitem, porém, que a própria amante o saiba
E zelam por guardar a triste decisão.
Contudo, o pobre Amor, que move os veros medos –
E os vãos também – , lograr não deixa à jovem virgem.
Embora ocultas, ela sente as artimanhas,
Os sinais da perfídia e o silêncio de todos.
Pensando em si, sem perturbar-se com as súbitas
Ameaças, antes só do Esônide aproxima-se;.
P'ra longe o leva e logo diz-lhe estas palavras:
"Que te falam de mim os jovens fortes Mínias
Noite e dia? Que, enfim, possa eu logo o saber,
Se cativa não sou da embarcação de Pélias,
Nem se, iludida, eu sigo donos – é-me lícito
O vosso plano ouvir. Não temo, fiel esposo!
Porém, tem compaixão e guarda tua promessa
De matrimônio até chegarmos à Tessália –
Repudia-me lá. Bem sabes me juraste –
E não teus. Eles talvez possam voltar
Atrás, contudo não tens tu o mesmo direito.
Comigo levar-te-ei: sozinha eu não respondo
Qual mulher má, pois nesta nau fugimos todos.
Acaso assustam-te as birremes de meu pai
E meu irmão? Perante u'a hoste maior tremes?
Pensas que ajuntam-se outras naus e maior tropa:
Já não confias? Não sou digna dos perigos?
Não mereci teu sacrifício e o de teus homens?
Quisera que sem ti tivessem alcançado
A pátria minha, ou que outro fosse o capitão.

Ora regressam e eis que podem me entregar –
Não há esperança. Escuta, ao menos, meus projetos
E que não cedas ao temor dos companheiros.
Quem creu que tu podias jungir touros de fogo
E quem te levaria ao templo da serpente?
Quem dera meu amor não pudesse por ti
Tudo fazer, ou titubeasse. Indago agora
O que me ordenas. Ó cruel, calas? Teu pudor 460
Que ameaça traz? Devia, Esônio outrora bom, 441
Te implorar súplice – meu pai assim não pensa –
Ou suportar os meus castigos e a maldade
De meu senhor?” Isso falou co’a mente em fúria
Ao que resposta preparava, e deu-lhe as costas
Vociferando. Como a Tíade que Baco
Conduz a Ogígia e com o Aônio tirso a acerta,
Tal era a virgem que, a tremer, lançou-se aos montes.
Foge dos filhos cruéis da terra com suas lanças;
Apavorada, dos ardentes touros foge.
Porém, se visse, enfim, da Págasa ou do Pélio
As nuvens, e do Tempe a luminosa bruma,
Morreria contente. O dia todo, então,
Passa entre as queixas. Anda só sob as estrelas.
Qual noite cheia de uivos tristes ela ulula,
Qual ferozes leões que esfomeados rugem
Ou como as vacas que, perdendo as crias, choram.
A honra da raça, do avô – o Sol – a grande glória
E a jovem bárbara beleza desvanecem-se
Do que era quando ela levou à nau Aônia 461
O radiante tosão, e pôs-se ovante à proa
Como outra Palas, entre os nobres nomes gregos.

Jasão hesita ante a ameaça e a ira dos Colcos.
Pudor, de um lado, e a decisão dos seus, do outro,
O oprimem, mas tenta afagá-la em seus soluços.
Ele mesmo, a gemer, falando abranda os ditos:
"Crês que eu o mereça, ou que deseje, tudo assim"?

Aqui se interrompe narrativa dos *Cantos Argonáuticos*, antes do fim da expedição. Contudo, seguindo a tradição literária do mito, Absirto foi assassinado por Medeia e Jasão, e seus membros foram lançados pelo caminho da fuga a fim de atrasar os exércitos Eetes, que os perseguiam. Depois disso, após os percalços que levam os argonautas aos desertos da Líbia, a nau Argo retorna finalmente ao porto de Iolcos, de onde partiu para o céu, em sua viagem, transformada em costelação.

Bibliografia

A. Torres-Murciano (2005), "El Proemio de Valerio Flaco – Una lectura retórica". *CFC (L).* 79-100.

D. Hershkowitiz (1998), *Valerius Flaccus's Argonáutica – abbreviated Voyages in Silver Latin Epic*. Oxford.

F. Coulson (1986), "New evidence for the circulation of the text of Valerius Flaccus." *CPh.* 58-60.

F. Ripoll (2003), "*Perfidus tyrannus:* le personnage d'Eétès dans les *Argonautiques* de Valérius Flaccus". *IL.* 3-10.

G. Dumézil (1988). *Le Crime des Lemniennes – Rites et légendes du monde égéen.* Paris.

H. Casanova-Robin (2004), "Le corps de Médée chez Valérius Flaccus: un élément d'une poétique de la pasión". *IL*. 3-10.

J. Mozley (1934), *Valerius Flaccus.* The Loeb Classical Library. London.

J. Strand (1972), *Notes on Valerius Flaccus Argonautica*. Götemborg.

M. Nisard (1868), *Lucrèce, Virgile, Valérius Flaccus – oeuvres complètes avec la traduction em français.* Paris.

R. Getty (1940), “The Introduction to *Argonautica* of Valerius Flaccus”. *CPh*: 259-273.

S. Moreda (1996), *Valerio Flaco – Las Argonáuticas*. Akal. Madrid.

V. Ussani (1955), *Studio su Valeriu Flacco*. Roma.

W. Ehlers (1980). *Gai Valeri Flacci Setini Balbi Argonauticon libros octo*. Biblioteca Teubneriana Stuttgart.

W. Garson (1963), “The Hilas Episode in Valerius Flaccus' *Argonavtica*”. *CQ*. 260-267.

W. Garson (1964), “Some Critical Observations on Valerius Flaccus' *Argonavtica*. I”. *CQ*. 267-279.

W. Garson (1965), “Some Critical Observations on Valerius Flaccus' *Argonavtica*. II”. *CQ*. 104-120.

W. Summers (1894), *A Study of The Argonautica of Valerius Flaccus*. London.

Volumes publicados na *Colecção Autores Gregos e Latinos – Série Textos Latinos*

1. Márcio Meirelles Gouvêa Júnior: *Gaio Valério Flaco. Cantos Argonáuticos*. Tradução do latim, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

Impressão:
Simões & Linhares, Lda.
Av. Fernando Namora, n.º 83 - Loja 4
3000 Coimbra

Inserido na tradição da poesia épica latina, cujo teor ideológico patriótico remontava às manifestações arcaicas do gênero, Valério Flaco compôs, no último quartel do século I d.C., os *Cantos Argonáuticos*. Escrito inicialmente para celebrar os feitos navais de Vespasiano, que durante o principado de Cláudio participara da expedição que concluíra pela primeira vez o périplo do mar da Caledônia, o poema épico tem por temas a mítica viagem inaugural da nau Argo, o primeiro navio a singrar o mar até então desconhecido, e as aventuras e os percalços de Jasão e dos heróicos Argonautas na busca pelo Velocino de Ouro. Entretanto, em sua constante adaptação dos modelos literários à realidade latina, Flaco fez de seu *epos* argonáutico um canto de celebração da grandeza de Roma.